

PRIMEIRA PARTE

PROGRAMA

- INTRODUÇÃO
- NÍVEL I
- NÍVEL II
- ATIVIDADES AGRÍCOLAS E PASTORIS

INTRODUÇÃO

AS FASES

Dentro do programa maior de trabalho do Departamento de Educação — e em harmonia com os planos globais da atual Administração do Ensino — situam-se os projetos básicos da Chefia do Ensino Primário:

I. Reformulação do Currículo e dos Programas do Ensino Primário do Estado; II. Reorganização da orientação pedagógica em toda a rede escolar.

O Ato número 148, de 31 de maio de 1967 constituiu “Grupo de Trabalho com a incumbência de elaboração de projeto para reorganização do currículo e dos programas do curso primário do Estado”. “Diário Oficial” de 1.º de junho de 1967, pág. 20 :

“Ato n.º 148, de 31 de maio último

O Secretário de Estado dos Negócios da Educação, no uso de suas atribuições, e considerando,

que o ensino primário sobreleva em importância aos demais graus de ensino, não apenas porque atinge o maior número de educandos, como também porque é fator básico no desenvolvimento de habilidades e atitudes essenciais à convivência democrática,

que por isso mesmo, a organização do currículo e dos programas desse nível de ensino, devem ser feitos de modo a propiciarem oportunidades educativas consentâneas com as finalidades da escola primária numa sociedade democrática, e considerando finalmente,

que a atual organização curricular e programática tem permanecido inalterada durante muitos anos, dificultando e mesmo invalidando na prática um esforço sistemático de renovação pedagógica, resolve:

Artigo 1.º — Fica constituído Grupo de Trabalho com a incumbência de elaboração de projeto para reorganização do currículo e dos programas do curso primário do Estado.

Artigo 2.º — Farão parte desse Grupo de Trabalho:

Coordenador: Chefe do Ensino Primário;

Membros:

(1) um representante das Delegacias de Ensino Elementar;

(1) um representante do Serviço de Orientação Pedagógica do Ensino Primário;

(1) um representante do Serviço de Expansão Cultural;

(1) um representante do Grupo Experimental “Dr. Edmundo de Carvalho”;

(1) um representante do Serviço de Saúde Escolar, do Departamento de Educação;

(1) um representante do IBECC;

(1) um representante do CRPE “Prof. Queirós Filho”;

(1) um representante do Departamento de Educação Física e Esportes;

(1) um representante do Grupo de Estudo do Ensino da Matemática;

(1) um representante da Assistência Técnica do Ensino Rural.

Parágrafo único — Dentro de (5) cinco dias a contar desta data, os serviços de órgãos indicados, encaminharão os nomes de seus representantes ao Chefe do Gabinete do Secretário da Educação.

Artigo 3.º — Os demais serviços técnicos do Departamento de Educação prestarão ao Grupo de Trabalho, constituído por este ato, toda a colaboração que lhes fôr solicitada.

Parágrafo único — O Coordenador do Grupo fica autorizado a manter entendimentos com Secretarias de Educação de outros Estados, bem como as entidades oficiais e particulares que puderem contribuir para os estudos a serem realizados.

Artigo 4.º — O estudo de que trata o Artigo primeiro deverá ser concluído e encaminhado dentro de (60) sessenta dias a contar da designação dos membros do Grupo de Trabalho.

Artigo 5.º — Este Ato entrará em vigor na data de sua publicação.

São Paulo, 31 de maio de 1967

Antônio Barros de Ulhôa Cintra”.

O Grupo de Trabalho iniciou suas atividades no mês de agosto, vencendo as seguintes etapas: análise do “Documento Inicial”, preparado pela Chefia do Ensino Primário; aprovação de plano de trabalho; organização de subgrupos, por áreas de estudo — dos quais participaram colaboradores e assessôres de cada órgão representado; análise de

subsídios preparados pelos Delegados do Ensino de todas as Regiões; discussão de cada documento.

Em um segundo momento, a coordenação reviu todo o material; o Grupo de Trabalho reexaminou e fixou o texto — agora submetido à análise de quatrocentos orientadores pedagógicos de todo o Estado, reunidos em seminário de três semanas.

As contribuições colhidas foram apreciadas pelo Grupo de Trabalho. O Programa ora apresentado é o resultado de todo esse processo de elaboração.

O ESPÍRITO

A reorganização do Currículo e dos Programas baseou-se em itens considerados pacíficos:

- 1 Tão-só novo Programa não dará os instrumentos necessários ao aperfeiçoamento e progresso da Escola Primária do Estado. Toda a rede escolar carece de providências, em profundidade, que constituem reformas totais, assim para atender ao aspecto quantitativo como qualitativo.
- 2 Busca de uma filosofia de educação primária verdadeiramente fundamental, estruturalmente básica: escola primária “comum”, na medida em que se identifica com os ideais do Povo e da Nação.
- 3 Programa singelo: que deve a criança aprender?; o que pode a criança aprender?; e quando?; e, principalmente, para quê?
- 4 Currículo e Programa constituem “medidas” para um mínimo de escolaridade, a qual assegura comunidade nacional e oportunidade para progresso mediato ou imediato, de acordo com aptidões pessoais, condições do meio e da escola.

IMPLICAÇÕES

*9700s
programa*

O novo Programa da escola primária paulista não se completa em si: despojado das tradicionais indicações metodológicas — antes, até com minúcias de técnicas e receituários —, é extremamente flexível; com conteúdo funcional; propicia desenvolvimento de processos criadores e de espírito de pesquisa; valoriza a capacidade individual. Nêle, o Professor se realiza com ampla liberdade de contribuição, esquecida a data do ano letivo em que já deverá ter dado tal ou qual “ponto”.

*9700s
orientar*

As sugestões metodológicas, os subsídios, as indicações, a proposta de experiências válidas, que mereçam seguimento e aplicação — tudo isto constitui tarefa do segundo projeto: reorganização da orientação pedagógica, já em execução. Os centros-pilotos, dirigidos por técnicos permanentemente em estudos e experiências, serão forças multiplicadoras de uma assistência e aperfeiçoamento continuados.

A este Programa se seguirão publicações especializadas, de cada disciplina, nas quais estarão interpretações e sugestões esclarecedoras. E não somente uma.

De outro lado, alterada a estrutura muito antiga da escola primária, baseada em seriação rígida (completa e autônoma), a nova concepção de “níveis”, sem exames anuais para promoção, fatalmente

exigirá medidas complementares. Elas virão, a seu tempo, esgotado o período inicial de observação.

Do que se conclui: Programas, assistência pedagógica e providências técnico-administrativas se completam e são indispensáveis.

IMPLANTAÇÃO

O caráter experimental do Programa é confirmado pelo complexo de medidas programadas: sua adoção é imediata e geral, mas caminhará amparado por aquelas providências referidas.

Os centros-pilotos de orientação pedagógica (setores regionais) têm, em 1968, a grande tarefa da análise, divulgação e preparação de documentos esclarecedores. Toda uma programação de cursos propiciará oportunidades de estudos demorados; seminários periódicos apurarão críticas; encontros regionais, a partir do segundo semestre e outro, específico, por ocasião do encerramento do ano letivo, constituirão aferição útil para uma revisão objetiva e vivida. E esse processamento não se poderá contentar com um segundo esforço de melhoria: será permanente.

Ressalve-se: cada centro-piloto se deverá constituir em célula viva de reflexão, experimentações e agressividade suficiente para modelarem suas próprias expansões e limitações — alimentadores conscientes das ordenações baixadas pelo órgão técnico superior, que é a Chefia do Ensino Primário, do Departamento de Educação.

CONCEITO DE EDUCAÇÃO PRIMÁRIA (Considerações Preliminares)

No tocante ao ensino primário, as duas exigências fundamentais são: expansão do atendimento e melhoria qualitativa. Exigências que precisam

ser enfrentadas conjuntamente e não de modo alternativo como, equivocadamente, tem sido feito até hoje nas tentativas de planificação do ensino pri-

mário. Pois o "deficit" de vagas tem de tal modo sido sobreposto aos demais problemas, que a melhoria da qualidade apenas mereceu tratamento parcial e aleatório, e por isso mesmo sem resultados expressivos e cumulativos. Essa situação tem se agravado tão rapidamente nos últimos anos, que a ninguém escapa, nem mesmo ao leigo, a flagrante deteriorização dos padrões de ensino oferecido nas escolas primárias. No entanto, tal constatação não deve conduzir ao erro oposto do que tem sido cometido. Expansão da rede e melhoria do ensino não são e não podem ser objeto de uma opção que seria absurda, pois nem o reerguimento do ensino primário pode ser remetido para o tempo em que a última criança encontra vaga nas escolas, nem a ampliação do atendimento pode ser detida até que se complete uma renovação dos padrões do ensino. Ambos os problemas exigem uma abordagem conjunta e integrada.

No que diz respeito à melhoria qualitativa do ensino, a tarefa é muito complexa, porque sob essa expressão não se pode entender apenas a renovação de métodos, mas esforço mais amplo que abranja todas as dimensões do processo educativo. Para isso é necessário o rompimento com uma concepção das funções sociais da escola primária, que insiste em ver nesta instituição a agência realizadora de uma tarefa que, na verdade, supera as suas efetivas possibilidades de atuação. Pretender, por exemplo, que num contexto urbano-industrial em elevado estágio de desenvolvimento, a escola primária forme a personalidade integral do educando, não é, de maneira alguma, valorizar-lhe as funções. É antes uma colocação ingênua e até certo ponto prejudicial por que, desconsiderando as reais possibilidades de ação da escola primária, lhe propõe objetivos que, por inatingíveis, não propiciam ao processo educativo a orientação necessária à sua organização e desenvolvimento. Uma instituição que retém a

criança durante apenas algumas horas do dia, quase sempre empobrecendo o seu ambiente, não pode nem deve se propor à formação integral de personalidade dessa criança porque essa é uma tarefa irrealizável nessas condições. Mas pode e deve procurar exercer uma influência integradora das experiências que a criança viva, dentro e fora da escola, com vistas ao desenvolvimento harmônico da personalidade do educando. Não é possível formar integralmente criança no pedaço de vida que ela passa na escola, mas esse período pode ser o ponto de partida para o desenvolvimento de hábitos e atitudes que permitam à criança — sob a orientação do professor — uma integração de todas as suas experiências. No pouco tempo em que retém o educando, a escola não mais pode propiciar-lhe a extensa gama de oportunidades de experiência educativa que seria desejável, mas nada impede que a ação da escola extravase os seus próprios muros e alcance a criança nos ambientes em que vive. No entanto, para isso é preciso que os padrões da atividade escolar sejam reformulados e adaptados à estrutura da sociedade na qual a escola se insere, de modo que essa agência educativa possa pretender à realização de uma integração e orientação das influências que a criança sofre.

Não há, entretanto, somente um único caminho capaz de conduzir a essa reestruturação do processo educativo. Por isso não é necessário nem conveniente que o ensino primário do Estado se organize segundo um único modelo, mas antes é desejável que se multipliquem as tentativas experimentais. Tais tentativas — ainda que de pequena extensão num primeiro momento — acabarão por exercer decisiva pressão no sentido de vencer a inércia que tem imobilizado o ensino primário paulista num esforço meramente alfabetizante. As próprias comunidades acabarão por se mobilizar para conse-

guir que as escolas que as servem sejam organizadas segundo os padrões de um ensino renovado, compreendendo que a simples criação de escolas não pode constituir meta definitiva de suas reivindicações, pois nenhuma verdadeira reforma escolar se implantará enquanto as comunidades se contentarem com as más escolas.

Daí a orientação seguida na elaboração do atual Programa. Singelo, simples balizamento de um trabalho, que tomará a sua feição definitiva na própria sala-de-aula. Fugindo às especificações minuciosas, não se pretende apenas que êle seja simples. Mas que essa simplicidade seja uma condição de diferenciação e de complementação, que se fará levando em conta as características peculiares a cada comunidade em que a escola viva. Somente assim — básico e comum —, haverá o ensejo para que a escola realize a experiência de integradora de experiências. Mesmo a velha polêmica de um programa, formalmente diferenciado, para o campo e para a cidade, fica agora superada. Nem para o campo e nem para a cidade, mas básico e comum, e por isso mesmo com condições de universalidade, quase diríamos, de brasilidade. As adequações, os ajustamentos, os acréscimos necessários ficam agora na dependência de uma única variável: a capacidade de se fazer uma escola que seja realmente parte viva e integrante do meio em que se insere.

Nem se diga que a tarefa assim concebida sobrepassa a capacidade do professor, que poderá não conseguir utilizar, proficientemente, a ampla margem de liberdade que lhe é dada. Não o cremos. Porquê, a crer nisso, mais valeria renunciar ao esforço de uma reorganização do ensino primário. Nenhuma fórmula, nenhum modelo, ainda que minuciosamente concebido, dispensará o trabalho criador do professor. A minúcia programática e a precisão da indicação metodológica nunca substituirão um trabalho que, num primeiro nível, é da responsabilidade do professor, e num segundo, das autoridades escolares e da própria comunidade. Dessa forma, o presente Programa — uma idéia que se oferece à reflexão e à experimentação dos educadores paulistas — é sobretudo a renúncia de uma ilusão. A ilusão de que uma metodologia, prolixamente explicada e uniformemente implantada, criará condições, por si só, de uma efetiva renovação do Ensino Primário.

Este Programa é um primeiro passo. Outros virão. Nem todos da responsabilidade de uma administração central. E do seu conjunto espera-se o início de uma transformação que não poderá ser atribuída a uns poucos, mas a todos que detêm uma parcela de responsabilidade com relação ao Ensino Primário paulista.

OBJETIVOS DO ENSINO PRIMÁRIO

A Escola Primária tem finalidade soberana: ensinar a criança a pensar. "Pensar é criar". Há um mundo físico para ser identificado; uma sociedade e uma Pátria para delas participarmos res-

ponsavelmente; uma sensibilidade para ser aflorada, apurada e enriquecida. A Escola Primária é que apresenta as primeiras condições ordenadas para êsse difícil e permanente aprendizado.

O ensino primário deve propiciar condições para que a criança:

- 1 Desenvolva hábitos e atitudes adequados em relação à saúde e ao desenvolvimento físico.
- 2 Raciocine com lógica e clareza.

- 3 Aprenda a ler, escrever e calcular com precisão e desembaraço.
- 4 Adquirir conhecimentos adequados a seu nível de desenvolvimento.
- 5 Desenvolva a criatividade.
- 6 Tenha responsabilidade.
- 7 Desenvolva a sociabilidade.

INTERPRETAÇÃO DO PROGRAMA

O Programa para o ensino na Escola Primária procura, intencionalmente, ser singelo: sem excessos, sem disciplinas e conteúdos exaustivos e repetidos que perturbam o fundamental. Atenta para o mínimo e básico, preocupado com uma "escolaridade primária" que deve ser comum ao País inteiro: a Escola Primária há de aspirar a dotar as crianças de sentimento de brasilidade e de aquisição de recursos integradores e criadores.

Ao lado da Educação permanente, a instrução para preparo prático, com atividades que se caracterizem como iniciação ao trabalho. Mentalidade para o que deve ser aprendido e pode e para quê: para uma finalidade prática; para dotação de instrumental válido para a vida.

O ensino na Escola Primária é ministrado em quatro anos e compreende dois níveis: Nível I, primeira e segunda série (dois anos letivos); Nível II, terceira e quarta série (dois anos letivos).

Exame de promoção somente do primeiro para o segundo nível. O ensino no Nível I se caracteriza predominantemente por seu aspecto prático — sem "pontos" que devam ser "dados". A segunda série do Nível I revê, consolida — e aprofunda, amplia, se possível. É eixo do Nível I, razão-de-ser, a Língua

Pátria: aquisição do mecanismo da leitura (podendo prolongar-se por toda a segunda série); entendimento de textos; falar, ler e escrever como prática diária; expressão oral (conversar, expor) e escrita (compor).

O Nível II é que providenciará ensino sistemático, já abeirando ao aspecto normativo.

Áreas de Estudo:

- 1 Língua Pátria
- 2 Matemática
- 3 Estudos Sociais
- 4 Ciências
- 5 Saúde
- 6 Educação Física
- 7 Iniciação Artística

"Iniciação Artística" engloba desenho, canto/música, poesia, teatro/dramatização, trabalhos manuais, jogos/recreação e aquelas atividades que despertem o bom-gosto, agucem a sensibilidade, expandam o poder criador. Não há "programa": a Arte está em todas as práticas educativas.

A Educação Cívica, se de um lado está presente, concretamente, em uns tantos atos escolares — festas e comemorações, por exemplo —, de outro lado

é rebelde a programação. Educação Cívica há de se encontrar em todos os momentos de docência.

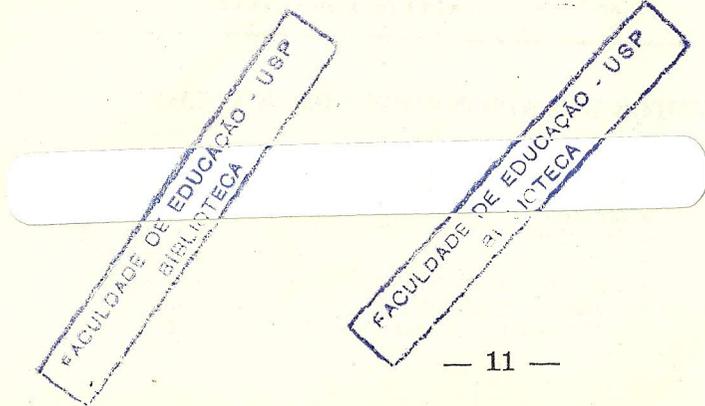
O Programa afasta-se de qualquer compromisso metodológico. Sugere o que deve ser ministrado — e sem estabelecer metas quantitativas finais — mas cala-se quanto ao “como” ensinar. A Escola é criadora de condições; é compreensiva; é estimuladora — valoriza e orienta — sem fórmulas permanentes e pronunciamentos definitivos.

O mesmo se diga quanto à avaliação, que é indispensável mas não uniforme.

O Programa é experimental, mas a experiência não ficará esquecida, sem eco, na sala-de-aula. Irão acompanhá-lo e aferi-lo todos os centros-pilotos de “orientação pedagógica”, instalados nas regiões escolares.

E, como sempre, ao Professor compete dar-lhe vida e engrandecê-lo.

NÍVEL I
PERÍODO PREPARATÓRIO



CONCEITO

Para que a criança inicie sua aprendizagem escolar, deve ter dominado certas habilidades — visuais, auditivas, motoras, de orientação e de linguagem — através de uma preparação e aprendizagem longas, e vencido estágios gradativos de maturidade.

Essas habilidades básicas são apreendidas de forma natural, no decorrer da infância. Se suficientemente praticadas pela criança, concorrerão para que, na época oportuna, seja garantido o êxito escolar.

Há, entretanto, número relativamente grande de crianças que, ao entrar na escola, ainda não dominou perfeita ou completamente tais habilidades. Qualquer deficiência nessa aquisição torna o ensino mais difícil ou mesmo improficuo. Nesse caso a tentativa de ensinar resulta quase sempre em fracasso e frustração que podem condicionar no indivíduo a formação de uma atitude de permanentemente desinterêsse pelo estudo.

Justifica-se, portanto, um período preparatório. Essa etapa dará ao professor a oportunidade de verificar as condições de “prontidão” com que seus alunos se apresentam e lhe permitirá precisar quais as crianças que podem ser iniciadas, sem demora, no ensino formal, quais as que necessitam de assistência para a correção dos defeitos da visão, audição, fala e outros, que deverão ter treino mais longo, desenvolvendo um programa de atividades em que sejam supridas as experiências que faltaram na fase pré-escolar.

OBJETIVOS

- 1 Ajudar a criança a adaptar-se à situação escolar.
- 2 Dar oportunidade ao professor para conhecer e atender à criança nos múltiplos aspectos de sua personalidade.

OBJETIVOS

CONTEÚDO

I — ASPECTOS RELACIONADOS COM A VISÃO

- Desenvolver a habilidade de distinguir semelhanças e diferenças.
- Discriminação visual em:
 - pessoas
 - objetos
 - desenhos
 - linhas
 - figuras geométricas
 - símbolos gráficos
- Verificação da acuidade visual.
- Quanto à:
 - tamanho
 - posição
 - pormenor
 - quantidade
 - qualidade
 - côr
 - forma

II — ASPECTOS RELACIONADOS COM A AUDIÇÃO

- Desenvolver a habilidade de perceber sons.
- Percepção e discriminação auditivas :
 - de sons não-vocais
 - de sons vocais
 - de sons em palavras
- Verificação da acuidade auditiva.
- Quanto à:
 - origem
 - intensidade
 - ritmo
 - melodia

III — ASPECTOS RELACIONADOS COM A COORDENAÇÃO MOTORA

- Desenvolver o controle dos grandes e pequenos músculos, utilizados na reprodução dos sinais gráficos.
- Coordenação:
 - do corpo todo (postura e relaxamento)
 - dos grandes músculos
 - dos pequenos músculos
 - das mãos e dos olhos
 - do movimento ocular
 - do movimento ritmado (espacial e com traçado)
- Na reprodução de:
 - símbolos numéricos
 - figuras geométricas
 - letras
 - palavras

IV — ASPECTOS RELACIONADOS COM A ORIENTAÇÃO ESPACIAL

- Desenvolver a aquisição da noção de espaço.
- Percepções e discriminações quanto à:
 - lateralidade
 - posição
 - distância
 - direção

V — ASPECTOS RELACIONADOS COM A ORIENTAÇÃO TEMPORAL

- Desenvolver aquisição da noção de tempo.
 - Percepção:
 - ritmos
 - movimentos em seqüência
 - Tempo (hoje, ontem, amanhã, cedo, tarde, etc.).

VI — ASPECTOS RELACIONADOS COM A IDEIA DE VALOR

- Levar à compreensão do valor.
 - Noção de quantidade: muito, pouco, bastante, nada, nenhum, igual, diferente, maior, menor, etc.
 - Noção de qualidade: bom, mau, caro, barato, etc.

VII — ASPECTOS RELACIONADOS COM A AQUISIÇÃO DE CONHECIMENTOS E DA CONDUTA SOCIAL

- Dar expansão ao poder criador e atender às necessidades sociais de comunicações.
 - Desenvolver o interêsse em relação à aquisição de:
 - conhecimentos
 - hábitos
 - atividades adequadas
 - Aperfeiçoar a comunicação quanto ao :
 - enriquecimento do vocabulário geral e específico
 - contrôle emocional

LÍNGUA PÁTRIA

CONCEITO

A finalidade específica da Escola Primária é dotar a criança da capacidade de expressão, assim falando como escrevendo. Expressar-se é compor. Toda a preocupação é a de dotar o estudante do poder de criar. A composição exige plano, orientação, interesse, estímulo, ensino. Seja para a composição livre (prática ou imaginativa), todos os recursos têm validade: desde completar ou formar orações, reproduzir — até compor estórias. Bom ensino da Língua Pátria é o bom ensino de leitura integral e de composição plena. Composição para finalidade prática: carta, bilhete, recado, telegrama, convite, dedicatória, relatório, recibo, ata, etc. — ou com preocupação artística: tudo o mais que se

escreva fora dos esquemas comuns, com acentuada interpretação pessoal.

OBJETIVOS

- 1 Levar a criança a expressar precisa e corretamente suas idéias.
- 2 Favorecer o enriquecimento do vocabulário e seu uso de forma fluente e significativa.
- 3 Desenvolver as técnicas específicas da linguagem: falar, ouvir, ler e escrever como veículo de integração ao meio social.
- 4 Levar a criança a ser capaz de apreciar o que é significativo e belo na linguagem escrita e falada.

LEITURA

— Aprendizagem da leitura (pré-livro, livro-cartilha ou cartilha e livro básico).

— Recreativa: leitura como lazer.
— Informativa: leitura como aquisição de conhecimentos.

OBJETIVOS/MEIOS

I — APRENDIZAGEM DA LEITURA

- Levar a criança a dominar a leitura.
- Formar vocabulário básico de leitura: reconhecer e compreender o significado das palavras.

- Desenvolver habilidades de compreensão: — Leitura silenciosa dirigida.
 - determinar a idéia principal
 - identificar pormenores
 - estabelecer a seqüência dos fatos
 - apreciar o material lido.

- Formar e desenvolver hábitos, atitudes e habilidades de leitura oral: — Leitura oral
 - expressão
 - entonação de voz
 - ritmo
 - pronúncia

- Favorecer o enriquecimento da expressão.

II — LEITURA RECREATIVA

- Valorizar a leitura como fonte de recreação.
 - Organização da biblioteca.
 - Utilização da biblioteca.
 - Incentivo da leitura espontânea.

III — LEITURA INFORMATIVA

- Formar e desenvolver habilidades de leitura para aquisição de conhecimentos. — Utilização da leitura para aquisição e fixação de conhecimentos.

COMPOSIÇÃO ORAL E ESCRITA

- Composição imaginativa.
- Composição prática.
- Dar expansão ao poder criador: — Conversa.
 - desenvolvendo a capacidade de pensar e de organizar idéias.
 - desenvolvendo a habilidade de expressar clara e corretamente o pensamento.
- Estória.
- Dramatização (representação de estórias).
 - História (autobiografia).

- Atender à necessidade social de comunicação:
 - desenvolvendo a capacidade de pensar e organizar idéias
 - desenvolvendo a habilidade de expressar clara e corretamente o pensamento
 - levando ao domínio de algumas técnicas da composição
- Desenvolver as habilidades e formar atitudes e hábitos de audição para:
 - recrear-se
 - obter informações
 - avaliar
- Valorizar a expressão escrita como instrumento de comunicação do pensamento.

— Discussão e relatório.
 — Organização e transmissão de bilhetes, recados, avisos, convites, notícias, informações, ordens.

— Estórias, poesias, etc.
 — Entrevistas, conversas, discussões, etc.
 — Dramatização, câno falado.

— Composições práticas e imaginativas.

ESCRITA

- Iniciar a criança no desenvolvimento de habilidades, hábitos e atitudes essenciais à escrita.
- Intensificar o desenvolvimento das habilidades de escrita: legibilidade e rapidez, respeitando os caracteres individuais.
- Levar a criança a observar as próprias falhas, alcançando padrões de escrita.

— Escrever imitando o professor.
 — Copiar.

— Escrever independentemente

— Observar o traçado correto das letras.

INICIAÇÃO GRAMATICAL

- Levar à aquisição das formas corretas da grafia dos vocábulos.

— Ver, ouvir, pronunciar e escrever o vocábulo; as sílabas; as letras.
 — Induzir princípios simples de Ortografia.

- Desenvolver, incidentalmente, a expressão correta do pensamento, utilizando a leitura, a composição oral e a composição escrita.

- Organizar orações.
- Empregar a pontuação.
- Observar o emprêgo de maiúsculas e minúsculas: do parágrafo: do travessão e do hífen.
- Exercitar a concordância.
- Reconhecer os tempos verbais (presente, pretérito e futuro).

MATEMÁTICA

CONCEITO

O ensino da Matemática na Escola Primária tem como objeto de estudo a formação de conceitos, o estabelecimento de relações numéricas e espaciais, compreensão das operações com números e fatos geométricos.

Os vários conteúdos, tratados dentro de nova estruturação, permitem o desenvolvimento da compreensão e da criatividade, encorajam a descoberta de ideais e generalizações.

OBJETIVOS

Com o estudo da Matemática espera-se que a criança:

1. Desenvolva seu pensamento de tal forma que se torne capaz de:
 - abstrair (pensar também na ausência de objetos concretos);
 - analisar (perceber os vários elementos existentes no objeto);
 - sintetizar (compor com vários elementos um todo completo).

2. Venha:

- a classificar, ou seja, agrupar objetos ordenados segundo uma relação de coordenação e subordinação;
 - a ordenar, isto é, agrupar os objetos de acordo com as semelhanças percebidas e seriá-las segundo suas diferenças quantitativas.
 - a comparar, isto é, perceber as diferenças e semelhanças entre os objetos;
 - a raciocinar, isto é, ser capaz de estabelecer relação entre os fatos.
3. Compreenda a linguagem matemática, possibilitando o uso claro e preciso da representação simbólica que lhe é pertinente.
 4. Forme hábitos e métodos de trabalho:
 - desenvolva técnicas de pesquisa;
 - desenvolva a capacidade de avaliar o trabalho realizado.
 5. Perceba que o estudo da Matemática é atraente e concorre para o desenvolvimento posterior nos mais variados campos do conhecimento da vida prática.
 6. Desenvolva sua criatividade e sensibilidade estética na medida em que perceba a ordem e harmonia existentes nas relações matemáticas.

INSTRUÇÕES PARA A LEITURA, COMPREENSÃO E APLICAÇÃO DO PROGRAMA DE MATEMÁTICA

Ao elaborar o Programa de Matemática procurou-se encontrar uma forma gráfica que favorecesse o mais possível sua compreensão e aplicação.

Considerando que a Matemática inclui campos variados, em cujo conhecimento a criança deverá ser introduzida simultaneamente, mas aos quais deverá

voltar para tratá-los, cada vez em maior profundidade, dispôs-se o conteúdo programático em colunas paralelas, que, lidas no sentido vertical, darão de certa maneira a seqüência a ser imprimida ao ensino, e lidas no sentido horizontal darão a profundidade a ser atingida.

Assim, no Nível I, pretende-se que o professor inicie seu trabalho pelo Sistema de Numeração Decimal, mas introduza Adição, Subtração, Multiplicação e Divisão na medida em que o conhecimento assimilado possibilite uma nova aquisição. Estes itens deverão ser abordados, tanto quanto possível, concomitantemente, mas a passagem à coluna subsequente ficará condicionada a ter sido esgotada a anterior.

Os itens «Medida», «Geometria» e «Fração» deverão ser desenvolvidos simultaneamente com os demais, ou posteriormente a qualquer deles, segundo o bom discernimento do professor, e distribuídos por todo o Nível I.

Se o desenvolvimento da classe corresponder à expectativa, a matéria das duas primeiras colunas constituirá objeto de estudo do primeiro ano escolar, exceto nos itens «Medida», «Geometria» e «Fração» que se distribuem unicamente em duas colunas, cabendo uma a cada ano escolar e no item «Multiplicação e Divisão» que se distribui em três colunas, sendo que a primeira corresponde ao primeiro ano escolar e as outras duas, ao segundo ano escolar.

- Sistema de Numeração Decimal.
- Adição e Subtração de Números Naturais.
- Multiplicação e Divisão de Números Naturais.
- Fração
- Medida.
- Geometria.

I — SISTEMA DE NUMERAÇÃO DECIMAL

OBJETIVOS

Visa-se neste item criar condições:

- à associação do nome do número (numeral) a uma quantidade;
 - à compreensão que cada número contém uma unidade a mais do que o antecedente (exceção feita ao zero);
 - à compreensão dos ordinais;
 - à formação dos numerais dos números maiores que 9 (base 10):
- a) à compreensão de que o valor do algarismo depende de sua posição no numeral;
 - b) à compreensão da dezena como formada por 10 unidades, da centena como formada por 10 dezenas, do milhar como formado por 10 centenas;
- à formação do conceito de igualdade e desigualdade;
 - à compreensão da dúzia como formada por doze elementos;
 - ao reconhecimento de números pares e ímpares.

CONCEITO DE NÚMERO

C O N T E Ú D O

- Fazer correspondência entre conjuntos.
- Ordenar quantidades.
- Ler e escrever numerais de 0 a 9.

- Identificar, sem contar, pequenas quantidades.
- Agrupar uma mesma quantidade de diferentes maneiras.
- Formar grupos com um determinado número de elementos, especificando o número de grupos formados e o número de elementos restantes. Exemplo com 5 elementos: 2 grupos de 2 e resta 1, ou 1 grupo de 3 e restam 2, etc.
- Comparar números usando os símbolos igual a ($=$) e diferente de (\neq).
- Agrupar uma mesma quantidade de diferentes maneiras.
- Dezenas — Formar grupos de dez, especificando as dezenas e o número de elementos restantes (unidades).
- Conceito de par e ímpar: dado um grupo com um determinado número de elementos, ver se é ou não possível separá-lo em dois grupos com um mesmo número de elementos.
- Ler e escrever numerais de números de 0 a 100.
- Comparar números usando os símbolos $=$ e \neq .
- Centenas — Formar grupos de cem (10 grupos de 10), especificando o número de grupos de cem (centena), o número de grupos de dez (dezena) e o número de elementos restantes (unidade).
- Dúzia: Formar o conceito de dúzia, meia dúzia, duas dúzias etc..
- Ler e escrever numerais de números até 1.000.
- Comparar números usando os símbolos maior que ($>$) e menor que ($<$): $4 > 2$, $2 < 4$.
- Milhar — Formar o grupo de mil. 10 grupos de 100 = 10 centenas = 100 dezenas = 1.000 unidades.
- Dúzia. Aplicação.

- Localizar um elemento em uma série usando ordinais (até décimo).
- Decompor números em dezenas e unidades. Exemplo: $32 = 3$ dezenas e 2 unidades ou 32 unidades.
 $100 = 10$ dezenas ou 100 unidades.
- Ordinais. Aplicação.
- Decompor números em centenas, dezenas e unidades. Exemplo: $263 = 2$ centenas, 6 dezenas e 3 unidades, ou 26 dezenas e 3 unidades ou 263 unidades.
- Ordinais até vigésimo.

II — ADIÇÃO E SUBTRAÇÃO DE NÚMEROS NATURAIS

OBJETIVOS

- Visa-se neste item criar condições:
- à compreensão da adição como uma forma de reunir;
 - à compreensão da subtração como modo de separar, completar e comparar;
 - à identificação da subtração como operação inversa da adição;
 - à identificação de situações de reunir, de separar, completar, comparar e associá-las a sentenças matemáticas;
 - à compreensão do significado dos termos destas operações;
 - à compreensão e aplicação das propriedades: comutativa e associativa da adição;
 - à prática da estimativa;
 - ao domínio das técnicas operatórias.

ADIÇÃO E SUBTRAÇÃO DE NÚMEROS NATURAIS

C O N T E Ú D O

- Operação, operação inversa (associar a um par ordenado de números, um terceiro número).
- Operação, operação inversa.
- Operação, operação inversa.
- Operação, operação inversa.

- | | | | |
|---|---|---|--|
| <p>— Conceito de adição (reunir). Conceito de subtração (separar).</p> | <p>— Conceito de adição. Conceito de subtração (complementar). Verificar quantas unidades faltam a determinado número para obter outro.</p> | <p>— Conceito de adição. Conceito de subtração (comparar). Corresponder dois conjuntos verificando quantos elementos <i>a mais</i>, quantos <i>a menos</i>.</p> | <p>— Conceito de adição e subtração. Verificar que é sempre possível adicionar dois números mas nem sempre é possível subtrair dois números.</p> |
| <p>— Sentenças matemáticas: adição (introdução +) subtração (introdução —).</p> | <p>— Sentenças matemáticas:
• adição
• subtração</p> | <p>— Sentenças matemáticas:
• adição
• subtração</p> | <p>— Nomenclatura: parcela, soma, diferença ou resto.
— Sentenças Matemáticas:
• adição
• subtração
• adição e subtração</p> |
| <p>— Fatos fundamentais da adição e subtração com total até 10 (dois termos com um só algarismo).</p> | <p>— Fatos fundamentais com o total até 18.</p> | | |
| | <p>— Adição de parcelas maiores que 10 e total menor que 100. Técnica operatória.
• sem reserva</p> | <p>— Adição de parcelas maiores que 10 e total menor que 100. Técnica operatória.
• sem reserva
• com reserva às unidades</p> | <p>— Adição de parcelas maiores que 100 e total menor que 1.000. Técnica operatória.
• sem reserva
• com reserva às unidades, às dezenas, às unidades e dezenas.</p> |
| | <p>— Subtração (1.º termo menor que 100)
• sem recurso</p> | <p>— Subtração
• com recurso às unidades</p> | <p>— Subtração (1.º termo número menor do que 1.000). Técnica operatória.
• sem recurso
• com recurso</p> |

às dezenas
às centenas
às dezenas e centenas

— Propriedade comutativa da adição (sem terminologia).
Ex.: $3 + 5 = 8$
 $5 + 3 = 8$

— Propriedade comutativa (sem terminologia).

— Propriedade comutativa (sem terminologia).

— Propriedade comutativa (sem terminologia).

— Expressar por meio de sentenças matemáticas e aplicar.
Ex.: $3 + 5 = 5 + 3$

— Expressar por meio de sentenças matemáticas e aplicar.

— Expressar por meio de sentenças matemáticas e aplicar.

— Expressar por meio de sentenças matemáticas e aplicar.

— Propriedade associativa da adição (sem terminologia).

— Propriedade associativa e comutativa da adição (sem terminologia).

— Propriedade associativa e comutativa da adição (sem terminologia).

• adição de três parcelas

Ex.:
 $3+4+2 = (3+4) + 2$
 $3+4+2 = 3+(4+2)$

— Expressar por meio de sentenças matemáticas e aplicar.
Ex.:
 $(2+3) + 4 = 2 + (3+4)$

— Expressar por meio de sentenças matemáticas e aplicar.

— Expressar por meio de sentenças matemáticas e aplicar.

— Aplicar os sinais = e \neq em sentenças matemáticas de adição ou subtração.

— Aplicar os sinais = e \neq em sentenças matemáticas de adição ou subtração.

— Aplicar os sinais = e \neq ; < e > em sentenças matemáticas de adição ou subtração.

— Aplicar os sinais = e \neq ; < e > em sentenças matemáticas de adição ou subtração.

- | | | | |
|--|--|--|--|
| — Problemas que possam ser resolvidos por: |
| • adição | • adição | • adição | • adição |
| • subtração | • subtração | • subtração | • subtração |
| | | | • adição e subtração |

III — MULTIPLICAÇÃO E DIVISÃO DE NÚMEROS NATURAIS

OBJETIVOS

Visa-se neste item criar condições:

- à compreensão da multiplicação como forma de agrupar;
- à associação da divisão a situações de separação:
 - a) em grupos com determinado número de elementos
 - b) em um determinado número de grupos com o mesmo número de elementos
- à identificação da divisão como operação inversa da multiplicação;
- à identificação de situação de agrupar, de separar em grupos com determinado número de ele-

mentos e separar em determinado número de grupos com um mesmo número de elementos cada um e associá-las a sentenças matemáticas de multiplicação e divisão;

- à compreensão e aplicação das propriedades comutativa e associativa da multiplicação;
- à compreensão e aplicação da propriedade distributiva da multiplicação em relação à adição;
- à compreensão do significado dos termos destas operações;
- à prática da estimativa; .
- ao domínio das técnicas operatórias.

MULTIPLICAÇÃO E DIVISÃO DE NÚMEROS NATURAIS

CONTÉUDO

- | | | |
|--|--------------------------------|--------------------------------|
| — Operação e operação inversa. | — Operação e operação inversa. | — Operação e operação inversa. |
| — Conceito de multiplicação. | — Conceito de multiplicação. | — Conceito de multiplicação. |
| • Formar todos os pares ordenados possíveis com todos elementos de dois conjuntos dados. | | |

- Formar grupos com mesmo número de elementos.
 - Adicionar parcelas iguais.
- Conceito de divisão.
- Separar em grupos com um determinado número de elementos.
- Sentenças matemáticas de: Multiplicação (introdução do «x»).
- Divisão (introdução do ÷)
- Fatos fundamentais da multiplicação com produto até 20, fatos correspondentes da divisão.
- Ex.:
- $$3 \times 4 = 12$$
- $$12 \div 4 = 3$$
- Agrupar em linha e coluna.
- Conceito de divisão.
- Separar em determinado número de grupos com o mesmo número de elementos em cada grupo. Ex.: oito em dois grupos.
- Sentenças matemáticas de:
- Multiplicação
 - Multiplicação e adição ou multiplicação e subtração
 - Divisão
- Fatos fundamentais da multiplicação com produto até 48; fatos correspondentes da divisão.
- Estimar o resultado e efetuar multiplicações em que:
- Um dos fatores é 10:
 - Um dos fatores é múltiplo de 10.
 - Um dos fatores é um número representado por dois algarismos.
 - a) sem reagrupamento.
 - b) com reagrupamento de unidades em dezenas.
- Estimar o resultado e efetuar divisões em que o divisor é um
- Nomenclatura: fator, produto, dividendo, divisor, quociente, resto.
- Conceito de divisão.
- Verificar que é sempre possível multiplicar dois números, mas nem sempre é possível dividir exatamente dois números.
- Sentenças matemáticas de:
- Adição e multiplicação
 - Subtração e multiplicação
 - Adição e divisão
 - Subtração e divisão
 - Multiplicação e divisão
- Fatos fundamentais da multiplicação com produto até 81; fatos correspondentes da divisão.
- Estimar o resultado e efetuar multiplicações em que:
- Um dos fatores é 100.
 - Um dos fatores é múltiplo de 100.
 - Um dos fatores é um número representado por três algarismos.
 - a) sem reagrupamento.
 - b) com reagrupamento de unidades em dezenas, dezenas em centenas.
- Estimar o resultado e efetuar divisões em que o divisor é um

— Propriedade comutativa da multiplicação (sem terminologia).

- Expressar por meio de sentença matemática.

Ex.: $3 \times 5 = 5 \times 3$

número representado por um algarismo, sendo o quociente:

- Um número representado por um algarismo:

- a) quociente exato
- b) quociente aproximado.

- Um número representado por dois algarismos:

- a) quociente exato

- b) quociente aproximado.

— Propriedade comutativa (sem terminologia).

- Expressar por meio de sentença matemática e aplicar.

— Propriedade associativa (sem terminologia).

- multiplicação de três fatores.

Ex.:

$$2 \times 3 \times 5 = (2 \times 3) \times 5$$

$$2 \times 3 \times 5 = 2 \times (3 \times 5)$$

- Expressar por meio de sentença matemática e aplicar.

Ex.: $(2 \times 3) \times 5 = 2 \times (3 \times 5)$.

— Propriedade distributiva da Multiplicação em relação à adição (sem terminologia).

- Expressar por meio de sentenças matemáticas.

Ex.: $3 \times 8 = 3 \times (6 + 2) =$
 $= (3 \times 6) + (3 \times 2)$

número representado por um algarismo, sendo o quociente:

- Um número representado por três algarismos:

- a) quociente exato
- b) quociente aproximado

— Propriedade comutativa (sem terminologia).

- Expressar por meio de sentença matemática e aplicar.

— Propriedade associativa (sem terminologia).

— Expressar por meio de sentenças matemáticas.

— Propriedade distributiva da multiplicação em relação à adição (sem terminologia).

- Expressar por meio de sentenças matemáticas.

- Aplicar:
 - a) no estudo dos restantes fatos fundamentais.
 - b) na técnica operatória da multiplicação (incluindo-se os casos já mencionados).
- Aplicar na técnica operatória da multiplicação.
- Aplicar os sinais = e \neq em sentenças matemáticas de multiplicação e divisão.
- Aplicar os sinais de = e \neq ; < e > em sentenças matemáticas de adição, subtração, multiplicação, divisão.
- Aplicar os sinais de = e \neq ; < e > em sentenças matemáticas de adição, subtração, multiplicação, divisão.
- Problemas que possam ser resolvidos por:
 - Multiplicação
 - Divisão
- Problemas que possam ser resolvidos por uma ou duas operações.
- Problemas

IV — FRAÇÃO

OBJETIVOS

Visa-se neste item criar condições à compreensão:

- da fração como parte de um todo;
- da comparação entre frações;
- da representação de frações.

FRAÇÃO

CONT E Ú D O

— Noção de Metade:

- a) metade de uma unidade.
- b) metade de um número dado.
- Relação entre metades de um mesmo inteiro.
- Relação entre metade e inteiro.
- Aplicação em problemas.
- Cálculo da metade de números dados.

— Noção de Metade:

- Revisão da noção de metade.
- Aplicação em problemas.

— Noção de dôbro:

- Comparação dos números de determinado par em que um seja o dôbro do outro.
Ex.: o par 4 e 8
- Relação entre dôbro e metade.
Ex.: o par 4 e 8 em que 4 é metade de 8 e 8 o dôbro de 4.

— Noção de quarto:

- a) quarto de uma unidade
- b) quarto de um número dado.
- Relação entre: quartos de um mesmo inteiro; quarto e a metade de um mesmo inteiro; quarto e o inteiro.
- Problemas de aplicação.

— Noção de quádruplo:

- Comparação entre números de determinado par em que um dos números seja o quádruplo do outro.
Ex.: o par 2 e 8 em que 8 é o quádruplo de 2.

— Noção de dôbro:

- Revisão da noção de dôbro.
- Aplicação em problemas.

— Noção de quarto:

- Revisão da noção de quarto.
- Aplicação em problemas.
- Introdução dos símbolos.

$$\frac{1}{2} \quad \frac{1}{4} \quad \frac{2}{4}$$

- Relação entre

$$\frac{1}{2} \text{ e } \frac{1}{4}$$
$$\frac{1}{2} \text{ e } \frac{2}{4}$$

— Noção de quádruplo:

- Revisão da noção de quádruplo
- a) Exame e estudo dos números de determinado par e da relação entre esses números.

Relação entre quádruplo e $\frac{1}{4}$.

Ex.: o par 3 e 12 em que o 3 é $\frac{1}{4}$ de 12 e 12 quatro vezes maior que 3.

c) Exercícios

— Noção de oitavo:

- a) oitavo de uma "unidade"
- b) oitavo de um número dado.

• Relação entre:

- a) oitavos de um mesmo inteiro;
- b) oitavos e quartos de um mesmo inteiro;
- c) oitavos e metades de um mesmo inteiro;
- d) oitavo e inteiro.

• Introdução do símbolo $\frac{1}{8}$.

• Comparação entre:

$$\frac{1}{8} \text{ e } \frac{1}{4} \quad \frac{2}{8} \text{ e } \frac{1}{4}$$

$$\frac{1}{8} \text{ e } \frac{1}{2} \quad \frac{4}{8} \text{ e } \frac{1}{2}$$

- Comparação dos números de determinado par
- em que um dos números seja oito vezes maior que outro.

• Relação entre oitavo e oito vezes maior.

Ex.: o par 5 e 40 em que 40 é 8 vezes maior que

$$5 \text{ e } 5 \text{ é } \frac{1}{8} \text{ de } 40.$$

• Aplicação em problemas.

— Noção de **têrço**:

- a) têrço de um inteiro;
- b) têrço de um número.

• Relação entre:

- a) Têrços de um mesmo inteiro.
- b) O têrço e o inteiro.
- c) Aplicação em problemas.
- d) Cálculo de um têrço de números dados.

— Noção de **triplo**:

- Comparação entre números de determinado par em que um seja o triplo de outro.

Ex.: o par 6 e 18.

- Relação entre têrço e triplo.

Ex.: o par 7 e 21 em que 7 é $\frac{1}{3}$ de 21 e 21 o triplo de 7.

- Aplicação em problemas.

— Noção de **sexto**:

- a) sexto de uma "unidade".
- b) sexto de um número.

• Relação entre

- a) sextos de um mesmo inteiro;
- b) sexto e têrço de um mesmo inteiro;
- c) sexto e inteiro.

- Introdução dos símbolos:

$$\frac{1}{3}, \frac{1}{6}, \frac{2}{6}, \frac{3}{6}, \frac{4}{6}$$

- Comparação entre:

$$\frac{1}{3} \text{ e } \frac{1}{6}; \frac{1}{3} \text{ e } \frac{2}{6}; \frac{1}{3} \text{ e } \frac{3}{6}$$

$$\frac{1}{2} \text{ e } \frac{1}{3}; \frac{1}{2} \text{ e } \frac{1}{4}; \frac{1}{2} \text{ e } \frac{1}{6}, \text{ etc.}$$

- Cálculo de $\frac{1}{3}$ e $\frac{1}{6}$ de números dados.

- Comparação dos números de determinado par em que um seja seis vezes maior que outro.
Ex.: o par 5 e 30

- Relação entre $\frac{1}{6}$ e número seis vezes maior.

Ex.: o par 5 e 30 em que 5 é $\frac{1}{6}$ de 30 e 30 é seis vezes maior que 5.

- Aplicação em problemas.

V — MEDIDA

OBJETIVOS

Visa-se neste item criar condições:

- à compreensão do conceito de medida;
- ao conhecimento de unidade de medida e sua adequação ao objeto a ser medido;
- à idéia de comprimento, peso e volume;
- ao reconhecimento do metro e meio metro;
- ao reconhecimento do quilograma, meio quilograma e quarto de quilograma;
- ao reconhecimento do litro, meio litro e quarto de litro;
- à compreensão da relação espaço-tempo;

- ao uso de relógio e calendário;
- ao reconhecimento dos dias da semana e meses do ano;
- ao reconhecimento de hora, meia hora e quarto de hora;

- ao reconhecimento da unidade monetária do País;
- ao reconhecimento das moedas e notas em circulação no País, relacionando-as com o valor de mercadorias.

MEDIDA

C O N T E Ú D O

Comprimento

- Comparar comprimentos de objetos.
- Determinar o comprimento de objetos por meio de unidades não padronizadas, por exemplo, passos, etc.:
 - a) medida exata;
 - b) medida aproximada.
- Conhecer o metro, o meio metro.
 - Aplicação prática.

- Comparar segmentos: maior, menor, do mesmo comprimento.
- Determinar o comprimento de segmentos por meio de unidades não padronizadas:
 - a) medida exata;
 - b) medida aproximada.
- Determinar o comprimento de segmentos por meio de unidades padronizadas (cm):
 - a) medida exata;
 - b) medida aproximada.
- Conhecer e aplicar o metro, o meio metro, o centímetro.
 - Problemas e exercícios.

Pêso

- Comparar o pêso de vários objetos.
- Conhecer diferentes tipos de "balança".
- Conhecer o quilograma e meio quilograma.
 - Aplicação prática.

- Conhecer e aplicar o quilograma, o meio quilograma, o quarto de quilograma.
 - Problemas e exercícios.

Volume

- Perceber o volume de diferentes objetos.
- Conhecer o litro e meio litro.
 - Aplicação prática.

- Conhecer e aplicar o litro, o meio litro, o quarto de litro.
 - Problemas e exercícios.

Medida de Tempo

- Conhecer hora e meia hora.
- Perceber a seqüência dos dias da semana, dos dias do mês e dos meses do ano.
- Aplicar em problemas.
- Conhecer e aplicar hora, meia hora, quarto de hora, minuto.
- Conhecer o dia: 24 horas.
- Relacionar, por exemplo, 14 horas, com 2 horas da tarde.
- Semana, mês e quinzena.
- Aplicar em problemas.

Moeda nacional e seu valor

- Cruzeiro; moedas e cédulas.
- Equivalência entre cédulas e moedas.
- Situação de compra e venda que permitam, por exemplo, que o pagamento de um objeto de 50 centavos possa ser efetuado com:
 - 2 moedas de 20 centavos e uma de 10 centavos;
 - 5 moedas de 10 centavos;
 - 1 moeda de 50 centavos.
- Trôco: pagamento de um objeto de 30 centavos, por exemplo, com uma moeda de 50 centavos.
- Equivalência entre cédulas e moedas, cédulas e cédulas, moedas e moedas.
- Exemplos:
 - Trocar um cruzeiro em moedas de:
 - 10 centavos;
 - 20 centavos;
 - 50 centavos.
 - Trocar 5 cruzeiros em notas de 1 cruzeiro.
 - Trocar 2 cruzeiros em centavos, etc.
 - Fazer trôco.
- Aplicar em problemas.

VI — GEOMETRIA

OBJETIVOS

Neste item visa-se criar condições para distinguir figuras no plano de figuras no espaço;

- Identificar: curvas, polígonos, quadriláteros, triângulos.
- Representar e designar segmentos de reta.

GEOMETRIA

CONT E Ú D O

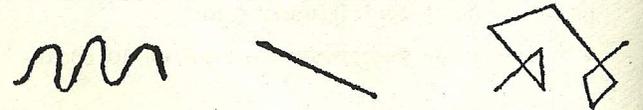
— Figuras no espaço:

- reconhecer esfera, cilindro e cubo.

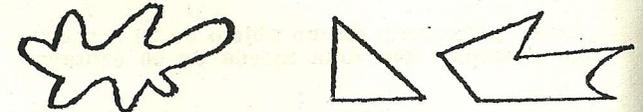
— Figuras no plano:

- reconhecer quadrado, retângulo, triângulos, círculo.

— Curvas: (Traçar diferentes caminhos para ir de um ponto a outro)
Exemplos:



- Curvas fechadas simples
Exemplos:



- Reconhecer o interior e o exterior de uma curva fechada simples.

— Polígonos:

- Conhecer o número de lados de um polígono.
- Classificar quanto ao número de lados: triângulos e quadriláteros.

— Ponto

- Localizar pontos.
- Representar pontos.
- Designar pontos, usando letras.

— Segmento de reta

- Desenhar um segmento de reta com extremidades em dois pontos dados.

Exemplo: A ————— B

- Identificar segmentos de reta.
- Designar segmentos de reta, considerando-se as extremidades.

ESTUDOS SOCIAIS

CONCEITO

Na Escola Primária a área de Estudos Sociais tem como objeto de estudo o homem em sua interação com o meio físico e social e vale-se da contribuição de diversas ciências como: Economia, História, Geografia, Antropologia, Ciência Política, Sociologia e outras. Os conhecimentos das diversas ciências são integrados na área de Estudos Sociais e tratados de maneira simples com o objetivo de contribuir para sociabilizar a criança, dando maior relêvo à ação e ao comportamento e não à assimilação passiva de conhecimentos.

OBJETIVOS

Com os Estudos Sociais espera-se que a criança:

- 1 Conheça o meio físico e humano que a rodeia e as maneiras de se utilizar dos recursos disponíveis.

- 2 Comece a perceber que existe interdependência entre as pessoas e os povos; que deve prevalecer o respeito e a tolerância mútuos entre as diferentes pessoas e os diferentes grupos em relação a seus usos e costumes.
- 3 Perceba que as sociedades evoluem com o passar dos tempos.
- 4 Conheça os problemas existentes no meio em que vive para que sinta a possibilidade de sua participação como membro atuante na solução dos mesmos.
- 5 Saiba recorrer a fontes de informações: localizar, selecionar, organizar e apresentar informações de maneira eficiente.
- 6 Utilize adequadamente uma terminologia específica da área de Estudos Sociais, assim como símbolos e convenções para leitura e interpretação de plantas, mapas, globo e gráficos simples.

OBJETIVOS

CONTEÚDO

I — A VIDA NA FAMÍLIA

- Espera-se que a criança conheça sua vida e sua história.

— A criança na família.

— Levantamento das atividades diárias da criança: organização de seu dia, sua alimentação, suas horas de estudo, de lazer, seu repouso, suas obrigações pessoais.

● Conheça os membros de sua família e qual sua posição dentro dela.

● Conheça a participação de cada membro da família e sinta a sua responsabilidade nessa participação.

● Saiba como a família satisfaz suas necessidades e quais as pessoas que para isso colaboram.

● Conheça e participe do relacionamento social da família.

● Saiba onde se localiza sua casa; conheça os tipos de construções; as acomodações e higiene do lar.

● Perceba que as pessoas e as coisas mudam com o passar dos tempos.

— Organização e administração da família.

— As necessidades e problemas da família.

— Datas comemoradas em família.

— A casa onde a criança mora.

— A história da família.

— Comparação de sua vida atual com sua vida de bebê, a maneira como cresceu e modificou seu comportamento.

— Como se compõe a família: números de pessoas; nomes, estimativa das idades.

— As profissões dos pais das crianças; atividades das pessoas da família no lar; o papel da criança na vida familiar.

— Observação, pela criança, dos alimentos utilizados na família; locais de compras; como as pessoas da família se locomovem e se comunicam; como utilizam suas horas de lazer; participação dos membros da família na solução dos possíveis problemas.

— Formação de atitudes de como receber pessoas em suas casas, como se comportar em casa dos

amigos.

— Observação da construção das moradias das crianças. Diferentes tipos de casas. Observação da posição do Sol em relação a sua casa.

— Investigação, pela criança, da idade do pai, do vovô. Distinção das gerações e da evolução dos costumes.

II — A ESCOLA E SUA VIZINHANÇA

- Conheça os membros da escola e suas funções. A posição da criança na hierarquia escolar. — Organização e administração da escola. — Como se compõe a escola: pessoas que ali trabalham e suas funções.
- Conheça seus direitos e deveres em relação à escola. — A vida da criança na escola. — Conhecimento de normas de conduta e regulamentos da escola.
- Conheça o prédio escolar, sua localização, inicie-se na representação e utilização de plantas e legendas. — O prédio escolar, suas principais características. — Observação do prédio escolar; rua em que está situado; suas dependências. Posição do Sol em relação à escola. Aplicação da noção de proporção entre o tamanho real e as representações gráficas.
- Conheça os fatores que influenciaram na origem e evolução da escola. — Histórico da escola. — Como e onde surgiu a escola. Fatos principais de sua evolução.
- Conheça a vizinhança da escola. — A escola na localidade. — O quarteirão onde está situada a escola. O que a criança observa quando vai à escola: aspectos físicos, comércio, trânsito, aspectos urbanísticos.
- Perceba que há inter-relação entre a escola e a família; com outras escolas; com a localidade. — Funções da escola; influência na família e na localidade.

III — A CIDADE E O MUNICÍPIO

A — Vida no Bairro e na cidade

- Conheça a relação entre os aspectos físicos e humanos do bairro. — As principais características da área da escola. — Observação direta dos aspectos físicos e humanos do bairro; atividades das pessoas. Funções do bairro.

- Saiba identificar o bairro em plantas, bem como interpretar a legenda e respectivos símbolos.
 - Conheça os fatores que influíram na origem e evolução do bairro.
 - Conheça a relação entre a ocupação humana e os aspectos físicos da cidade.
 - Saiba como pode a ação conjunta resolver os problemas do homem em sociedade.
 - Perceba que há interdependência entre os bairros.
 - Conheça e participe da vida social e cultural da cidade.
 - Conheça os principais fatores que influenciaram a evolução da cidade e a vida nas diferentes épocas.
 - Localize a cidade no mapa do Município.
- A localização do bairro; bairros vizinhos; outros bairros da cidade.
 - Histórico do bairro.
 - O sítio urbano: aspectos topográficos.
 - Os recursos da cidade para a vida do homem.
 - Vida social e cultural da cidade.
 - O histórico da cidade.
 - A cidade no Município.
- Uso da planta da cidade: o traçado das ruas, praças, avenidas, localização da escola e residências das crianças, direções cardeais.
 - Como e onde surgiu o bairro; principais fatos de sua evolução.
 - As principais características do local onde se localiza a cidade.
 - Principais fontes de produção: indústria e comércio local, os meios de transporte e comunicação.
 - Relação com outros bairros: econômicas, culturais e políticas.
 - Instituições educativas e sociais, atrações turísticas, grupos religiosos; festas tradicionais e cívicas.
 - Como e onde surgiu a cidade; principais fatos de sua evolução
 - Introdução de mapa simples do Município; identificação da zona urbana e rural.

B — O Município

- Localize o Município e os municípios vizinhos.
- O Município no Estado.
- Localização do Município e municípios vizinhos no mapa do Estado.

- Conheça as principais características o seu Município; a vida na zona urbana e rural: inter-relações.
 - O Município: zona urbana e rural.
 - Observação das diferentes atividades humanas da localidade; as diferentes profissões, diferentes produções, diferentes modos de vida; relações entre os fenômenos climáticos e a vida local.

- Conheça a organização política e administrativa do Município; os direitos e deveres de seus habitantes.
 - Organização e governo do Município.
 - Prefeito, vereadores, juizes: suas atribuições. Os serviços públicos: funções, manutenção, relações com o público.

- Conheça as relações do Município com sua vizinhança.
 - O Município e sua vizinhança.
 - Fontes de produção e distribuição (indústria, casas comerciais, etc.); comunicação e transportes; instituições sociais e culturais.

CIÊNCIAS

CONCEITO

Na Escola Primária a área de Ciências tem como objeto de estudo a natureza em seus múltiplos aspectos (físico, químico, biológico).

Para tanto o uso do método científico (observação, formulação de hipótese, experimentação e conclusão) é visto como instrumento eficaz.

Atende-se aqui à necessidade de utilizar o método científico de forma equilibrada e concorde com a etapa do desenvolvimento, vendo nêlo um *meio* para levar a criança a atingir o conhecimento.

OBJETIVOS

Com o estudo de Ciências espera-se que a criança:

- 1 adquira conhecimentos científicos básicos;

- 2 perceba que as leis físicas e naturais independem da vontade do homem;
- 3 discirna as informações válidas das que não o são;
- 4 compreenda que a integração entre os mundos físico e biológico permite a organização e manutenção da vida;
- 5 perceba a possibilidade de aplicação prática dos conhecimentos científicos;
- 6 desenvolva a capacidade de aplicar o conhecimento científico em situações novas;
- 7 descubra que as atividades científicas podem desenvolver a imaginação e constituir agradável e útil passatempo.

OBJETIVOS

CONTEÚDO

I — NO MUNDO DAS COISAS

DIA E NOITE

- Que a criança observe e compreenda certos fenômenos relativos ao dia e à noite.
 - Orientação pelo Sol
 - O Sol surge de um lado e desaparece de outro.
 - As sombras mudam de tamanho, de forma e direção, de acordo com a posição do Sol.

- Movimento de Rotação da Terra
 - O Sol continua existindo mesmo quando não é visto.
 - O dia é a noite.
- Forma da Terra
 - Não-percepção de sua redondeza.
- Energia Solar
 - Diferença de temperatura entre o dia e a noite.
 - Impossibilidade de ver estrelas durante o dia.

O TEMPO

- Que a criança perceba que o tempo pode ser medido; que isto deve ser feito por instrumentos específicos; os únicos capazes de evitar as influências subjetivas.
- Medida do tempo
 - Avaliação das horas pela posição do Sol.
- Instrumento de medida: o Relógio
 - O relógio permite maior exatidão.
 - Relação entre os ponteiros; tamanho e movimento.
 - Função reguladora do pêndulo.
- As atividades diárias
 - Relação entre atividade e hora.
 - Aproveitamento do minuto.
 - Relação tempo e satisfação pessoal (momentos agradáveis passam rapidamente).

EXAMINANDO COISAS

- Que a criança desenvolva a capacidade de observação e relacionamento dos fatos para melhor interpretá-los e compreendê-los.
- Que a criança entenda e aplique a experimentação como um dos meios para obter conclusões.
- Objetos que nos cercam.
 - Diferenças devidas ao tamanho, cheiro, som, gosto e às qualidades perceptíveis pelo tato.
 - Semelhança aparente.
 - Diferença aparente.

- Que a criança compreenda o valor de experiências simples na distinção de substâncias parecidas.
- Que a criança compreenda o valor de experiências simples na identificação de componentes de uma mistura.
- Que a criança compreenda a utilidade de certos processos na separação de componentes de uma mistura.

- Separação de componentes de uma mistura.

II — OS SÉRES VIVOS

PLANTAS

- Que a criança perceba nas plantas:
 - diferenças e semelhanças
 - a adaptação ao meio
 - a utilidade e necessidade de proteção
 - a possibilidade de reprodução
- Que a criança sinta a possibilidade e a necessidade de classificar coisas e fatos para bem compreendê-los e chegar a estabelecer conclusões.

- Variedade e ambiente
 - As plantas diferem sob muitos aspectos.
 - As plantas vivem nos mais diversos meios.
 - Cada espécie de planta está adaptada ao meio em que vive.
- Classificação
 - As plantas podem ser grupadas de muitas maneiras.
- Partes da planta
 - As plantas comuns possuem raiz, caule, folha e flor.
- Reprodução das plantas
 - As flôres produzem frutos.
 - O fruto contém a semente.
 - A semente, sob determinadas condições, gera nova planta.
- Necessidades vitais
 - Luz, ar, água, terra.
- Importância
 - As plantas possibilitam a vida dos animais e dos homens.

ANIMAIS

- Que a criança perceba nos animais:

- diferenças e semelhanças
- a adaptação ao meio
- a utilidade e necessidade de proteção
- a possibilidade de reprodução.

- Que a criança sinta a possibilidade e a necessidade de classificar coisas e fatos para bem compreendê-los e chegar a estabelecer conclusões.

- Variedade e ambiente

- Os animais diferem sob muitos aspectos.
- Os animais vivem nos mais diversos meios.
- Cada espécie animal está adaptada ao meio em que vive.

- Classificação

- Os animais podem ser grupados de muitas maneiras.

- Reprodução

- Cada animal pode dar origem a outro animal semelhante a êle.

CONHECENDO O PRÓPRIO CORPO

- Que a criança perceba no homem:

- diferenças e semelhanças
- a adaptação ao meio
- a necessidade de proteção
- a possibilidade de reprodução.

- Partes do corpo

- As partes do corpo humano estão adaptadas às funções que executam
- Há uma adaptação constante do corpo às situações do meio.

- Percepção do próprio corpo

- Visão
- Palpação

- Percepção do mundo que nos rodeia

- Os órgãos dos sentidos
- Os movimentos.

- Necessidades vitais

- Respiração
- Alimentação
- Excreção
- Descanso

- Reprodução

- A possibilidade de reprodução assegura a continuidade da espécie.

SAÚDE

CONCEITO

Saúde é a área que visa à educação do escolar para uma vida sadia, integrando-o no ambiente (lar, escola, comunidade) que está influenciando em seu desenvolvimento.

OBJETIVOS

Com a educação para a saúde espera-se que o educando venha a:

- 1 Assumir responsabilidade crescente pela conservação e melhoria de sua saúde.
- 2 Utilizar conhecimentos básicos de higiene pessoal e coletiva.

- 3 Conhecer a necessidade das medidas preventivas referentes às moléstias transmissíveis e às doenças em geral.
- 4 Estabelecer relação entre alimentação e saúde, e melhorar sua própria alimentação.
- 5 Tomar cuidados necessários à prevenção de acidentes e a praticar socorros de emergência corretos.
- 6 Usar adequadamente suas energias através da distribuição racional de suas atividades.
- 7 Compreender o processo do desenvolvimento orgânico e psicossocial e suas manifestações no comportamento individual e social.

FORMAÇÃO DE HÁBITOS SADIOS

OBJETIVOS

CONTEÚDO

- Levar a criança a cuidar-se, adquirindo hábitos fundamentais de higiene.
- Levar a criança a conhecer as condições saudáveis da habitação e a participar de atividades diárias de limpeza e conservação.

— Higiene pessoal e do vestuário.

— Habitação.

— Asseio Corporal

- cuidados
- material necessário

— Vestuário

- asseio
- adequação

— Condições saudáveis

— Asseio e conservação das dependências

- o que fazer
- como fazer

- Conduzir a criança a cooperar na higiene e conservação da escola. — Escola.
- Levar a criança a conhecer os sinais mais comuns de doenças, para agir adequadamente. — Reconhecimento de sinais:
 - Providências
- Preparar a criança para aceitar as vacinas como medida valiosa na prevenção de doenças. — Defesa contra doenças.
- Levar a criança a entender e praticar as medidas preventivas das parasitoses intestinais. — Parasitoses intestinais.
- Levar a criança a desenvolver hábitos essenciais de alimentação. — Alimentação.
- Despertar o interesse pelo consumo dos produtos locais e da estação. — Cuidados com os alimentos.
- Levar a criança a tomar os necessários cuidados para evitar acidentes e ter noção de situações perigosas. — Alimentos da localidade e estação.
- Levar a criança a agir corretamente diante de uma emergência. — Causas de acidentes.
- — Prevenção de acidentes mais comuns.
- — Pequenos socorros de emergência.
- Asseio e conservação das dependências
 - o que fazer
 - como fazer
- Sinais comuns no início da doença
 - o que fazer
- As vacinas
 - que vacinas tomamos
 - por que tomamos
 - quando tomamos.
- Parasitoses intestinais mais comuns
 - como evitá-las
- Importância dos alimentos.
- Origem dos alimentos.
- Variação alimentar.
- Refeições do dia.
- Maneira correta de lavar e limpar os alimentos.
- Proteção dos alimentos.
- Vantagens.
- Fatores pessoais.
- Fatores externos.
- Cuidados para evitar acidentes:
 - no lar
 - na escola
 - na rua
 - em outras situações
- O que fazer
- Como fazer

- Levar a criança a planejar seu horário, distribuindo adequadamente suas atividades.
- Levar a criança a entender que é protegida pela família.
- Levar a criança a desenvolver comportamento adequado em relação ao sexo.

— Planejamento.

— A Família.

— Convivência no lar, na escola e na comunidade.

— Como distribuir as atividades de:

- es udo
- trabalho
- repouso e sono
- recreação

— Proteção:

- o que é proteção
- por que se protege

— Ajustamento e aceitação
— Compreensão mútua

EDUCAÇÃO FÍSICA

CONCEITO

A Educação Física, dadas suas bases científicas, é atualmente considerada como um aspecto da educação geral, oferecendo valiosa contribuição ao educando.

Na Escola Primária a educação física tem como objetivo a recreação nos seus variados aspectos (atividades naturais, jogos, atividades rítmicas, dramatizações, atividades complementares). Recreação compreendida como atitude de interesse e prazer ao realizar atividades de expressão, sejam estas individuais ou coletivas.

Agindo sobre o mecanismo corporal, exerce influência salutar sobre a totalidade do indivíduo, tendo em mira favorecer seu desenvolvimento físico, psíquico, intelectual e social.

OBJETIVOS

Com a Educação Física, espera-se que a criança:

- 1 Alcance desenvolvimento em seus aspectos bio-psíquico e social.
- 2 Desenvolva com liberdade a expressão corporal para favorecer a criatividade.
- 3 Adquirir hábitos de práticas recreativas para serem empregadas adequadamente nas horas de lazer.
- 4 Adquirir hábitos de boa atitude corporal.
- 5 Seja estimulada em suas funções orgânicas, visando ao equilíbrio da saúde.
- 6 Desenvolva o espírito de iniciativa, tornando-se apta para resolver eficazmente situações imprevistas.

OBJETIVOS

CONTEÚDO

I — ATIVIDADES NATURAIS E JOGOS

- Levar a criança a desenvolver a coordenação sensório-motora tendo em vista o período de crescimento que se processa em seu organismo.
- Proporcionar atividades totais e naturais com economia de esforços.
- Apurar os sentidos e desenvolver acuidades.
- Movimento de forma simples com molejo e balanceamento.
- Jogos motores de organização simples: correr, perseguir, fugir.
- Jogos sensoriais que atuam diretamente sobre os sentidos.

● Propiciar condições à criança para desenvolver a sensibilidade rítmica, contribuindo para harmonia de formas.

● Levar a criança ao desenvolvimento psico-motor nas suas formas intelectual, afetiva e volitiva.

● Levar a criança a atividades que exijam cooperação, considerando a tendência individualista, característica deste período (criança de 7 a 8 anos).

— Coordenar movimentos e sons ritmados.

— Reconhecer a boa postura e esforçar-se por consegui-la.

— Incentivar a atividade intelectual e propiciar o autodomínio.

— Desempenhar papéis principais e secundários como elemento de equipe.

— Marchas, saltitamentos, galopes com marcações rítmicas ou com música.

— Exercícios que favoreçam uma boa posição ao sentar, ficar em pé e caminhar.

— Jogos de comparação, de invenção e reflexão.
• Adivinhações.

— Jogos de eliminação provisória.
— Jogos de equipe, dispondo-se as crianças em colunas, rodas ou fileiras.
• Jogos de competição.

II — ATIVIDADES RÍTMICAS

● Estimular formas de expressão por meio de movimentos rítmicos.

● Promover a co-educação.

● Contribuir para que a criança mantenha e transmita os nossos usos e costumes e os dos outros países.

— Obtenção de boa atitude corporal e movimentos harmônicos.

— Favorecer a convivência entre meninos e meninas.

— Conhecer usos e costumes nossos e de outros povos.

— Brinquedos cantados e rodas.

— Adaptações e fantasias coreográficas.

— Danças folclóricas e populares.

III — ATIVIDADES COMPLEMENTARES

● Proporcionar atividade física e mental agradável, estimulando a imaginação e o espírito.

— Aproveitar o interesse que a criança demonstra em ouvir ou contar histórias.

— Sessões estoriadas, cuja ação é representada por movimentos mímicos, numa sequência pré-determinada de exercícios executados por imitação ou livremente.

● Incentivar a participação efetiva da criança nas promoções da escola.

● Proporcionar aprendizagem ocasional.

— Propiciar à criança interpretação de estórias, estimulando a capacidade inventiva.

— Contribuir para o desembaraço diante da assistência.

— Satisfazer a curiosidade, o desejo de exploração e de aventura.

— Dramatizações e teatro infantil que levem a criança a improvisar os cenários e escolher os personagens que deseja representar.

— Concentrações reunindo delegações de várias escolas em lugar aprazível, proporcionando intercâmbio social.

— Excursões curtas e longas.

NÍVEL II
LÍNGUA PÁTRIA

TERCEIRA SÉRIE

OBJETIVOS/MEIOS

I — LEITURA

- Levar a criança a melhor domínio da leitura.
- Enriquecer o vocabulário de leitura (compreender o significado das palavras).
- Enriquecer experiências.
- Desenvolver habilidades de compreensão: — Leitura silenciosa dirigida
 - determinar a idéia principal
 - identificar pormenores
 - estabelecer a seqüência da narrativa
 - avaliar o texto lido
 - tirar conclusões
 - antecipar idéias
 - interpretar a reação das personagens
- Ampliar e intensificar hábitos, atitudes e habilidades de leitura oral: — Leitura oral.
 - expressão
 - entonação de voz
 - ritmo
 - pronúncia
- Promover a fixação do vocabulário. — Atividades complementares.

- Desenvolver a velocidade em leitura.
- Valorizar a leitura como fonte de recreação.
- Incentivar a leitura espontânea.
- Ampliar o desenvolvimento das habilidades de leitura para fins de estudo:
 - localizar e selecionar informações
 - compreender o conteúdo
 - ajustar a velocidade à finalidade da leitura
 - organizar informações
 - utilizar informações

- Leitura silenciosa e oral.
- Organização da biblioteca.

II — COMPOSIÇÃO ORAL E ESCRITA

Lembrando conceitos já emitidos do Nível I, como: “expressar-se é compor” e “toda preocupação da escola primária é dotar o estudante do poder de criar» é, especificamente quando se trata

- Desenvolver a composição imaginativa de modo a permitir a expansão do poder criador:
 - intensificando o desenvolvimento da capacidade de pensar e organizar idéias
 - intensificando o desenvolvimento da habilidade de expressar clara e corretamente o pensamento.
- Desenvolver a composição prática de modo a atender à necessidade social de comunicação:
 - intensificando o desenvolvimento da capacidade de pensar e organizar idéias.
 - intensificando o desenvolvimento da habilidade de expressar clara e corretamente o pensamento
 - levando o maior domínio de algumas técnicas de composição prática.

da Composição Oral e Escrita, que o professor se empenhará em atingir duplo objetivo: o de desenvolver a composição para fins práticos e o de desenvolver a composição imaginativa.

- Conversa
- Estória
- Dramatização
- Autobiografia
- Poesia
- Discussão e relatório.
- Organização e transmissão de bilhete, recado, aviso, convite, notícia, informações e carta.
- Anotação de informações.
- Formulários.

Intensificar o desenvolvimento das habilidades de audição e dar ênfase à formação de atitudes e hábitos de audição para:

- recrear-se
- obter informações
- avaliar

- Valorizar a expressão escrita como instrumento de comunicação do pensamento.

— Estórias, poesias, etc.
— Discussões, entrevistas, conversas.
— Relatório, côro falado, dramatização, etc.

— Composições.

III — ESCRITA

- Intensificar, respeitando a individualidade, o desenvolvimento de hábitos, habilidades e atitudes essenciais à escrita:

- postura correta
- legibilidade
- rapidez
- ordem
- valorização da escrita

- Levar a criança a observar as próprias falhas, alcançando bons padrões de escrita.

— Composições.

— Cópias dirigidas.

INICIAÇÃO GRAMATICAL

A escola primária não deve preocupar-se com Gramática, enquanto esta signifique estudo formal, sistemático, alheio ao contexto. Bom ensino da Língua Pátria é bom ensino de leitura integral e de composição plena. Tudo o mais é secundário, a Gramática, também. O problema básico do ensino da Língua é problema da motivação. E motivação, em Gramática, é leitura. A Língua possui uma realidade: a oração. A oração é a sua medida, a

sua matéria-prima. Deve ser abandonado o endeusamento da "palavra", a palavra isolada, solta — quê, afinal, não tem valia. Os conhecimentos gramaticais só adquirem valor quando denunciados na oração. Estudante do idioma precisa ler. É despertar-lhe o gosto, disciplinar-lhe a atividade. Ler e escrever. Donde se conclui: que não se fale em normas da Língua, sem ter à frente, em primeiro, o exemplar, o texto; que o texto seja sugestivo, rá-

pido, completo e útil; que os ensinamentos gramaticais brotem naturalmente; que haja muito exercício.

Cabe ao Professor identificar a ocasião, a extensão e a profundidade do conhecimento gramatical, conforme as circunstâncias pessoais e locais.

- Oração.
- Sujeito.
- Substantivo: comum/próprio/masculino/feminino/singular/plural.
- Predicado.
- Pronome: reto/oblíquo
- Verbo: presente/pretérito/futuro (do indicativo).
- Concordância verbal.
- Adjetivo: gênero/número.
- Concordância nominal.
- Objeto direto.

ESTUDO PERMANENTE

- Vocábulo: número de sílabas/tonicidade/acentuação tónica.
- Significação das palavras: antônimo/homônimo/sinônimo/sentido figurado.
- Ortografia: grafia/acentuação.
- Notações léxicas.
- Pontuação.

QUARTA SÉRIE

OBJETIVOS/MEIOS

I — LEITURA

- Levar a criança a aperfeiçoar o domínio da leitura.

- Ampliar o vocabulário básico de leitura (compreender o significado das palavras).
 - Enriquecer experiências.
 - Intensificar e aperfeiçoar habilidades de compreensão:
 - determinar a idéia principal
 - identificar pormenores
 - estabelecer a seqüência da narrativa
 - antecipar idéias
 - interpretar a reação das personagens
 - tirar conclusões
 - avaliar o conteúdo do texto.
 - Intensificar e aperfeiçoar hábitos, atitudes e habilidades de leitura oral:
 - expressão
 - entonação de voz
 - ritmo
 - pronúncia
 - Promover a fixação do vocabulário .
 - Intensificar o desenvolvimento da velocidade em leitura.
 - Intensificar a valorização da leitura como fonte de recreação.
 - Incentivar a leitura espontânea.
 - Intensificar e aperfeiçoar o desenvolvimento das habilidades de leitura para fins de estudo:
 - localizar e selecionar informações
 - compreender o conteúdo das informações .
 - ajustar a velocidade à finalidade da leitura
 - organizar informações
 - reter informações
 - utilizar informações.
- Leitura silenciosa dirigida.
- Leitura oral.
- Atividades complementares.
- Leitura silenciosa e oral.
- Organização da biblioteca.
- Organização do clube de leitura.

II — COMPOSIÇÃO ORAL E ESCRITA

- Desenvolver a composição imaginativa de modo a permitir a expansão do poder criador:
 - aperfeiçoando a capacidade de pensar e organizar idéias
 - aperfeiçoando a habilidade de expressar clara e corretamente o pensamento.
 - Desenvolver a composição prática de modo a atender à necessidade social de comunicação:
 - aperfeiçoando a capacidade de pensar e organizar idéias.
 - aperfeiçoando a habilidade de expressar clara e corretamente o pensamento.
 - dominando as técnicas da composição prática.
 - Aperfeiçoar as habilidades de audição e a formação de atitudes e hábitos de audição para:
 - recrear-se
 - obter informações
 - avaliar.
 - Valorizar a expressão escrita como instrumento de comunicação do pensamento.
- Conversa
 - Estória
 - Dramatização
 - Autobiografia e biografia
 - Poesia

 - Discussão e relatório

 - Recado, bilhete, cartão, carta, notícia, aviso, informação, formulário, requerimento, ata e anotação de informações.

 - Estória, anedota, poesia, discussão, relatório, entrevista, leituras, anúncio, etc.

 - Composições.

III — ESCRITA

- Intensificar e aperfeiçoar, respeitando a individualidade, o desenvolvimento de hábitos e atitudes essenciais à escrita:
 - postura correta
- Escrever independentemente: composições.
 - Cópia dirigida.

- legibilidade
 - rapidez
 - ordem
 - valorização da escrita.
- Levar a criança a observar as próprias falhas, alcançando bons padrões de escrita.

INICIAÇÃO GRAMATICAL

- Oração. Período: simples/composto.
- Sujeito: simples/composto/indeterminado.
Substantivo: comum (coletivo)/próprio/
masculino/feminino/singular/plural/aumentativo/
/diminutivo.
- Predicado.
- Pronome: reto/oblíquo/possessivo/demonstrativo..
- Verbo: conjugações; classificação; flexão.
- Concordância verbal.
- Adjetivo: formação; gênero/número/grau.
- Concordância nominal.
- Objeto direto.
- Artigo.
- Preposição: combinação/contração.
- Objeto indireto.
- Advérbio.
- Adjunto adverbial.
- Numeral.
- Conjunção: coordenativa.
- Interjeição.

ESTUDO PERMANENTE

- Vocábulo: número de sílabas/tonicidade/ acento tônico.
- Fonema: vogal/consoante/semivogal/digrafo; encontros vocálicos.
- Significação das palavras: antônimo/homônimo/sinônimo/sentido figurado.
- Ortografia: grafia/acentuação.
- Notações léxicas.
- Pontuação.

MATEMÁTICA

INSTRUÇÕES PARA A LEITURA, COMPREENSÃO E APLICAÇÃO DO PROGRAMA DE MATEMÁTICA

A exemplo do Programa de Matemática do Nível I, procurou-se encontrar uma forma gráfica que favorecesse o mais possível sua compreensão e aplicação.

Considerando que a Matemática inclui campos variados, em cujo conhecimento a criança deverá ser introduzida simultaneamente, mas aos quais deverá voltar para tratá-los, cada vez em maior profundidade, dispôs-se o conteúdo programático em colunas paralelas, que, lidas no sentido vertical, darão de certa maneira a seqüência a ser imprimida ao ensino, e lidas no sentido horizontal darão profundidade a ser atingida.

Assim pretende-se que o professor inicie seu trabalho pelo Sistema da Numeração Decimal, mas introduza Adição, Subtração, Multiplicação e Divisão na medida em que o conhecimento assimilado possibilite uma nova aquisição.

Esses itens deverão ser abordados, tanto quanto possível, concomitantemente.

Os itens «Sistema Legal de Unidades de Medir», «Números Racionais» e «Geometria» poderão ser desenvolvidos simultaneamente com os demais, ou posteriormente a qualquer deles, segundo o bom discernimento do professor.

Se o desenvolvimento da classe corresponder à expectativa, a matéria da primeira coluna será estudada na terceira série e a da segunda coluna, na quarta série escolar.

- Sistema de Numeração Decimal.
- Adição e Subtração de Números Naturais.
- Multiplicação e Divisão de Números Naturais.
- Números Racionais.
- Geometria.
- Sistema Legal de Unidades de Medir.

SISTEMA DE NUMERAÇÃO DECIMAL

OBJETIVOS

Visa-se neste item criar condições:

- à compreensão de que os dez algarismos hindu-arábicos são suficientes para representar qualquer número;
- à compreensão do Sistema de Numeração Decimal (base 10) e do valor posicional dos algarismos nos numerais;
- à leitura de um numeral separando as ordens em classes;
- à aplicação dos ordinais.

CONTEÚDO

TERCEIRA SÉRIE

- Milhar. Formar grupos de mil, especificando o número de grupos de mil (milhar), o número de grupos de cem (centena), o número de grupos de dez (dezena), e o número de elementos restantes (unidades):

Exemplo:

1.325 = 1 milhar, 3 centenas, 2 dezenas e 5 unidades.

- Ler e escrever numerais de números de 0 a 10.000.
- Comparar números usando os símbolos <, > e =.
- Decompor números em milhares, centenas, dezenas e unidades.

QUARTA SÉRIE

- Agrupar em classes as ordens dos algarismos dos numerais de números maiores que 10.000.

- Ler e escrever numerais de números maiores de 10.000.
- Comparar números usando os símbolos <, > e =.
- Estender os conhecimentos adquiridos a números maiores.

Exemplo:

1.363 = 1 milhar, 3 centenas, 6 dezenas e 3 unidades ou 13 centenas e 63 unidades ou 136 dezenas e 3 unidades ou 1.363 unidades.

— Pares e ímpares

Número par: número divisível por 2.

Número ímpar: número não divisível por 2.

— Localizar um elemento numa série, usando ordinais até centésimo.

— Representar números naturais na reta numérica.

OBSERVAÇÃO: A representação dos números no Sistema de Numeração Romana será feita informalmente.

— Identificar os elementos que pertencem ao conjunto dos números naturais.

$N = \{0, 1, 2, 3, 4, \dots\}$

— Identificar os elementos que pertencem a outros conjuntos.

— Representar conjuntos colocando entre chaves os seus elementos

Exemplos:

conjunto dos números pares = $\{0, 2, 4, 6, \dots\}$

conjunto dos números ímpares = $\{1, 3, 5, \dots\}$

— Relações de igualdade e inclusão.

• Identificar o conjunto dos números pares e o conjunto dos números ímpares como contidos no conjunto dos números naturais.

ADIÇÃO E SUBTRAÇÃO DE NÚMEROS NATURAIS

OBJETIVOS

- Visa-se neste item criar condições:
- à associação da adição a situações de reunir;
 - à associação da subtração a situações de separar, complementar, comparar;
 - à identificação da subtração como operação inversa da adição;
 - à identificação de situações de reunir, separar, comparar e associá-las a sentenças matemáticas de adição e subtração;
 - à análise de um problema a fim de expressar as relações que nêlé existem por meio de uma ou mais sentenças matemáticas;
 - à compreensão do significado dos termos destas operações e das variações relativas dêsses termos;
 - à compreensão e aplicação das propriedades comutativa e associativa da adição;
 - à prática de estimativa;
 - à compreensão de que os conhecimentos dos princípios do Sistema de Numeração Decimal, dos fatos fundamentais e das propriedades estruturais das operações explicam as técnicas operatórias.

CONTEÚDO

TERCEIRA SÉRIE

- Adição e sua inversa.
 - Verificar o resultado de uma operação por meio de sua inversa.
- Variação do resultado de uma adição (soma) em função do:
 - acréscimo de uma das parcelas.
(Aumentando-se uma das parcelas, a soma aumenta).
 - decréscimo de uma das parcelas:
(Diminuindo-se uma das parcelas a soma diminui).

QUARTA SÉRIE

- Adição e sua inversa.
 - Verificar o resultado de uma operação por meio de sua inversa.
- Aplicação em problemas das variações do resultado de uma adição (soma) em função da variação das parcelas.

— variação do resultado da subtração (diferença) em função da:

- Variação do 1.º termo.
(Aumentando-se o 1.º termo a diferença aumenta. Diminuindo-se o 1.º termo a diferença diminui).
- Variação do 2.º termo.
(Aumentando-se o 2.º termo a diferença diminui. Diminuindo-se o 2.º termo a diferença aumenta.)
- Variação de ambos os termos.
(Aumentando-se ou diminuindo-se os dois termos de um mesmo número, a diferença permanece a mesma.)

— Sentenças matemáticas de adição e subtração.

— Aplicação dos fatos fundamentais nas técnicas operatórias de adição e subtração.

— Técnicas operatórias de adição e subtração com números naturais menores que 10.000.

- a) Estimar os resultados.
- b) Efetuar.

— Propriedades das operações.

- Verificar que a adição de números naturais é sempre possível e que a subtração nem sempre o é.
- Verificar as propriedades comutativa e associativa da adição (sem terminologia).
- Aplicar tais propriedades na verificação dos resultados.

— Aplicação de sentenças matemáticas de adição e subtração em problemas.

— Aplicação em problemas de adição e subtração com números maiores que 10.000.

— Propriedades da adição (terminologia optativa).

- a) fechamento
- b) comutativa
- c) associativa
- d) elemento neutro

* Expressar por meio de sentenças matemáticas.

— Relações de igualdade e desigualdade:

- Estabelecer a relação de igualdade entre pares de números e verificar as propriedades simétrica e transitiva.

Exemplos:

a) se $(2 + 3)$ é igual a 5 então 5 é igual a $(2 + 3)$

b) se $(2 + 3)$ é igual a 5 e 5 é igual a $(4 + 1)$ então $(2 + 3)$ é igual a $(4 + 1)$

- estabelecer a relação de desigualdade (maior que, menor que) entre pares de números e verificar a propriedade transitiva

Exemplos:

a) se 5 é menor que 8 e 8 é menor que 10 então 5 é menor que 10.

— Aplicação das operações de adição e subtração em problemas.

- identificar e criar situações em que as propriedades sejam aplicadas.
- empregar as propriedades na análise dessas situações.

— Relações de igualdade e desigualdade.

- emprêgo dos sinais $>$, $<$ e $=$ em sentenças matemáticas.
- aplicação das propriedades.

— Aplicação das operações de adição e subtração em problemas.

MULTIPLICAÇÃO E DIVISÃO DE NÚMEROS NATURAIS

OBJETIVOS

Visa-se neste item criar condições:

- à compreensão da multiplicação como uma forma de agrupar;
- à associação da divisão a situações de separação:

- a) em grupos com determinado número de elementos;
- b) em um determinado número de grupos;
- à identificação da divisão como operação inversa da multiplicação;
- à identificação de situações de agrupar, separar em grupos com determinado número de elementos e num determinado número de grupos e associar estas situações a sentenças matemáticas de multiplicação e divisão;
- à análise de um problema a fim de expressar as relações que nele existem por meio de uma ou mais sentenças matemáticas;

- à compreensão do significado dos termos destas operações e das variações relativas desses termos;
- à compreensão e aplicação das propriedades comutativa e associativa da multiplicação;
- à compreensão e aplicação da propriedade distributiva da multiplicação em relação à adição;
- à prática da estimativa;
- à compreensão de que os conhecimentos dos fatos fundamentais e das propriedades estruturais das operações explicam as técnicas operatórias.

C O N T E Ú D O

- Multiplicação e sua inversa.
 - Verificar o resultado de uma operação por meio de sua inversa.
- Variação do resultado de uma multiplicação em função da variação dos fatores.
- Sentenças matemáticas de multiplicação e divisão.
- Aplicação dos fatos fundamentais nas técnicas operatórias de multiplicação e divisão.

- Multiplicação e sua inversa.
 - Verificar o resultado de uma operação por meio de sua inversa.
- Estimar o resultado de divisões exatas, alterando progressivamente dividendo, divisor ou ambos.
- Variação do resultado de uma divisão, em função da variação de seus termos.
- Estimar o resultado de divisões não exatas, observando a variação do resto.
- Sentenças matemáticas de multiplicação e divisão.

Técnicas operatórias de multiplicação e divisão, onde os termos e o resultado das operações são números menores ou iguais a 10.000.

- estimar e efetuar.

— Propriedades das operações (sem terminologia)

- verificar que a multiplicação é sempre possível e a divisão nem sempre o é.
- verificar as propriedades comutativa e associativa da multiplicação.
- verificar a propriedade distributiva da multiplicação em relação à adição e subtração.
- expressar por meio de sentenças matemáticas.
- aplicar as técnicas de multiplicação.

Exemplo:

$$\begin{aligned} 369 \times 3 &= (300 + 60 + 9) \times 3 = \\ &= (300 \times 3) + (60 \times 3) + (9 \times 3). \end{aligned}$$

- aplicar, na verificação dos resultados.

— Relações de igualdade e desigualdade.

— Técnicas operatórias de multiplicação e divisão.

- estimar e efetuar.

— Propriedades da multiplicação (terminologia operativa).

- a) fechamento
- b) comutativa
- c) associativa
- d) elemento neutro (estudo da multiplicação por 1)
- e) distributiva em relação à adição e subtração
- identificar e criar situações em que as propriedades sejam aplicadas.
- empregar as propriedades na análise dessas situações.

— Relações de igualdade e desigualdade.

- aplicação das propriedades

— Relação de pertinência.

- identificação dos elementos de um conjunto

— Relação de inclusão.

- verificar se um conjunto está contido em outro

— Relação: ser múltiplo de, ser fator de ou ser divisor de. (estabelecer estas relações entre pares de números).

Exemplo:

A partir da sentença $8 = 4 \times 2$, concluir:

a) 8 é múltiplo de 4 e
4 é fator de 8 (4 é divisor de 8).

b) 8 é múltiplo de 2 e
2 é fator de 8. (2 é divisor de 8).

- ressaltar as relações com o “um”, com o “zero” e com o próprio número.

— Relação: ser múltiplo de, ser fator de ou ser divisor de

- determinar o conjunto dos múltiplos de um número.
- determinar o conjunto dos divisores (fatores) de um número.

Exemplos:

A é o conjunto dos fatores de 12:
 $A = \{1, 2, 3, 4, 6, 12\}$

ou

A é o conjunto dos divisores de 12 :
 $A = \{1, 2, 3, 4, 6, 12\}$

B é o conjunto dos múltiplos de 4 :
 $B = \{0, 4, 8, 12, 16, 20, \dots\}$

C é o conjunto dos fatores de (divisores de) 7 :
 $C = \{1, 7\}$

D é o conjunto dos múltiplos de 7.
 $D = \{0, 7, 14, 21, 28, \dots\}$

- verificar se um número pertence ao conjunto dos divisores ou ao conjunto dos múltiplos de um número dado.

- verificar relações de inclusão entre os conjuntos dos divisores ou entre os conjuntos dos múltiplos de números dados.

- identificar conjuntos finitos e infinitos.

Exemplos:

O conjunto dos divisores de um número (diferente de zero) é um conjunto finito.

O conjunto dos múltiplos de um número (diferente de zero) é um conjunto infinito.

O conjunto dos números pares é infinito.

- verificar que existem números cujo conjunto dos divisores têm apenas dois elementos: (números primos).
- escrever um número de diversas maneiras, como um produto de fatores (alguns casos simples como produto de fatores primos).

Exemplos:

$$12 = 6 \times 2$$

$$12 = 2 \times 2 \times 3$$

$$12 = 12 \times 1$$

$$12 = 4 \times 3$$

— Intersecção de conjuntos (conjunto formado pelos elementos comuns de dois conjuntos dados)

- determinar o conjunto dos divisores comuns de dois números dados, aplicando a intersecção de conjuntos.

Exemplo:

A é o conjunto dos divisores de 15

$$A = \{1, 3, 5, 15\}$$

B é o conjunto dos divisores de 12

$$B = \{1, 2, 3, 4, 6, 12\}$$

C é o conjunto dos divisores comuns de 15 e 12 (C é o conjunto intersecção de A e B)

$$C = \{1, 3\}$$

- determinar o conjunto dos múltiplos comuns de dois números dados, aplicando a intersecção de conjuntos.

Exemplo:

A é o conjunto dos múltiplos de 3
 $A = \{0, 3, 6, 9, 12, \dots\}$

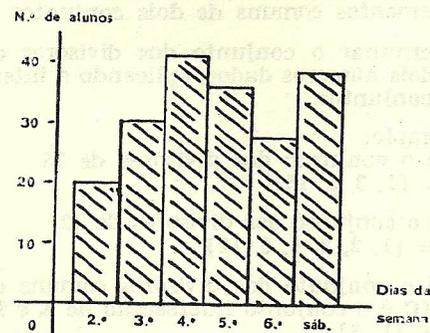
B é o conjunto dos múltiplos de 4
 $B = \{0, 4, 8, 12, 16, \dots\}$

C é o conjunto dos múltiplos comuns de 3 e 4
 $C = \{0, 12, 24, 36, \dots\}$

— Outras Relações e Gráficos

- Estabelecer relações por meio de gráficos.

Exemplo: considerando-se os conjuntos: dias da semana e número de alunos por dia, relacionar cada dia da semana com o número de comparecimentos correspondentes, por meio de gráfico.



- Interpretar gráficos relativos a produção, importação, exportação, etc.

— Outras Relações e Gráficos:

- Estabelecer relações por meio de gráficos.

- Interpretar gráficos.

NÚMEROS RACIONAIS

OBJETIVOS

Via-se neste item criar condições:

- A compreensão de que os números naturais não são suficientes para responder certos tipos de situações-problema;
- A compreensão de que é necessário dividir a unidade para que certos problemas tenham uma resposta adequada;
- A compreensão de que estas divisões levam ao conceito de uma nova espécie de número chamado "número racional";
- A compreensão de que os números racionais podem ser representados por uma fração;
- A compreensão das equivalências de partes da unidade;

- à compreensão de que o conjunto dos números naturais está contido no conjunto dos números racionais;
- à compreensão de que infinitas frações representam um mesmo número racional;
- à compreensão de que o Sistema de Numeração Decimal pode ser estendido de maneira a representar os números racionais;
- à ordenação de números racionais escritos sob forma fracionária e sob forma decimal;
- à realização de operações com números racionais sob forma de fração ou sob forma decimal;
- à prática da estimativa;
- ao emprego dos números racionais em medidas.

CONTEÚDO

A — CONCEITO DE NÚMERO RACIONAL, REPRESENTAÇÃO FRACIONÁRIA.

- Situações-problema que sugerem ser necessário uma nova espécie de número (número racional).
- Divisão da unidade em meios, terços, quartos, sexto etc.
- Fração para representar essas partes
 - significado do numerador
 - significado do denominador

- Equivalências entre partes da unidade
 - emprêgo da reta numérica
- Escrever os números naturais sob forma fracionária.
- Verificar quantos meios, terços, quartos, etc. existem em uma, duas, três, etc. unidades.
- Comparar números racionais menores que um.
 - emprêgo da reta numérica.
 - emprêgo dos sinais $>$, $<$, $=$
- Aplicação em problemas simples.
- Adição de números racionais:
 - em que as parcelas são números racionais representados por frações de mesmo denominador.
 - em que uma das parcelas é um número natural.
- Aplicação em problemas simples.
- Subtração de números racionais. (operação inversa da adição)
 - em que o primeiro e o segundo termos são números racionais representados por frações de mesmo denominador.
 - em que o 1.º termo é um número natural.
- Aplicação em problemas simples.
- Fração irredutível: a fração mais simplificada representa um dado número racional.
- Números racionais maiores que um.
- Verificar quantas unidades existem em um número racional maior que um.
- Comparar números racionais maiores que um.
 - emprêgo da reta numérica.
 - emprêgo dos sinais $>$, $<$, $=$
- Adição de números racionais.
 - em que as parcelas são números racionais representados por frações de denominadores diferentes (determinação de um mesmo denominador por meio das equivalências).
 - Verificar no conjunto dos racionais as propriedades comutativa e associativa da adição.
 - Aplicação em problemas simples.
- Subtração de números racionais (operação inversa da adição).
 - em que os termos são números racionais representados por frações de denominadores diferentes (determinação de um mesmo denominador por meio das equivalências).
- Aplicação em problemas simples.
- Multiplicação de números racionais. (Exploração do conceito, calculando-se áreas de retângulos cujas medidas são os números racionais dados.)

- um dos fatores sendo um número natural.
- um dos fatores sendo representado por uma fração cujo numerador é um.
- os fatores sendo números racionais quaisquer.
- Verificar a propriedade comutativa e a propriedade associativa.
- Verificar a existência do elemento neutro.
- Verificar a existência de elemento inverso (uma nova propriedade).

Exemplo:

$$\frac{2}{3} \times \frac{3}{2} = \frac{3}{2} \times \frac{2}{3} = 1$$

$$\left(\frac{2}{3} \text{ é o inverso de } \frac{3}{2} \text{ e } \frac{3}{2} \text{ é o inverso de } \frac{2}{3}\right)$$

- Aplicação em problemas bem simples.

— Divisão de números racionais

- em que o divisor é um número natural (diferente de zero).
- em que o quociente é um número natural.

Exemplos:

$$\frac{1}{1} : \frac{1}{6} = 6$$

$$\frac{1}{2} : \frac{1}{4} = 2$$

$$\frac{3}{5} : \frac{1}{5} = 3$$

- verificar que a divisão é a operação inversa da multiplicação.
- Aplicação em problemas bem simples.

B — REPRESENTAÇÃO DECIMAL DOS NÚMEROS RACIONAIS

— Revisão dos fundamentos do Sistema de Numeração Decimal para os números naturais (agrupamentos de 10 em 10 e valor posicional dos algarismos).

- Estender os mesmos princípios para números menores que 1; emprêgo da vírgula.
- Numerais decimais que correspondem às frações de numerador 1 e de denominador 10, 100 ou 1.000.

$$\frac{1}{10} = 0,1 \text{ (décimo)}$$

$$\frac{1}{100} = 0,01 \text{ (centésimo)}$$

$$\frac{1}{1.000} = 0,001 \text{ (milésimo)}$$

— Estudo das relações entre:

- décimos, centésimos, milésimos e a unidade.
- décimos e centésimos
- décimos e milésimos
- centésimos e milésimos

— Numerais decimais que correspondem às frações de numerador qualquer e denominador 10, 100 ou 1.000.

Exemplo: $\frac{45}{100} = 0,45$

— Comparar números menores que 1 representados por numerais decimais.

— Adição de números racionais escritos sob forma decimal.

- Aplicação dos princípios do Sistema de Numeração Decimal na técnica operatória.
- Aplicação em problemas simples.

— Subtração de números racionais escritos sob forma decimal.

- Aplicação dos princípios do Sistema de Numeração Decimal na técnica operatória.
- Aplicação em problemas simples.

— Multiplicação de números racionais escritos sob forma decimal.

- em que um dos fatores é 10, 100 ou 1.000.
- em que um dos fatores é um número natural.
- Aplicação em problemas simples.

— Estudo das relações entre:

- décimos e dezenas
- décimos e centenas
- décimos e milhares
- centésimos e dezenas etc.

— Comparar números maiores que 1 representados por numerais decimais.

— Adição de números racionais escritos sob forma decimal.

- Verificar as propriedades comutativa e associativa.
- Aplicação em problemas simples.

— Subtração de números racionais escritos sob forma decimal.

- Identificação da subtração como operação inversa da adição.
- Aplicação em problemas bem simples.

— Multiplicação de números racionais escritos sob forma decimal.

- em que os fatores são números racionais quaisquer.
- Verificar as propriedades comutativa e associativa.
- Aplicação em problemas simples.

— Divisão de números racionais escritos sob forma decimal.

- em que o divisor é 10, 100 ou 1.000.
- em que o dividendo, e o divisor são números naturais (aproximação em décimos, centésimos ou milésimos).
- em que o divisor é um número natural.
- em que o dividendo e o divisor são números racionais quaisquer.
- Aplicação em problemas bem simples.

— Porcentagem (estudo das frações de denominador 100).

Exemplos:

$$\frac{25}{100} = 25\%$$

$$\frac{1}{2} = \frac{50}{100} = 50\%$$

- Aplicação em problemas simples.

GEOMETRIA

OBJETIVOS

- Desenvolver a compreensão do mundo físico.
- Reconhecer figuras planas e figuras espaciais.
- Relacionar à idéia de ponto a de localização no espaço.
- Representar e designar pontos.
- Reconhecer e representar curvas simples e não simples. Fechadas e abertas.
- Reconhecer, representar e designar: retas, semi-retas e ângulos.
- Compreender as relações de paralelismo e perpendicularismo.
- Reconhecer polígonos.
- Classificar e nomear polígonos quanto ao número de lados.
- Classificar os quadriláteros, relacionando seus ângulos ou lados.
- Classificar os triângulos, relacionando seus lados.
- Identificar regiões planas.
- Reconhecer e nomear entre as figuras do espaço: prisma (cubo e paralelepípedo), pirâmide, cilindro, cone e esfera.

CONTEÚDO

TERCEIRA SÉRIE

- Ponto
 - Localizar, representar e designar.
- Segmento de reta:
 - segmento de reta como conjunto de pontos.
 - desenhar e designar segmentos de reta.
 - relação de pertinência entre ponto e segmento de reta.
 - congruência de segmentos (segmentos de mesmo tamanho).
- Reta:
 - reta como conjunto de pontos.

QUARTA SÉRIE

- Semi-reta:
 - semi-reta como conjunto de pontos.

- desenhar e designar retas.
- relação de pertinência entre ponto e reta.
(Verificar se um ponto pertence ou não a uma reta.)
- desenhar e designar retas por dois de seus pontos.
- feixe de retas (no plano).
- desenhar retas concorrentes e paralelas.

- Curvas fechadas simples e não simples (como conjunto de pontos).
 - desenhar e identificar.
 - identificar um segmento de reta como uma curva simples.
- Polígonos.
 - curvas fechadas simples formadas por segmentos de reta.

- desenhar e designar semi-retas.
- relação de pertinência entre ponto e semi-reta.
(Verificar se um ponto pertence ou não a uma semi-reta.)

- Relação de inclusão entre reta e semi-reta.
- Ângulo:
 - ângulo como conjunto de pontos.
 - terminologia própria de um ângulo: lados, vértice.
 - congruência de ângulos.
 - ângulo reto.

- Perpendicularismo.
- Curvas fechadas simples.
- Polígonos.

- desenhar e identificar.
- terminologia própria de um polígono: lados, vértices, diagonais.
- classificar quanto ao número de lados: triângulo, quadrilátero, pentágono, hexágono, polígonos de 7 lados, 8 lados, etc.

— Quadriláteros.

- classificar quanto ao paralelismo dos lados: paralelogramo e trapézio.
- desenhar em várias posições.

— Quadriláteros:

- Classificação dos paralelogramos:
 - a) quanto à congruência dos ângulos: retângulo e quadrado.
 - b) quanto à congruência dos lados: losango e quadrado.
- Base e altura dos quadriláteros.

— Triângulos:

- Classificação:
 - a) quanto à congruência dos lados: equiláteros e isósceles.
 - b) quanto à congruência dos ângulos: retângulo.
- Base e altura dos triângulos.

— Figuras do espaço como conjuntos de pontos.

- de faces planas.
 - a) prisma
 - terminologia própria de um prisma: faces, arestas, vértices, bases. Classificar os prismas quanto às faces e bases: cubo, paralelepípedo.

b) Pirâmide

terminologia própria de uma pirâmide:
faces, arestas, vértice e base.

- De faces não planas.

Cilindro, cone e esfera: (identificação)

SISTEMA LEGAL DE UNIDADES DE MEDIR

OBJETIVOS

- Compreender os termos medida e unidade de medida.
- Conhecer as unidades de uso comum e sua adequação ao objeto a ser medido.
- Estabelecer relações entre as diferentes unidades de comprimento; de área; de volume; de massa e de tempo.
- Conhecer diferentes instrumentos de medida.
- Representar medidas em determinadas unidades, aplicando os princípios do Sistema de Numeração Decimal.
- Representar, em determinadas unidades, medidas em cuja representação não são utilizados os princípios do Sistema de Numeração Decimal.

CONTEÚDO

— Medidas de comprimento.

- Determinar o comprimento de segmentos por meio de unidades não-padronizadas e padronizadas.
 - a) medida exata
 - b) medida aproximada

-- Aplicação das medidas de comprimento.

— Metro como unidade fundamental de comprimento.

- estimar o comprimento de objetos, de cômodos, de terrenos, etc.

- determinar o comprimento de objetos, cômodos, terrenos, etc.

Unidades menores que o metro: decímetro, centímetro, milímetro.

- estimar comprimentos.
- determinar o comprimento de um mesmo segmento em unidades diferentes para obter medidas mais exatas.
- determinar o comprimento de segmentos em decímetros, centímetros e milímetros (uso da régua).

Unidades maiores que o metro: decâmetro, hectômetro, quilômetro.

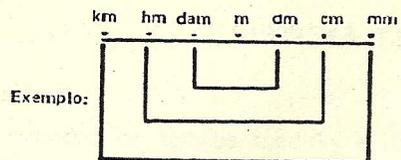
- identificar comprimentos onde usualmente se aplica o quilômetro (comprimento de estradas, distâncias entre cidades, etc.).
- aplicar o quilômetro em exercícios e problemas.

Relação entre as diferentes unidades de comprimento.

- comparação do metro com seus submúltiplos.
- comparação entre os diferentes submúltiplos do metro.
- comparação do metro com o quilômetro.
- comparar comprimentos nas unidades mencionadas, usando os símbolos $>$, $<$ e $=$.

— Representação decimal das medidas em determinada unidade.

- relação entre os múltiplos e submúltiplos do metro e compreensão do valor posicional do algarismo; emprêgo da vírgula.



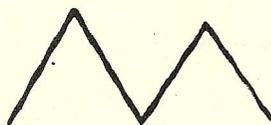
- uso das abreviações.
- Aplicação das unidades de comprimento.
- na comparação dos comprimentos de curvas quaisquer.

Exemplos:



- na determinação do comprimento de uma curva formada por segmentos de reta (uso da régua).

Exemplo:



- na determinação do perímetro de um polígono qualquer utilizando modelos de polígonos.
- na determinação do perímetro de cômodos, da escola (sala-de-aula), da casa.

- determinar o perímetro do retângulo conhecendo-se suas dimensões;

- determinar o perímetro do quadrado, conhecendo-se a medida do lado.

— Medidas de superfície.

Compreensão do significado de superfície.

- Comparar a área de superfícies (regiões) planas de mesma forma e de formas diferentes.

— Unidades não-padronizadas de área.

- determinar a área de diferentes superfícies, usando unidades não-padronizadas (triângulos, retângulos, quadrados de tamanhos diversos).

- selecionar o quadrado como unidade de área.

— Unidades padronizadas de área: metro quadrado, decímetro quadrado, centímetro quadrado.

- estimar as áreas das superfícies de diferentes retângulos (incluindo-se quadrados) em decímetros quadrados ou centímetros quadrados.

Exemplos:

área da superfície de lousa, da mesa do aluno, de figuras desenhadas em papel.

- calcular a área das figuras acima mencionadas, conhecendo-se suas dimensões (em decímetro ou centímetro quadrado).

- estimar áreas em metro quadrado:

Exemplos:

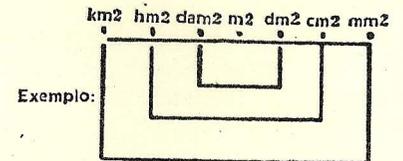
sala de aula, pátio, terreno.

- estimar áreas em quilômetros quadrados.

Exemplos:

Estados, Territórios, Países.

- Relação entre as diferentes unidades de área.
 - Comparar o metro quadrado, decímetro quadrado e centímetro quadrado.
 - Comparar áreas nas unidades mencionadas, usando os sinais $>$, $<$ e $=$
- Representação decimal das medidas de superfície.
 - Relação entre múltiplos e submúltiplos do metro quadrado e compreensão do valor posicional dos algarismos; emprégo da vírgula.



- Uso das abreviaturas.
- Determinar a área de paralelogramos e em particular do retângulo e do quadrado.
- Determinar a área de triângulos.

— Escalas:

- Interpretar mapas, mediante uma determinada escala. (uso de um Atlas)

— Escalas:

- Calcular os comprimentos reais de qualquer objeto representado segundo uma escala.

Exemplo:

a sala-de-aula, o pátio da escola, fazendo corresponder a cada metro um centímetro. (planta)

- Interpretar representações (como as acima mencionadas) identificando a escala empregada.

— Medidas de peso.

- Quilograma como unidade fundamental de peso.
- Uso da balança.
- Aplicação do quilograma e do grama (mercadorias que se compram em gramas ou quilogramas)

— Aplicação

— Tonelada

- Identificar situações em que é usada a tonelada.
- Levantamento de dados relativos a produção, importação e exportação.

— Relação entre as diferentes unidades de peso.

- Comparação do quilograma com o grama e do quilograma com tonelada.
- Comparação de diferentes pesos nas diferentes unidades, usando os sinais $>$, $<$ e $=$

— Representação decimal das medidas em determinada unidade.

- Relação do quilograma com seus múltiplos e submúltiplos e compreensão do valor posicional dos algarismos. Emprêgo da vírgula, emprêgo dos símbolos kg, g e t para representar quilograma, grama e tonelada, respectivamente

— Medidas de tempo

- Relação entre: ano, mês (bimestre etc.), semana e dia (quinzena etc.).
- Relação entre: hora e minuto; minuto e segundo.
- Hora, minuto e segundo
transformar hora em minuto e vice-versa.
minuto em segundo e vice-versa.
hora em segundo e vice-versa.
- Dia como unidade de tempo.
Uso do calendário e do relógio.

— Medidas de volume.

- Compreensão do significado de volume.
- Unidades padronizadas de volume:
 - a) o metro cúbico e o decímetro cúbico.
(comparação do metro cúbico com o decímetro cúbico)
(aplicação do metro cúbico e decímetro cúbico em exercícios e problemas simples).
 - b) Litro como unidade de volume.
(comparar os volumes de recipientes de formas diversas).
(relação entre o decímetro cúbico e o litro).
(aplicação do litro em exercícios e problemas).

— Medidas de Tempo

- Adição e Subtração

Técnica operatória

Exemplos:

$$3\text{h } 50\text{ min} + 4\text{h } 40\text{ min} = 7\text{h } 90\text{ min} = 7\text{h } (60 + 30)\text{ min} = 8\text{h } 30\text{ min}$$

— Aplicação em problemas.

O CRUZEIRO

CONTEÚDO

— O cruzeiro como moeda nacional.

- Relação entre o cruzeiro e centavo.

• Equivalência: entre moedas, entre moedas e cédulas, entre cédulas.

• Representação simbólica.

• Aplicação da moeda em problemas da vida prática.

• Aplicação do cruzeiro em problemas da vida prática.

ESTUDOS SOCIAIS

OBJETIVOS

Espera-se que a criança, na Nível II:

- Amplie, gradativamente, seus conhecimentos do meio físico e conheça as influências na vida do Estado e do País.
- Conclua que há interdependência entre os diversos Estados e Territórios do Brasil e entre o Brasil e outros países.
- Conheça os direitos e deveres do cidadão e sua importância para o progresso e unidade nacional.
- Conheça a organização e governo do Estado e do País.
- Conheça os principais fatores sociais, políticos e religiosos que influenciaram a evolução do Estado e do País e que explicam nossas atuais condições de desenvolvimento.
- Seja orientada, gradativamente, no sentido de tomar consciência de nossos principais problemas de desenvolvimento e de analisar criticamente as tentativas de solução.
- Amplie sua habilidade de recorrer à fontes diretas e indiretas de informações.
- Utilize adequadamente terminologia específica, convenções geográficas, gráficos, mapas e globos.

TERCEIRA SÉRIE

OBJETIVOS

CONTEÚDO

I — O ESTADO DE SÃO PAULO EM NOSSOS DIAS

Espera-se que a criança:

- Localize o Município no Estado. Saiba que o Estado é dividido em Municípios e Zonas.
 - Principais Municípios e Zonas do Estado.
- A — O Estado de São Paulo no Brasil.

- Localize o Estado de São Paulo, observando-o como uma parte do todo, o país.
- Tenha noção da extensão territorial do Estado e conheça os Estados vizinhos.
- Saiba que há interdependência entre São Paulo e os demais Estados.

- Conheça as principais características naturais da terra paulista e as inter-relações com sua posição geográfica.

- Conheça algumas características da população. Influência dos aspectos naturais, dos fatores históricos e econômicos.

- Conheça os principais recursos humanos e naturais disponíveis no Estado e suas possibilidades de aproveitamento.

— Localização geográfica e extensão territorial do Estado.

B — Aspectos Naturais.

— Relevo e hidrografia. Clima e suas relações com o relevo, hidrografia e vegetação.

— Regiões naturais: o litoral e o planalto.

C — População atual do Estado.

— Densidade e composição étnica da população.

D — Atividades econômicas.

— Indústria, agricultura, pecuária e sua distribuição no Estado.

— As fontes de energia, suas relações com o meio físico e vida econômica.

— O problema da mão-de-obra, as migrações e imigrações.

- Saiba que o Estado é uma unidade político-administrativa da Federação.
- Saiba que existem leis que regulam os direitos e deveres dos cidadãos.
- Saiba que em virtude do seu grande desenvolvimento, a capital de São Paulo se constitui em grande centro de influência.
- Saiba que dentro do Estado de São Paulo, existem outras cidades que são centros locais de influência.

E — Organização político-administrativa e aspectos sócio-culturais.

— Comércio: as vias e meios de transporte.

— O Estado, a União e os municípios.

— Governo e suas atribuições; poderes constituídos.

— Alguns tópicos da Constituição do Estado de São Paulo.

— A Capital como centro de irradiação; os problemas da urbanização.

— As principais cidades paulistas: características e áreas de influência.

II — FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO ESTADO

A — Os primeiros tempos de colonização.

- Conheça a política de colonização de Portugal em relação ao Brasil.
- Saiba quê, com o povoamento do planalto, se inicia a ocupação do Interior.

— A fundação dos primeiros núcleos de povoamento no litoral e planalto; razões de sua localização; introdução da cana-de-açúcar no litoral.

— Fatores que limitaram o desenvolvimento do planalto nos primeiros tempos.

- Conheça as condições de vida e desenvolvimento nos primeiros tempos do planalto.

B — São Paulo, expansão territorial e a ocupação centro-sul.

- Saiba que o bandeirismo paulista se explica principalmente pela ausência de recursos econômicos do planalto.
- Saiba que as condições geográficas naturais tiveram grande influência no movimento de expansão territorial.

C — São Paulo e a mineração: decadência econômica e ascensão política.

- Saiba que os movimentos nativistas e separatistas em São Paulo representaram reforço do espírito de autonomia.
- Saiba que, apesar das condições de vida do planalto, São Paulo cresce em importância política.

D — Evolução do planalto.

- Conheça o início do processo de evolução econômica do planalto.

— O jesuíta e a catequese.

— A capitania de São Vicente e o espírito de autonomia.

— O bandeirismo paulista: causas; apresamento do indígena; a descoberta das minas e suas conseqüências.

— Manifestações separatistas e suas conseqüências.

— São Paulo como sede da capitania de São Vicente.

— Fatores que influenciaram no aparecimento da função comercial da cidade. Situação geográfica, sistema de transportes, comércio, etc.

E — O café e a expansão econômica de São Paulo.

- Saiba que a economia cafeeira promoveu o deslocamento do eixo de vida do País para o Sul.
- Saiba que o café propiciou novas condições econômicas.
- Saiba que o café se constituiu no primeiro produto, cuja riqueza foi carregada para o benefício da nação.
- Saiba que há interdependência econômica entre São Paulo e outros Estados, o Brasil e outros países.
- Saiba que o novo tipo de produção agrária promoveu importantes mudanças sociais, políticas e culturais.

- Saiba que, além das condições criadas pelo café, um conjunto de outros fatores possibilitou o grande desenvolvimento industrial do Estado.
- Saiba que o desenvolvimento econômico criou condições para mudanças sociais, culturais e políticas.

- Fatores que condicionaram a introdução e desenvolvimento do café: solos, clima, decadência do açúcar.
- A substituição do trabalho escravo pelo imigrante; as migrações internas.
- O comércio interno e externo.

- Centros de influência externa em nossa economia. Mercado americano.

- Mudanças na estrutura social de São Paulo.
- A função cultural da cidade.

- Os fazendeiros de café e sua atuação no cenário político nacional.

F — A industrialização.

- Fatores que favoreceram o desenvolvimento da industrialização: as condições do comércio externo; o café e o imigrante. Acúmulo de riquezas, elevação do padrão de vida, etc.
- As diferentes transformações causadas pela industrialização: na urbanização, no sistema de transporte, na organização social, na educação; nas atividades intelectuais e políticas.

QUARTA SÉRIE

OBJETIVOS	CONTEÚDO
I — O BRASIL EM NOSSOS DIAS	
Espera-se que a criança: <ul style="list-style-type: none">● Localize o Estado de São Paulo no Brasil.	— Posição do Estado de São Paulo em relação aos Estados vizinhos.
	A — O Brasil no continente americano.
<ul style="list-style-type: none">● Localize o Brasil no planisfério e conheça as conseqüências da localização geográfica.● Tenha idéia da extensão territorial do Brasil e suas conseqüências.	— Localização geográfica e extensão territorial.
	B — Aspectos naturais.
<ul style="list-style-type: none">● Conheça as principais características naturais do Brasil e suas inter-relações.● Saiba que a diversidade dessas características justifica as divisões regionais.	— Aspectos gerais do relevo, hidrografia, clima, vegetação. — Caracterização das grandes regiões do Brasil.
	C — População.
<ul style="list-style-type: none">● Conheça as diferenças de distribuição e composição da população brasileira. Influências dos aspectos naturais.	— Número de habitantes, densidade demográfica; composição étnica; distribuição por idades.

D — Atividades econômicas.

- Conheça os recursos naturais e humanos disponíveis e as possibilidades regionais de aproveitamento.
- Conheça a importância da circulação da produção para o desenvolvimento.

- A distribuição e a diversidade das atividades econômicas: agricultura; pecuária; indústria extrativa e de transformação; fontes de energia.
- Recursos humanos: o problema da mão-de-obra e as migrações.
- Circulação da produção; comércio interno e externo, vias e meios de transportes e suas relações com o meio físico e a vida econômica.

E — Organização político-administrativa e aspectos sócio-culturais.

- Saiba que o Brasil é formado de unidades político-administrativas centralizadas no Poder federal.
- Saiba que há divisão de poderes e diferentes níveis administrativos.
- Conheça e valorize os direitos e deveres do cidadão.
- Conheça as diferentes manifestações culturais de nosso povo.
- Saiba que a educação é fator básico para a participação na vida do País e para o seu desenvolvimento.

- República federativa: União, estados e territórios.
- O Governo federal e suas atribuições; poderes constituídos; os serviços públicos.
- Alguns tópicos da Constituição do Brasil.
- As manifestações gerais e regionais da cultura: tradições; usos e costumes; o folclore.
- A educação: características gerais e principais problemas.

- Saiba que há interdependência entre o Brasil e outros países.

— Relação do Brasil com outros países: o Brasil na América Latina e no mundo.

II — FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO BRASIL

A — O Brasil Colônia.

- Saiba que o descobrimento do Brasil e as várias etapas de sua colonização refletem as necessidades da economia europeia.
- Saiba que o pau-brasil era o único produto com possibilidades imediatas de aproveitamento e que a sua exploração não promoveu a colonização do Brasil.
- Conheça as razões da ocupação efetiva da terra.
- Conheça as tendências político-administrativas da Coroa em relação à Colônia.
- Saiba quais condições levaram à exploração da cana-de-açúcar.

— A Europa nos séculos XV e XVI.

— O comércio europeu; Portugal na Europa; os descobrimentos e suas conseqüências.

— O pau-brasil.

— A exploração do pau-brasil e o comércio europeu.

— A ocupação efetiva da terra nos primeiros tempos.

— As tentativas de colonização; os fatores geográficos e a localização dos primeiros núcleos.

— Os esforços de centralização do poder na Colônia.

— A cana-de-açúcar.

— Fatores que levaram à exploração da cana-de-açúcar:

- a) condições naturais;
- b) decadência do comércio de Portugal com as índias;
- c) procura do produto no mercado europeu.

● Saiba que o sistema de exploração da cana-de-açúcar condicionou o tipo de sociedade colonial.

● Saiba que apesar da presença do Poder central, as Câmaras representavam o poder político de fato.

● Saiba que a ocupação holandesa foi consequência do domínio espanhol e da riqueza do Nordeste.

● Saiba que a mineração e a pecuária levaram à expansão territorial e à ocupação Centro-Sul.

● Saiba que a mineração criou condições que desencadearam o processo de emancipação política.

● Saiba que a vinda da Família Real foi decisiva no processo de emancipação política.

— A monocultura; a grande propriedade; a mão-de-obra escrava.

— As Câmaras locais e o Poder central.

— Ocupação holandesa no Nordeste.

— A mineração.

— O bandeirismo.

— A pecuária.

— Condições favoráveis à mineração: transformações na economia européia; decadência do açúcar.

— A mineração e as transformações econômicas e sociais que antecederam a independência. Surto demográfico, mudança da capital.

— O fortalecimento do poder da Coroa e a política de restrições: as manifestações nativistas.

B — O processo de emancipação política.

— A transferência da sede do governo português para a Colônia.

- Saiba que a independência política só se efetiva no fim do primeiro-reinado.
- Saiba que as regências constituíram fase de transição política, caracterizada pela atuação de novos grupos sociais.

- Saiba que na primeira fase do Segundo Império se consolidou a nova ordem social e política.
- Saiba que o café promoveu o crescimento de nossa economia e deslocou para o Sul o centro de vida do País.
- Saiba que a Abolição foi fator fundamental na queda do Segundo Império.
- Saiba que a Questão Religiosa e a Questão Militar representam a atuação da classe média no movimento republicano.

- Saiba que com a instalação e consolidação do novo regime, as forças tradicionais retomam o poder político.
- Saiba que o café criou condições para o desenvolvimento industrial.

C — As novas condições econômicas, políticas e sociais.

- A primeira fase do Brasil independente.
- As regências e a instabilidade política e social.

- A primeira fase do Segundo Império. Mudanças de regime político.
- O café e a expansão econômica.

- A atuação dos fazendeiros de café: a Abolição e a República.
- A Questão Religiosa e a Questão Militar.

D — Período Republicano.

- Transição e consolidação do novo regime.
- O café e a industrialização.

● Saiba que a industrialização promoveu a expansão econômica e foi fator de mudanças econômicas, políticas, sociais e culturais.

● Saiba que novas forças sociais atuam na sociedade brasileira, revelando a necessidade de mudança das instituições.

● Saiba que a partir de 1945 se inicia o processo de democratização através da participação do povo na vida política.

— Crise do sistema político.

— O processo de democratização.

— A industrialização e suas conseqüências: crescimento econômico; urbanização; a burguesia e a participação política; o enriquecimento da vida cultural.

— A revolução de 1930 e o Estado Novo.

— A sociedade brasileira e o processo de democratização, a partir de 1945.



CIÊNCIAS

3.ª SÉRIE

I — NO MUNDO DAS COISAS

OBJETIVOS

CONTEÚDO

MAGNETISMO

Espera-se que a criança aprenda:

- Identificar os polos dos imãs.
- Improvisar uma bússola.
- Orientar-se usando a bússola.

— Imãs:

- imãs naturais.
- pólos do imã.
- a Terra como um imã.
- imã como instrumento de orientação (a bússola).

MUDANÇA DO TEMPO

Espera-se que a criança compreenda que:

- Os fenômenos naturais se processam e se repetem independente da vontade do homem.
- Os conhecimentos permitem a interpretação dos fenômenos.
- A análise dos dados obtidos por instrumentos específicos possibilita a previsão.
- Com base nesses conhecimentos o homem pode interferir e controlar certos fenômenos.

O Ar:

- existência
- composição do ar: gases e vapor de água
- vapor de água: sua invisibilidade sua procedência
- vapor de água e a temperatura do ar
- formação das nuvens
- a chuva

- Movimento do ar:
 - aquecimento da Terra pelo Sol
 - aquecimento desigual de diferentes partes da Terra e desigual aquecimento do ar
 - variação da densidade do ar pelo aquecimento
 - ventos
- Mudança de tempo (condições meteorológicas):
 - movimento do ar
 - variação de umidade
- Medidas das condições atmosféricas:
 - instrumentos de medida
 - pressão, temperatura, umidade do ar e ventos
- Previsão do tempo:
 - interpretação das variações de pressão, temperatura, umidade e ventos na previsão do tempo.

II — OS SÊRES VIVOS

A VIDA DAS PLANTAS E DOS ANIMAIS

Espera-se que a criança compreenda que:

- Os seres vivos influem no ambiente e dêste sofrem influência.
- Os seres vivos estão adaptados ao ambiente em que vivem.

— Sêres vivos e ambiente:

- o ambiente como resultado das peculiaridades gerais do clima, características do solo e relação dos seres vivos entre si.
- agrupamentos de diferentes seres vivos em determinadas regiões.

- A energia obtida pelas plantas vai passando de um ser vivo para outro, pela alimentação.

— Relação dos seres vivos entre si:

- captação da energia luminosa pela clorofila
- transformação da energia luminosa em energia química
- água e gás carbônico na formação do açúcar
- reservas alimentares e sua utilização (respiração para libertação da energia armazenada)
- todos os animais dependem das plantas clorofiladas.

CULTIVANDO O SOLO E PROTEGENDO OS RECURSOS NATURAIS

Espera-se que a criança:

- Compreenda a importância dos vegetais na vida do homem.
- Compreenda a importância das técnicas convenientes do cultivo.
- Compreenda o papel da ciência na tecnologia.
- Desenvolva habilidades em relação às técnicas mais simples e adequadas do cultivo.

— Os alimentos de origem vegetal:

- valor alimentício do vegetal.

— Fatores que influem na produtividade vegetal:

- características da própria planta
- características do solo e fatores climáticos
- competição entre as plantas

- fatores de decréscimo da produtividade vegetal:

empobrecimento do solo:

- enxurrada
- desflorestamento
- queimada

- fatores que possibilitam o aumento da produtividade vegetal:

seleção e melhoria
preparo conveniente do solo:
revolvimento e adubação
época de plantio e espaçamento
cuidados e manutenção das culturas
época e métodos de colheita

CUIDANDO DOS ANIMAIS

Espera-se que a criança:

- Compreenda a importância dos animais na vida do homem.
- Compreenda a importância das técnicas convenientes para cuidar dos animais.
- Compreenda o papel da ciência na tecnologia.
- Desenvolva habilidades em relação às técnicas mais simples e adequadas no cuidado para com os animais.

— Os alimentos de origem animal:

- valor alimentício dos animais

— Fatores que possibilitam maior produtividade animal:

- seleção
- proteção à prole
- tratos dispensados aos animais na alimentação, na prevenção e tratamento das doenças.

4.ª SÉRIE

I — NO MUNDO DAS COISAS

OBJETIVOS

CONTEÚDO

OBTENDO ELETRICIDADE

Espera-se que a criança compreenda que:

- Os fenômenos naturais podem ser entendidos e reproduzidos pelo homem.

— Eletricidade atmosférica:

- eletricidade das nuvens
- a descarga das nuvens
- o raio e o trovão

— Obtenção:

- por atrito
- por indução
- relacionamento com a eletricidade atmosférica geradores mecânicos

- por reações químicas geradores químicos

— Condução da corrente elétrica:

- corrente elétrica
- bons e maus condutores

USANDO A ELETRICIDADE E O MAGNETISMO

Espera-se que a criança:

- Entenda circuitos elétricos simples.
- Adquirir habilidade para construir ou reparar aparelhos elétricos simples, com base nos conhecimentos adquiridos.
- Conheça os perigos e aprenda a tomar as precauções necessárias.

— Usos da eletricidade:

- obtenção de calor e luz (aquecimento dos condutores)
- obtenção de eletroímã
- obtenção de movimentos (motores elétricos)
- ligações elétricas
- o fusível

OBTENDO E USANDO O CALOR

Espera-se que a criança:

- Conheça as várias fontes de calor e suas manifestações.
- Adquirir habilidades para construção de máquinas térmicas simples.
- Conheça os perigos e aprenda a tomar as precauções necessárias.

— Obtenção do calor:

- do Sol
- por atrito
- por reação química
- por eletricidade

— Ação do calor:

- dilatação dos corpos
- mudança de estados físicos
- calor e temperatura: medidas

— Aplicação do calor:

- produção de movimento
- esterilização da água e objetos
- preparo de alimentos.

II — OS SÊRES VIVOS

FUNCIONAMENTO DO ORGANISMO

Espera-se que a criança compreenda que:

- A energia obtida pelas plantas vai passando de um sêr vivo para outro, pela alimentação.
- Essa energia será utilizada na realização das várias funções do organismo.

— Energia e funcionamento:

- necessidade de energia
- obtenção (alimento e respiração)
- transformação do alimento
- circulação

— Utilização de energia no relacionamento com o ambiente:

- movimento muscular
- órgãos dos sentidos

— Coordenação do funcionamento orgânico.

O HOMEM E SUA ALIMENTAÇÃO

Espera-se que a criança compreenda que:

- O alimento é indispensável ao organismo e exerce várias funções.

— O alimento

- necessidade do alimento
- eliminação de produtos prejudiciais ao organismo (excreção e transpiração)

— Funções dos alimentos:

- crescimento e renovação do organismo
- fornecimento de energia
- regulação do funcionamento orgânico.

SAÚDE

EDUCAÇÃO PARA A SAÚDE

A medida que a criança atinge novos níveis de maturidade, espera-se dela progresso na capacidade de enfrentar situações em que sua saúde possa ser envolvida, necessitando de mais conhecimentos que a capacitem para isso.

Para que seja garantida a continuidade da aprendizagem, o Programa contém procedimentos em que

surgem novas abordagens de problemas individuais e coletivos, já conhecidos, juntamente com problemas novos, de modo a ampliar a compreensão da criança, tornando-a capaz de tomar decisões acertadas, em relação à saúde.

TERCEIRA SÉRIE

OBJETIVOS	CONTEÚDO
PROTEÇÃO À SAÚDE	
● Levar a criança a conhecer a origem das doenças.	— A transmissão das doenças. — Agentes causadores. — Portas de entrada e vias de eliminação. — Formas de contágio.
● Levar a criança a conhecer as doenças mais comuns em nosso meio.	— Algumas das doenças que constituem problema de saúde pública. — Parasitoses intestinais. — Tétano. — Raiva. — Tuberculose. — Doença de Chagas e outras, de acôrdo com a região.
● Levar a criança a aceitar as medidas preventivas em relação às doenças.	— Medidas preventivas específicas. — Cuidados em relação ao doente: • tratamento • isolamento

— Medidas preventivas gerais.

- Medidas de desinfecção.
- Exame médico e dentário.
- Vacinação.
- Higiene pessoal: hábitos de vida saudável.
- Higiene coletiva: saneamento do meio.
- Solo:
 - contaminação e poluição
 - medidas de proteção (zona urbana e zona rural): disposição de dejetos e destino do lixo.
- Água:
 - proveniência
 - contaminação e poluição
 - medidas de higienização: proteção e tratamento (público e doméstico).
- Ar:
 - poluição e contaminação
 - medidas gerais de proteção: dos ambientes fechados e das grandes cidades

EDUCAÇÃO ALIMENTAR

- Levar a criança a conhecer as funções e a composição dos alimentos, para que faça escolha correta.

— Os alimentos.

— Funções:

- construtora
- reguladora
- energética

- Levar a criança à formação de hábitos de higiene da alimentação e dos alimentos.

— Higiene alimentar.

— Higiene dos alimentos.

— Composição:

- proteínas
- sais minerais e vitaminas
- gorduras e açúcares
- água

— Variação e substituição.

— As refeições:

- horário
- procedimento

— Cuidados no preparo

— Conservação

SOCORROS DE EMERGÊNCIA

- Levar a criança a tomar os necessários cuidados para evitar acidentes mais comuns.

— Acidentes mais comuns.

- Capacitar a criança a prestar socorros de emergência, em caso de necessidade, para evitar complicações.

— Providências gerais.

— Primeiros Socorros.

— Prevenção:

- no lar
- na escola
- em outras situações

— Providenciar assistência urgente.

— Atender o acidentado.

— Ferimentos:

- curativo
- vacina antitetânica

— Hemorragia: estancamento.

— Fratura:

- reconhecimento dos sintomas
- imobilizações simples

— Queimadura:

- reconhecimento da gravidade
- socorro

- Insolação:
 - gravidade
 - socorro
- Desmaio:
 - reconhecimento
 - socorro
- Envenenamento:
 - causas
 - socorro
- Picadas de abelhas, aranhas, escorpiões, cobras:
 - socorro
 - sôros
- Asfixia:
 - causas
 - socorro

ORIENTAÇÃO DO PRÉ-ADOLESCENTE

- Levar a criança a entender as diferenças de desenvolvimento entre meninos e meninas. — Pré-adolescência.
- Levar a criança a desenvolver comportamento adequado em relação ao sexo. — Convivência.
- Crescimento: pêso e altura, fatores que influem.
- Desenvolvimento psíquico: diferenças de comportamento.
- Compreensão mútua.
- Cooperação:
 - na escola
 - no lar
 - na comunidade

QUARTA SÉRIE

OBJETIVOS

CONTEÚDO

PROTEÇÃO DA SAÚDE

- Levar a criança a compreender a importância das defesas naturais e artificiais na prevenção de doenças.

— Mecanismos de defesa natural.

— Mecanismos de defesa artificial.

— Conservação das defesas.

- Levar a criança a utilizar conhecimentos de profilaxia das parasitoses intestinais.

— Parasitoses intestinais.

- Levar a criança à compreensão da necessidade de alimentação equilibrada para a manutenção da saúde.

— Carências alimentares.

— Imunidade:

- glóbulos brancos
- anticorpos

- Vacinas
- Sôros.

— Fatores que contribuem:

- higiene
- alimentação
- regime de vida

— Verminoses mais comuns:

- como se dá a infestação
- profilaxia

— Ancilostomose e esquistossomose:

- como se dá a infestação
- profilaxia

— Carência de:

- proteínas
- vitaminas e sais minerais

ORIENTAÇÃO DO ADOLESCENTE

- Levar o aluno a compreender as modificações orgânicas e psíquicas que ocorrem na puberdade.
 - Levar a menina a utilizar conhecimentos sobre a higiene da menina-moça.
 - Levar o menino a utilizar conhecimentos de higiene diante das manifestações da puberdade.
 - Ajudar o adolescente a se compreender, levando-o a ajustar-se emocionalmente ao meio.
- Desenvolvimento
 - Higiene da adolescente.
 - Higiene do adolescente.
 - Ajustamento emocional.
- Fases: do início da vida à adolescência (características).
 - Menstruação:
 - higiene pessoal
 - regime de vida
 - combate a tabus
 - Fatores que prejudicam a saúde:
 - fumo
 - álcool
 - outros
 - Poluição noturna.
 - Higiene pessoal.
 - Regime de vida.
 - Fatores que prejudicam a saúde:
 - fumo
 - álcool
 - outros
 - Comportamento:
 - estudo

- trabalho
- recreação: reuniões sociais, esporte, artes
- Valôres morais e sociais: reconhecimento e respeito.

EDUCAÇÃO PARA O LAR

- Levar o aluno a conhecer as condições saudáveis da habitação e a participar de atividades diárias de limpeza e conservação.
- Levar o aluno a distribuir adequadamente as atividades diárias, poupando tempo e energia.
- Levar o aluno a utilizar conhecimentos e práticas de primeiros socorros.
- Levar o aluno a selecionar e a preparar os alimentos corretamente.

— Higiene da habitação.

— Regime de vida no lar.

— Pequenos acidentes e doenças no lar.

— Escolha dos alimentos.

- Condições:
 - iluminação e insolação
 - arejamento
- Limpeza e conservação de dependências, móveis, utensílios, roupas.
- Vida saudável:
 - adulto
 - criança
 - bebê
- Atendimento.
 - Farmácia domiciliar de emergência.
 - Medicamentos de prescrição médica.
- Fatores que influem:
 - qualidade
 - quantidade
 - preço
 - propaganda

● Levar o aluno a utilizar conhecimentos alimentares sobre conservação e armazenamento dos alimentos.

— Preparo dos alimentos.

— Conservação.

— Armazenamento.

— Lavar, limpar e cortar:

- vegetais
- carnes e aves
- produtos do mar
- ovos

— Higiene dos utensílios.

— Preparação simples de alimentos para:

- bebê
- escolar
- adulto

— Reconhecimento de alimentos

velhos e estragados:

- naturais
- industrializados

— Local, arrumação e contrôle.

EDUCAÇÃO FÍSICA

OBJETIVOS	CONTEÚDO	
I — ATIVIDADES NATURAIS		
Espera-se que a criança:		
● Prepare seu organismo para atividades mais intensas.	— que exercitem todos os órgãos e funções.	— marchas, corridas, saltos, saltitamentos e deslocamentos em cadência e em sentidos diversos, realizados com relativa liberdade.
II — EXERCÍCIOS SIMPLES		
● Tenha melhor desenvolvimento corporal;	— de efeito morfológico e funcional;	— movimentos executados individualmente, em duplas ou coletivamente;
● melhore a coordenação motora;		— exercícios que favoreçam a boa posição do pé, ao sentar e ao caminhar;
● adquira atitude correta.		
● Apresente reação eficaz diante das situações imprevistas.	— de efeito sobre a personalidade.	— quedas, saltos, cambalhotas, equilíbrios, escaladas, exercícios de tração e força, lutas.
● reconheça e avalie as próprias possibilidades e as de outrem.		
III — JOGOS		
● Satisfaça à necessidade dinâmica que caracteriza a fase de 8 a 10 anos;	— motores (aquêles que põem em atividade os músculos, atuando sobre todo o organismo e estimulando o seu desenvolvimento harmônico e funcional);	— pequenos jogos de regras simples que permitam a emulação e despertem o entusiasmo;
● participe do trabalho em cooperação;		

- encontre oportunidade de expansão;
- perca a timidez e a agressividade.

- Possa prevenir ou compensar vícios de posição. — jogos de valor postural; — jogos com exercícios que beneficiem a coluna vertebral;
- Ative os sentidos e desenvolva acuidades. — jogos sensoriais; — que facilitem a identificação de cores, sons, paladar, olfato e tacto;
- Desenvolva suas capacidades intelectuais. — jogos intelectivos; — repetição de palavras, de nomes de objetos; de gestos; adivinhações e provérbios;
- Venha a ter gosto pelo esporte e desenvolva aptidões necessárias para a sua prática no futuro. — iniciação esportiva. — jogos específicos dos diferentes esportes: dribles, passes, arremessos, corridas saltos, etc.

IV — ATIVIDADES RÍTMICAS

- Desenvolva a sensibilidade rítmica:
 - obtenha harmonia e graça nos gestos;
 - alcance formas de expressão por meio de movimentos.
- Desenvolva a criatividade e promova a auto-realização;
 - vença a timidez e a inibição.
- Possa usufruir de convivência social (co-educação). — marchas, galopes, saltitamentos, com variação de ritmo e direção ao som de música, palmas e tamboril;

- Conserve e transmita a tradição pelo conhecimento dos usos e costumes do nosso povo e de outros povos.

- brinquedos cantados e rodas;
- danças folclóricas e populares;
- adaptações e fantasias coreográficas.

V — ATIVIDADES COMPLEMENTARES

- Desenvolva a imaginação e a criatividade;

- execute trabalho físico e mental agradável.

— dramatização.

- interpretação de estórias conhecidas, com cenários e personagens escolhidos pelas crianças;

— reprodução de fatos históricos;

- Possa usufruir do intercâmbio social e esportivo;

- participe das promoções da escola;
- mantenha vivo o interesse pela boa atitude e apresentação;

— festas escolares.

— concentrações escolares.

— torneios relâmpagos, pequenas competições, danças etc.;

— torneios relâmpagos (várias turmas disputando simultaneamente uma série de pequenos jogos);

— desfiles;

- adquira desembaraço diante da assistência.

— demonstrações coletivas.

— exercícios rítmicos em conjunto; danças folclóricas e populares;

— excursões.

— aos jardins zoológicos, clubes esportivos, arredores da cidade, às cidades vizinhas.

- Satisfaça sua curiosidade e espírito de aventura.

ATIVIDADES
AGRÍCOLAS
E
PASTORIS

ATIVIDADES AGRÍCOLAS E PASTORIS

CONSIDERAÇÕES

É preciso que o ensino na zona rural não se torne desvinculado da realidade, mas antes constitua parte ativa e integrante do meio em que se insere e, ao mesmo tempo, não perca o seu caráter de universalidade, garantida por uma formação básica e comum. Para tanto, sugere-se esta programação básica de atividades agrícolas e pastoris, cuja finalidade é fornecer um vasto campo de observações e experiências como processo integrado na própria escolaridade, a fim de vitalizar e objetivar o ensino na zona rural.

Estas sugestões foram pensadas no sentido de fornecer, aos professores de zona rural, formas mais adequadas de atividades, que lhes possibilitassem um melhor desenvolvimento dos objetivos propostos pelo Programa do Ensino Primário.

Acreditamos que, através dessas práticas agro-pastoris, certos objetivos propostos nas áreas de Ciências, Saúde, Educação Física e Estudos Sociais encontrarão, aí, uma maior objetividade e significação.

PRÁTICAS AGRO-PASTORIS

I — OLERICULTURA

1. Instalação da horta escolar

— Localização da horta

- escolha do terreno
- forma
- dimensão
- fecho

— Organização da horta

- limpeza do terreno
- revolvimento da terra
- traçado dos canteiros
- adubação

— Preparo e distribuição dos canteiros

- divisão em canteiros e ruas
- posição dos canteiros
- dimensão dos canteiros

— Os instrumentos agrícolas utilizáveis na horta

2. Semeadura

— Diferentes maneiras de semear

— Seleção de sementes para o plantio

— Preparo especial da terra

— Tipos de semeadura

3. Germinação

— Fatores a serem considerados

4. Repicagem

— Cuidados a serem observados

1. Localização do jardim

— O terreno para o jardim

- forma
- dimensão
- fêcho

2. Organização do jardim

— Croqui

5. Transplante

— Cuidados a serem observados

6. Tratos culturais da horta

— escarificação

— irrigação

— extermínio de ervas daninhas

— combate às principais pragas

— monda

7. Cultura das hortaliças mais comuns

8. Colheita e aproveitamento dos produtos da horta

II — JARDINOCULTURA

- traçado do canteiro
- forma dos canteiros

— Escolha das plantas

3. Semeadura

— Diferentes maneiras de semear

— Seleção de sementes

— Preparo especial do terreno

- 4. Transplante de mudas
 - Preparo do canteiro
 - Estágio das mudas
- 5. Tratos culturais
 - Irrigação
 - Escarificação
 - Estercação
 - Extermínio das ervas daninhas
- 6. Multiplicação das plantas do jardim

- Coleta de sementes
- Coleta de bulbos
- 7. Colheita
 - Cuidados a serem observados
- 8. Cultivo de plantas perenes e anuais
- 9. O plantio em vasos
 - Cuidados a serem observados

III — FRUTICULTURA

- 1. Escolha do terreno
- 2. Cercado do pomar
 - Material a ser empregado
- 3. Preparo do terreno
 - Limpeza do terreno
 - Localização das curvas de nível
 - Combate às formigas
- 4. Ferramentas usadas no pomar
 - Reconhecimento
 - Utilização
 - Conservação

- 5. Mudas
 - Características das mudas
 - Plantio das mudas
 - cuidados a serem observados
 - formas de plantio
 - locais de plantio
 - Transplante das mudas
 - cuidados a serem observados
- 6. A Poda
 - Época
 - Ferramentas usadas
 - Cuidados especiais após a poda

7. Variedade de frutas a serem cultivadas

— Enxertos

8. Multiplicação das plantas frutíferas

9. Aproveitamento dos frutos

— Estacas

IV — SILVICULTURA

1. A árvore

— Formação de viveiros

— Importância na conservação do solo

- escolha das variedades a serem semeadas
- época da sementeira
- tipos de sementeira
- sementeira para transplante
- cuidados a serem observados no transplante

— Utilização da árvore

- utilidade da madeira

2. O bosque escolar

— Tratos culturais

— Sementes e essências florestais para sementeira direta

- monda
- desbaste
- tutoragem

— Valor das reservas florestais

3. Florestamento e reflorestamento

— Multiplicação das essências florestais

4. Campanhas educativas

V — AGRICULTURA GERAL

1. O solo

- sulcamento
- adubação

— Tipos de terreno

— Desgaste do solo

— O plantio

— Erosão

- causas
- efeitos
- métodos de controle

- época do plantio
- seleção de sementes
- tipos de plantio

— Tratos culturais

- Defesa do solo
- Técnicas conservacionistas
 - vegetativas
 - mecânicas
- 2. O cultivo do solo
- Escolha do terreno
- Preparo do solo
 - aração
 - gradeação
- combate às pragas e moléstias
- A colheita e armazenamento
 - época
 - tratamento do produto colhido
 - armazenamento do produto
- 3. Reconhecimento de máquinas usadas na mecanização agrícola
- 4. As safras regionais
 - Exposições agrícolas escolares

VI — CUNICULTURA

- 1. O coelho
- Reconhecimento do animal
- Distinção das diferentes raças
- 2. Criação de coelhos
- Vantagens da criação
- As raças mais indicadas para criação
- Instalação da coelheira
 - tipos
 - localização
 - complemento de coelheiras
- Cuidados dispensados aos coelhos
 - alimentação
 - limpeza das instalações
- 3. A reprodução de coelhos
- Escolha dos reprodutores
- Cuidados necessários ao acasalamento
- Recria
- Cuidados especiais com a coelha em gestação
- 4. Os láparos
 - Cuidados a serem observados
- 5. Abate e aproveitamento da carne
 - Seleção
 - Preparo do animal para abate
 - Processo de abate
- 6. Métodos adequados para esfolagem e aproveitamento da pele

7. As doenças mais comuns

- Tipos (reconhecimento e diagnóstico)
 - prevenção
- Tratamento

VII — AVICULTURA

1. Criação de aves

- Natural
- Artificial
- Aves de fácil criação
- Vantagens da criação racional de aves

2. O aviário

- Organização
 - finalidade (para o que se vai criar)
 - tipo (o que se vai criar)
- Localização
 - escolha e áreas do terreno
- Croqui do aviário
- Cuidados com o aviário
 - limpeza
 - desinfecção
- Equipamento avícola
 - tipos
 - funcionalidade

3. Povoamento do aviário

4. Alimentação das aves

- horário
- quantia
- espécie

3. A postura

- Cuidados especiais com a poedeira
- A técnica de incubação de ovos
 - natural
 - artificial
- Os ovos
 - colheita
 - conservação
 - aproveitamento

2. Defesa das aves

- Combate às pragas
- Profilaxia das moléstias
- Vacinação

7. Campanhas educativas

SEGUNDA PARTE

- 1 PLANO DE EDUCAÇÃO DE SÃO PAULO
(Documento Preliminar)
- 2 REORGANIZAÇÃO DO CURRÍCULO E DOS PROGRAMAS
DO CURSO PRIMÁRIO DO ESTADO DE SÃO PAULO
(Documento Inicial)
- 3 OBJETIVOS GERAIS DO ENSINO PRIMÁRIO
- 4 PROGRAMAS 1949/1968
(Algumas Comparações)
- 5 REFLEXÕES (ALFA)
SÔBRE O NOVO PROGRAMA DA ESCOLA PRIMÁRIA
- 6 REFORMULAÇÃO DO ENSINO PRIMÁRIO,
REFORMULAÇÃO DO LIVRO ESCOLAR
- 7 RELATÓRIO DA CHEFIA DO ENSINO PRIMÁRIO — 1967
- 8 RELATÓRIO DA CHEFIA DO ENSINO PRIMÁRIO — 1968

1
PLANO DE EDUCAÇÃO DE SÃO PAULO
(Documento Preliminar)

PROFESSOR JOSÉ-MÁRIO PIRES AZANHA

I — CONCEITO DE PLANO

“Plano de Educação” tem rotulado iniciativas com diferentes motivações, amplitudes e objetivos, revelando que o uso da expressão não tem sido feito com muita clareza. Tal ambigüidade decorre não apenas da complexidade do problema do planejamento educacional, como também da relativa indiferença com que tem sido tratada a questão de uma nomenclatura em educação. A própria Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional é omissa ou imprecisa em relação a um conjunto de termos que são fundamentais a um diploma legal que fixa os princípios da educação brasileira. No entanto, em um ponto esse texto é bem claro: quando ressalta que plano deve ser estabelecido para sistema de ensino, de modo que, não existindo sistema, não se pode propriamente falar de plano de educação, a não ser em sentido bem restrito de simples esquema de distribuição e aplicação de recursos. Tanto assim parece, que na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional fica explícito que planos de educação serão elaborados pelo Conselho Federal de Educação e pelos Conselhos Estaduais de Educação, isto é, deve haver planos para os sistemas de ensino admitidos pela Lei: o federal e os estaduais. Pressupõe-se pois — e essa pressuposição é coerente com o espírito da Lei — que a idéia de plano surge e ganha sentido em decorrência da necessidade de racionalização de esforços para o desenvolvimento de um dado sistema de ensino. A principal inferência que se impõe a partir dessa vinculação entre sistema e plano, é que o estabelecimento de um plano de educação implica, preliminarmente, a definição de uma política educacional, e a con-

seqüente fixação de metas para a melhoria do sistema de ensino e a expansão do atendimento escolar. Nesses termos, um plano de educação se define como o conjunto de medidas de natureza técnica, administrativa e financeira — a serem executadas num certo prazo — e selecionadas e escalonadas a partir de uma política educacional. Esse conceito de plano tem a sua principal vantagem no fato de pôr em relêvo o que é realmente imprescindível: a definição de uma política educacional. Porque somente assim se tem um critério para decidir sobre as alterações na estratégia adotada e que a prática indicar como necessárias. Dêsse modo, não é indispensável nem é importante que um plano de educação se estabeleça exaustivamente num certo momento. Ele pode e deve — para não se resumir em uma simples declaração de intenções — incluir, de início, apenas aquelas medidas imediatamente viáveis, e ser ampliado face às possibilidades que forem sendo criadas. O que importa é que as particulares medidas postas em execução em um certo momento e as demais acrescentadas ao longo da ação, sejam compatíveis entre si e coerentes com as diretrizes fixadas pela política educacional. Conceber a planificação educacional em outros termos, pode conduzir a uma estimativa, ingenuamente otimista, das efetivas possibilidades de uma intervenção racional nessa área. É preciso ter sempre presente a intrínseca complexidade do processo educativo, o seu relacionamento com os demais processos sociais — e a insuficiência e precariedade das informações e pesquisas disponíveis nesse setor.

flexibilidade

II — PREMISSAS PARA UMA POLÍTICA EDUCACIONAL

ENSINO PRIMÁRIO

No tocante ao ensino primário, as duas exigências fundamentais são: expansão do atendimento e melhoria qualitativa. Exigências que precisam ser enfrentadas conjuntamente e não de modo alternativo como, equivocadamente tem sido feito até hoje nas tentativas de planificação do ensino primário. Pois o “deficit” de vagas tem de tal modo sido sobreposto aos demais problemas, que a melhoria da qualidade apenas mereceu tratamento par-

cial e aleatório, e por isso mesmo sem resultados expressivos e cumulativos. Essa situação tem se agravado tão rapidamente nos últimos anos, que a ninguém escapa, nem mesmo ao leigo, a flagrante deteriorização dos padrões de ensino oferecido nas escolas primárias. No entanto, tal constatação não deve conduzir ao erro oposto do que tem sido cometido. Expansão da rede e melhoria do ensino não são e não podem ser objeto de uma opção que seria absurda, pois nem o reerguimento do ensino primário pode ser remetido para o tempo em que a última criança encontra vaga nas escolas, nem a ampliação do atendimento pode ser detida até que se complete uma renovação dos padrões do ensino. Ambos os problemas exigem abordagem conjunta e integrada.

Com relação à ampliação da rede, o de que se necessita preliminarmente é da coordenação dos esforços desenvolvidos na aplicação dos recursos estaduais, municipais e particulares e, ainda, daqueles provenientes dos Fundos federais e do Salário-Educação. Sem essa coordenação, a expansão da rede escolar no Estado se fará sempre de modo tumultuado, ocasionando ao mesmo tempo a omissão e a redundância, com inevitável desperdício de recursos já por si insuficientes. Mas tal é o "deficit" de salas-de-aula que não bastará a simples coordenação de esforços, é preciso ainda que novas soluções no setor de construções escolares sejam rapidamente encontradas ou experimentadas, como já vem ocorrendo em outros Estados da Federação. Como parte, também, do esforço que precisa ser feito para atenuar os efeitos da carência de salas, é preciso empreender uma ampla mobilização da opinião pública, no sentido de que entidades e particulares cedam, total ou parcialmente, locais para instalação de novas escolas, até que seja possível a construção dos edifícios necessários.

No que diz respeito à melhoria qualitativa do ensino, a tarefa é mais complexa ainda, porque sob essa expressão não se pode entender apenas a renovação de métodos, mas esforço mais amplo que abranja todas as dimensões do processo educativo. Para isso é necessário

o rompimento com uma concepção das funções sociais da escola primária, que insiste em ver nesta instituição a agência realizadora de uma tarefa que, na verdade, supera as suas efetivas possibilidades de atuação. Pretender, por exemplo, que num contexto urbano-industrial em elevado estágio de desenvolvimento, a escola primária forme a personalidade integral do educando, não é, de maneira alguma, valorizar-lhe as funções. É antes uma colocação ingênua e até certo ponto prejudicial por que, desconsiderando as reais possibilidades de ação da escola primária, lhe propõe objetivos que, por inatingíveis, não propiciam ao processo educativo a orientação necessária à sua organização e desenvolvimento. Uma instituição que retém a criança durante apenas algumas horas do dia, quase sempre empobrecendo o seu ambiente, não pode nem deve se propor à formação integral de personalidade dessa criança porque essa é uma tarefa irrealizável nessas condições. Mas pode e deve procurar exercer uma influência integradora das experiências que a criança viva, dentro e fora da escola, com vistas ao desenvolvimento harmônico da personalidade do educando. Não é possível formar integralmente criança no pedaço de vida que ela passa na escola, mas esse período pode ser o ponto de partida para o desenvolvimento de hábitos e atitudes que permitam à criança — sob a orientação do Professor — uma integração de todas as suas experiências. No pouco tempo em que retém o educando, a escola não mais pode propiciar-lhe a extensa gama de oportunidades de experiência educativa que seria desejável, mas nada impede que a ação da escola extravase os seus próprios muros e alcance a criança nos ambientes em que vive. No entanto, para isso é preciso que os padrões da atividade escolar sejam reformulados e adaptados à estrutura da sociedade na qual a escola se insere, de modo que essa agência educativa possa pretender à realização de uma integração e orientação das influências que a criança sofre.

Não há, entretanto, somente um único caminho de conduzir a essa reestruturação do processo educativo. Por isso não é necessário nem conveniente que o ensino

primário do Estado se organize segundo um único modelo, mas antes é desejável que se multipliquem as tentativas experimentais. Tais tentativas — ainda que de pequena extensão num primeiro momento — acabarão por exercer decisiva pressão no sentido de vencer a inércia que tem immobilizado o ensino primário paulista num esforço meramente alfabetizante. As próprias comunidades acabarão por se mobilizar para conseguir que as escolas que as servem sejam organizadas segundo os padrões de um ensino renovado, compreendendo que a simples criação de escolas não pode constituir meta definitiva de suas reivindicações, pois nenhuma verdadeira reforma escolar se implantará enquanto as comunidades se contentarem com as más escolas.

ENSINO SECUNDARIO

O ensino secundário em São Paulo sofreu, nos últimos anos, uma extraordinária expansão. Crescimento de tal ordem que não foi possível acompanhá-lo com as providências de natureza quantitativa e qualitativa que se faziam necessárias para assegurar padrões mínimos de eficiência a esse grau de ensino. Quanto ao primeiro problema, o da falta de prédios, não há motivo para maiores preocupações por quê, a curto prazo, poderá ser atenuado e a médio, praticamente resolvido. Mas o problema da qualidade é muito mais sério, pois na verdade, com a presente situação se está comprometendo de maneira irreversível o processo de formação de legiões de adolescentes. E no entanto o ensino secundário é o ponto nevrálgico de todo o sistema escolar, porque dêle os jovens saem, diretamente, para a vida profissional ou para a universidade. Além desses problemas, talvez peculiares a uma "crise de crescimento", o ensino secundário paulista se ressentia ainda dos efeitos de uma perplexidade universal quanto aos rumos que deve tomar esse nível de ensino pois, praticamente, em todos os sistemas escolares do Ocidente, a orientação geral do ensino secundário é tema que tem conduzido a infundáveis polêmicas e a profundas divergências, porque a expressão "formação geral" aplicada aos objetivos e à organização

do currículo desse grau de ensino não teve, historicamente, um sentido unívoco e preciso. No Renascimento, o estudo das línguas clássicas representou um poderoso instrumento de renovação e de libertação de modos de pensar e de sentir ao propiciar ao homem a oportunidade de acesso ao saber antigo. Entretanto, com o surgimento da ciência moderna e a renovação da filosofia e das matemáticas, deixou de existir a necessidade de que o desenvolvimento intelectual dos jovens se fizesse principalmente pela leitura dos textos clássicos. Então, daí para cá, abriu-se uma polêmica que não se encerrou ainda, sobre o caráter que deve ter a formação geral da adolescência. Polêmica em grande parte ociosa e equivocada porque se deteve em problemas que são, na verdade, simples decorrências. Pois saber se o ensino secundário deve ser, preponderantemente, de cunho literário ou científico ou prático, ou ainda se meramente propedêutico ao ensino superior, ou já, marcadamente, profissionalizante, não constitui na verdade o cerne da questão. O que importa é quê, qualquer que seja a particular organização que se adote para o ensino secundário, ele tenha, como no Renascimento, um sentido essencialmente instrumental. Instrumento — não de uma destinação profissional precoce da juventude — mas que lhe sirva de meios para quê, com autonomia de vontade, se defina e faça opções frente às imprevisíveis oportunidades de um mundo em permanente mudança. O problema consiste, pois, na elucidação do sentido que deve ter a formação geral da adolescência nas condições atuais da vida brasileira. Para isso é necessário, preliminarmente, redefinir os componentes dessa chamada cultura geral. Redefinição que especifique claramente o conteúdo de uma formação geral destinada a se constituir em um instrumento de integração dos jovens na sociedade em que vivem. Nesses termos essa formação deverá ser orientada de maneira que os elementos culturais transmitidos aos jovens possam levá-los a compreender os aspectos básicos e os valores fundamentais de sua sociedade e da sua época. É preciso, pois, que com relação ao ensino secundário se organize um único tipo de escola

que ministre um ensino que continue e amplie a base comum fornecida pela escola primária, sem a multiplicação de cursos paralelos que apenas servem para reforçar a idéia de que formação geral é necessariamente ociosa e não pode vir a ser instrumento de uma definição vocacional.

ENSINO NORMAL

Uma profunda reforma do ensino normal exige, preliminarmente, a reformulação do próprio ensino primário, porque a concepção que se tenha dêste é que fornecerá os critérios para organização daquele. Não é possível formar adequadamente o professor primário sem uma visão clara do papel que deve representar como educador nas atuais condições da escola primária. É, pois, a própria organização do processo de educação primária que determinará a orientação a ser impressa ao esforço de restabelecimento do ensino normal paulista em um padrão que ele já teve e que se perdeu com a rápida e indisciplinada expansão. Talvez em nenhum outro grau ou ramo de ensino seja mais evidente a relação direta entre a expansão desordenada da rede e a deteriorização conseqüente do nível e da qualidade do ensino; e embora o problema não seja exclusivamente do ensino normal é aqui talvez que os seus efeitos são mais graves porque acabam por afetar toda a rede de escolas primárias. Duas medidas são, pois, inadiáveis: ajustamento do ritmo de crescimento do número de escolas normais às efetivas exigências da expansão do ensino primário e reformulação dos padrões de organização e de funcionamento do ensino normal. É preciso que as escolas normais e principalmente os institutos de educação se organizem e funcionem integralmente em correspondência com os seus específicos objetivos, evitando-se o que ocorre presentemente nesses estabelecimentos — onde o curso normal é um simples curso e mais e, talvez, o menos valorizado e atendido.

REORGANIZAÇÃO DO CURRÍCULO E DOS PROGRAMAS
DO CURSO PRIMÁRIO DO ESTADO DE SÃO PAULO
(Documento Inicial)

Professor CANDIDO DE OLIVEIRA

I

1 Em nenhum momento a Chefia do Ensino Primário — órgão coordenador do Grupo de Trabalho para reorganização do Currículo e dos Programas do Curso Primário do Estado — julga que tão-só semelhante reformulação dê os instrumentos necessários ao aperfeiçoamento e progresso do Curso Primário do Estado. Toda a rede escolar primária carece de providências, em profundidade, que constituem reformas totais, assim para atender ao aspecto quantitativo como qualitativo.

2 De outro lado, todavia, temos presente as considerações objetivas (e irônicas) da UNESCO, analisando a escola primária brasileira:

“... não há, pois, necessidade de especialistas para estabelecer programas ou, em princípio, nada existe a ser modificado ou substituído. Tudo caminha como se a psicologia, a sociologia, a ciência econômica, a ciência política e a pesquisa pedagógica nada tenham a ver com o ensino primário!” (L'Éducation dans le Monde — (II) L'Enseignement du premier degré — UNESCO, 1960).

3 Consideramos os programas atuais do Curso Primário, implantados em 1949, e da responsabilidade de doutos educadores paulistas, uma das contribuições mais sérias e importantes à Educação.

II

4 O crescimento da rede escolar fundamental, nestes últimos quinze anos, invalidou qualquer planejamento. A dedicação de todo o Magistério — autoridades do ensino e docentes — evitou tanto um colapso de conseqüências sociais irremediáveis como sustentou a necessidade básica do Estado: preparação de sua população infantil. E o Estado de São Paulo é o que é — mercê de sua escola primária (... de seus Professores)!

5 Parece-nos, todavia, que a Escola está exaurida e dela não podemos continuar a exigir, indefinidamente, esforço sobre-humano. As deficiências acumuladas não desaparecerão com a estrutura que aí está: déficit permanente de salas-de-aula e de equipamento; de material escolar; de pessoal técnico; de aperfeiçoamento e orientação sistemáticos do Professorado; de estímulo, segurança e bem-estar do Professor.

III

6 Ora, a reorganização do Currículo e dos Programas é uma das reformulações — e a julgamos fundamental e decisiva. É assim importante não por se produzir neste Grupo de Trabalho, uma codificação de “matéria” que deva ser ministrada; nem mesmo por se avançar em conselhos metodológicos — mas por se imprimir, num Currículo autêntico, filosofia de educação primária ver-

dadeiramente fundamental, estruturalmente básica. Há de ser curso primário "comum", na medida em que se identifica com os ideais do Povo e da Nação.

7 Quanto aos fins da Educação, não nos apartaremos das posturas legais:

— CONSTITUIÇÃO DO BRASIL (24 de janeiro de 1967): "Título IV, Da Família, da Educação e da Cultura. Artigo 168 — A Educação é direito de todos e será dada no lar e na escola; assegurada a igualdade de oportunidade, deve inspirar-se no princípio da unidade nacional e nos ideais de liberdade e de solidariedade humana".

— CONSTITUIÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO (13 de maio de 1967): "Capítulo II, Da Educação e da Cultura. Artigo 124 — A Educação é direito de todos e dever do Estado e será ao desenvolvimento integral da personalidade humana e à sua participação na obra do bem-comum".

— DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL — (Lei n.º 4.024, de 20 de dezembro de 1961): "Título I, Dos Fins da Educação. Artigo 1.º — A educação nacional, inspirada nos princípios de solidariedade humana, tem por fim:

- a) a compreensão dos direitos e deveres da pessoa humana, do cidadão, do Estado, da família e dos grupos que compõem a comunidade;
- b) o respeito à dignidade e às liberdades fundamentais do homem;
- c) o fortalecimento da unidade nacional e da solidariedade internacional;
- d) o desenvolvimento integral da personalidade humana e a sua participação na obra do bem-comum ;

e) o preparo do indivíduo e da sociedade para o domínio dos recursos científicos e tecnológicos que lhes permitam utilizar as possibilidades e vencer as dificuldades do meio;

f) a preservação e expansão do patrimônio cultural;

g) a condenação a qualquer tratamento desigual por motivo de convicção filosófica ou religiosa, bem como a quaisquer preconceitos de classe ou de raça".

IV

8 A primeira tarefa, pois, é a tentativa de definição de "curso primário" (escola primária — ensino primário — curso básico — ensino fundamental — escola primária comum — sistema de ensino primário — educação de primeiro grau — etc.), de onde advirá fixação das finalidades.

A finalidade assim está definida na Lei de Diretrizes e Bases:

— "Artigo 25 — O ensino primário tem por fim o desenvolvimento do raciocínio e das atividades de expressão da criança, e a sua integração no meio físico e social".

9 cremos que os objetivos da escola primária não estão bem definidos ou, pelo menos, fracamente estruturados em convicções firmes, de modo a repelir excessos que se lhe apegam e perturbam o "fundamental". Vale dizer: exige-se-lhe de mais, com disciplinas e conteúdos exaustivos e repetidos. Quase que se pede da criança que ela saiba todas as cousas, ainda que as saiba mal ou nada.

10 Propomos, para assentamento futuro, a distinção entre "escolaridade primária" e "ensino primário" (terminologia evidentemente imprópria).

Escolaridade seria o mínimo, o básico, o fundamental — e comum a toda a escola primária do País inteiro — em “habilidades”, “técnicas” e “atitudes”.

O ensino diz o nível em profundidade e extensão, variável conforme circunstâncias pessoais e locais.

A escolaridade é o que “deve” ser ensinado. Ensino é o que “pode” ser ministrado.

11 A escola primária há de aspirar a dotar as crianças de sentimento de brasilidade e de aquisição de recursos integradores e criadores.

A dicotomia subsistirá sempre: as bases multiplicadoras (escolaridade) e as ampliações sempre dependente de vários fatores (o ensino). Apoiamo-nos em Durkheim: no trabalho educativo se completam a “homogeneização” e a “diferenciação”.

12 Em síntese:

- a) não está, ainda, bem definida, a finalidade da escola primária; a que visa?
- b) o Currículo da escola primária não atende às finalidades propostas pela Educação nacional — ou atende mal: que deve a criança aprender?; o que pode a criança aprender?; e como? e quando? e principalmente por quê e para quê?
- c) há acúmulo de “matéria”, domínio excessivo dos “desejos” do adulto em detrimento das “necessidades” da criança;
- d) jaz completamente esquecida a “escola comum” — comum enquanto a mesma para toda a nação, no que deve haver de básico, como estrutura intelectual e cívica de brasilidade.

V

13 Insistimos: Currículo e Programas constituem “medidas” para um mínimo de escolaridade, a qual assegura comunidade nacional e oportunidade para progresso mediato e imediato, de acordo com aptidões pessoais, condições da escola e do meio. Mais claramente:

Currículo e Programas devem sempre ser mínimos, basilares, estruturais (e “estrutura”: fundamentos que sustentam e amparam inter-relações). Mas a escola deseja sempre o mais; e deve procurá-lo quando pode, e somente quando.

14 Que se vê na escola primária brasileira? Isto: a escola primária é “seletiva” — e tal não é democrático, muito menos colaboração para a “unidade nacional”, nem busca dos “ideais de liberdade e de solidariedade humana”, como apregoa a Constituição.

VI

15 Na primeira série primária a evasão é de 18% e a repetência de 34% (no Brasil). Somente o “exame” de leitura se responsabiliza pela quase totalidade de reprovações. Então: ou a escola consegue “ensinar” leitura em um ano letivo (por causa do método? por causa da “prontidão” dos alunos? etc.), ou o número de excepcionais negativos é alarmante — ou a exigência é descabida: mau programa, más medidas.

16 A primeira e a segunda séries constituem o ponto nevrálgico. Afinal, se a evasão é incontrolável, ao menos no momento, com seus fatores de ordem econômica, política e social — a repetência pode ser diminuída, já que suas causas se encontram na “prontidão” dos alunos, no preparo dos professores, na adequação do currículo, na disponibilidade de material, de tempo e de espaço (MEC/INEP-EATEP: Equipe de Assistência Técnica ao Ensino Primário. “Os Fenômenos da Evasão e Repetência na Escola Primária Brasileira”, abril de 1967).

VII

17 Novo Currículo e Programas para a escola primária paulista é enfrentar o real e adiar o ideal, ou antes: dissolver este com dinamismo e envolver a escola com nova mentalidade. Consequência: este Grupo de Trabalho

não deve preparar novo conteúdo para a escola primária absorver (ou “decorar”, como é a prática dominante). Há uma finalidade maior, muito maior: nova concepção de escola primária (para quê?) e alteração de sua estrutura (como?).

18 A escola primária tem por fim:

- I. “o desenvolvimento do raciocínio e das atividades de expressão da criança”;
- II. “a sua integração no meio físico e social”, tudo em busca dos “ideais de liberdade”; “do desenvolvimento da personalidade humana” e da sua “participação na obra do bem-comum”.

19 Instrução e Educação; preparo prático, com “um programa de atividades e não de “matérias”, iniciadora nas artes do trabalho e do pensamento reflexivo, ensinando o aluno a viver inteligentemente e a participar responsabilmente da sua sociedade” (ANÍSIO TEIXEIRA, “Educação não é Privilégio”).

20 A sociedade que aí está quer que a criança:

- a) saiba ler e escrever com desembaraço;
- b) raciocine com clareza;
- c) seja criadora;
- d) desenvolva “atitudes, interesses e ideais de ação”;
- e) tenha responsabilidade;
- f) adquira conhecimentos.

Estes são objetivos da escola primária, que envolvem realidades e idealidades: eles desenvolvem o indivíduo.

21 Perseguidos esses objetivos e atentos à nossa realidade, Currículo e Programas já têm seu contorno mestre, exigindo nova estrutura da escola primária:

- a) NÍVEL I: primeira série e segunda série (dois anos letivos);
- b) NÍVEL II: terceira série e quarta série (dois anos letivos).

22 Exame para promoção somente do Nível I para o Nível II. O ensino no Nível I se caracterizará dominantemente por seu aspecto “prático” (sem “pontos” que devam ser “dados”). A segunda série do Nível I revê, consolida e aprofunda, amplia, se possível.

É eixo do Nível I, razão-de-ser, a Língua Pátria: aquisição do mecanismo da leitura (podendo prolongar-se por toda a segunda série); o entendimento de textos é dominante; falar, ler e escrever, prática diária; a expressão oral (conversar) e a escrita (compor) dominarão — e acentuadamente criadoras.

A Matemática se despojará de suas preocupações acadêmicas: ela é disciplinadora do raciocínio e se apresenta com uma “linguagem” que é a do dia-a-dia da criança e se confunde com a ânsia criadora, acolhida pela composição (oral ou escrita) e no desenho e nas habilidades manuais.

Estudos Sociais e Ciências Naturais terão caráter “assistemático”.

A Iniciação Artística (poesia, desenho, música, canto, jogos) e os trabalhos manuais são fontes permanentes de integração e valorização da criança.

23 O Nível II é que providenciará ensino “sistemático”, já abeirado ao aspecto “normativo”. Então, não se falará de Gramática, no Nível I; não haverá “problemas” clássicos, na Matemática dessa etapa; não existirão “pontos” de Geografia, de História, de Ciências.

24 As crianças frequentam, maciçamente, a primeira e segunda séries — mais a primeira, porque a escola as desencoraja a continuar... De 100 alunos da primeira série, 40 continuam a segunda; 20 concluem a quarta. Nisso há muito da “incapacidade” da escola primária; a maioria dos alunos se evade “por não encontrar ali uma correspondência às suas necessidades” (EATEP).

O programa da primeira série tem de ser revisto; a estrutura tem de ser alterada:

- a) elimina-se o exame da primeira à segunda série;
- b) nova mentalidade para o que "deve" ser aprendido e "pode" e "para quê"; para uma finalidade prática; para dotação de instrumental válido para a vida ;
- c) aproveitamento, no Nível I, dos "excepcionais fronteiriços", os quais, atualmente, não suportam o "programa" e a mentalidade dominantes — e o Estado não lhes destina classes especiais em número suficiente.

25 Neste ponto, etapa final deste primeiro documento, resposta a pergunta inquietante: o que se propõe é nivelção por baixo...

Não. O que se propõe é escola democrática: oportunidade para todos; escola dinâmica, realista: não impede os avanços, o progresso individual, a diferenciação — mas sem prejuízo da homogeneização, que há de ser o alvo da "escolaridade brasileira".

Enfim, se quisermos que no Nível I a criança saiba ler — muitos continuarão a ler "melhor", na mesma taxa diferenciadora de sempre; mas que todos saibam ler. E assim no mais.

OBJETIVOS GERAIS DO ENSINO PRIMÁRIO

Professor CANDIDO DE OLIVEIRA

OBJETIVOS DA ESCOLA PRIMARIA

PROPICIAR CONDIÇÕES PARA QUE A CRIANÇA:

- 1 — Desenvolva hábitos e atitudes adequados em relação à saúde e ao desenvolvimento físico.
- 2 — Raciocine com lógica e clareza.
- 3 — Aprenda a ler, escrever, calcular com precisão e desembaraço.
- 4 — Adquira conhecimentos adequados a seu nível de desenvolvimento.
- 5 — Desenvolva a criatividade.
- 6 — Tenha responsabilidade.
- 7 — Desenvolva a sociabilidade.

A REALIDADE

7 Olhe em volta, por todo o Estado. Seu aluno de terceira série sabe redigir as cartas da família?; sabe anotar recados com clareza?; prepara razoavelmente um relatório?; fala com desembaraço?; expede telegrama?; participa ativamente de uma discussão em grupo? Afinal, estamos, mesmo, “educando para a vida”?

A EXPRESSÃO

8 A finalidade específica da Escola Primária é dotar a criança da capacidade de expressão, assim falando como escrevendo. Expressar-se é compor. Composição é a arte de reunir idéias, transmitir pensamentos e sentimentos.

É ato de criação. Todo o esforço, em nossos dias, é para dotar o estudante do poder de criar. Para tanto, o mestre orienta e ampara o educando em busca da sua libertação.

TABUS

9 É irrelevante, na Escola Primária, falarmos de “descricção”, “dissertação”, ou “narração”: essas cousas simplesmente não existem... O que há, sim, é a capacidade de nos expressarmos: (a) para uma finalidade prática: carta, bilhete, telegrama, convite, dedicatória, relatório, recibo, ata etc.; (b) com preocupação artística: tudo o mais que se escreva, fora dos esquemas comuns, com acentuada interpretação pessoal.

ENSINAR

10 Assim como o Professor se desdobra, em outras práticas escolares, na tentativa de “ensinar”, a compo-

sição exige, igualmente, plano, orientação, interesse, estímulo, ensino. Seja para a composição dirigida, seja para a composição livre, todos os recursos têm validade: desde completar orações, reproduzir... — até compor estórias.

GRAVURAS

11 Compor estórias, através de gravuras, é prática importantíssima: primeiro, o Professor apresentando quadros, sugerindo, orientando; segundo, o aluno preparando os seus quadros e depois escrevendo. Bom estímulo é o “banco-de-gravura”. O Professor põe à disposição dos alunos, caixas com recortes variados: de personagens, de ações, de objetos, de ambientes etc., etc., para o pequeno escolher à vontade e compor a sua estória, descrever a sua paisagem, dissertar sobre o seu tema preferido.

O MUNDO INFANTIL

12 O mundo infantil é fascinante, rico, cheio de imaginação, bondoso — criador por excelência. Eis como podemos “matar” a disposição criadora de uma criança: impondo sistematicamente um tema; encontrando defeitos e mais defeitos no escrito; louvando exageradamente uma composição como a “melhor da classe”; não entendendo, sempre, o que a composição quis dizer; tingindo a página de vermelho que corrige cada senão gramatical...

GRAMÁTICA

13 Em tempo: bom ensino de Língua Pátria é bom ensino de leitura integral e de composição plena. Tudo o mais é secundário, a Gramática, também.

PROGRAMAS 1949/1968

(Algumas Comparações)

- Prof.^a MARIA-ISABEL PITOMBO
- Prof.^a EROTHILDES MILLAN BARROS DA ROCHA
- Prof.^a NELLY ACUYO
- Prof.^a LISETE REGINA PATRONI GOMES

	1949	1968
1. EDUCANDO.	Auto-ativo	Auto-ativo.
2. EDUCADOR.	Executa o programa e propicia condições para educar o aluno.	Educando e educador constituem ato educativo único. Ato que se realiza num momento dado, pela ação clara e consciente do educador para que ela adquira cunho artístico e portanto, criador.
3. METODOLOGIA.	Não estava claramente definida. Todavia, as técnicas e os meios didáticos podiam ser considerados ora como fins, ora como meios.	Não há metodologia indicada. A Didática é uma consciência educadora, que, evitando a rotina e mecanização, leva a uma capacidade criadora para sua ação.
4. CONTEÚDO.	Objetivos desvinculados do conteúdo. Pretendia transmitir mais a herança cultural do que propriamente a formação do comportamento. O conteúdo distribuído de forma lógica e não psicológica.	Objetivos específicos de cada área de acôrdo com os objetivos gerais. Conteúdo distribuído de forma psicológica e não lógica. Conteúdo programático de forma a propiciar desenvolvimento harmonioso da personalidade através de experiências integradoras, sem ter por objetivo o desenvolvimento da personalidade integral.

PROGRAMA DE MATEMÁTICA

1949	ATUAL
1. Colocação de objetivos inatingíveis.	1. Colocação de objetivos viáveis.
2. Conteúdo muito extenso.	2. Conteúdo compatível com os objetivos.
3. Conteúdo como fim.	3. Conteúdo como meio para atingir objetivos.
4. Caráter lógico na seleção e distribuição do conteúdo (em compartimentos estanques).	4. Caráter psicológico na seleção e distribuição do conteúdo (arranjo horizontal e vertical).
5. Escolaridade e ensino não definidos.	5. Diferença entre escolaridade e ensino.
6. Ensino imposto ao aluno.	6. Maior flexibilidade no ensino.
7. Não atende interesse, aptidões e capacidades do educando.	7. Atende diferenças individuais.
8. Memorização mecânica em detrimento da compreensão.	8. Desenvolve atividade do aluno e conseqüente compreensão.
9. Limita-se à transmissão de conhecimentos.	9. Dá condições para a integração de experiências na personalidade em formação.
10. Programa estático: elaborado e aplicado.	10. Programa dinâmico: elaborável e aplicável.
11. Abstraiu-se da preocupação para desenvolvimento social.	11. Pretende que a criança desenvolva formas de conduta socialmente aceitáveis.
12. Não se aproveita da harmonia existente nas relações matemáticas como possibilidade de desenvolvimento da sensibilidade estética.	12. Preocupa-se com o desenvolvimento da sensibilidade estética.
13. Não distingue conceitos no seu sentido vulgar do sentido matemático.	13. Preocupa-se com a compreensão de uma linguagem especificamente matemática.

ASPECTOS COMPARATIVOS NA ÁREA DE ESTUDOS SOCIAIS

PROGRAMA DE 1949	PROGRAMA ATUAL
<ol style="list-style-type: none"> 1. Não há coerência entre os objetivos específicos e nem entre esses objetivos e os gerais da Escola Primária. 2. Disciplinas artificialmente separadas, não sugerindo entrosamento. 3. Deu margem a que a sistematização dos conhecimentos se iniciasse desde a 1.ª série. 4. Ordenação lógica do conteúdo, de acordo com o caráter de cada disciplina. 5. Objetivos ambiciosos, inviáveis, não redutíveis a termos de comportamento. Terminologia imprecisa, indefinida. 6. Dá ênfase à influência do meio ambiente sobre o homem (declarado determinismo geográfico). Não atende, portanto, ao pressuposto básico das ciências sociais; o homem e sua interação com o meio físico e social. 7. Ênfase ao conhecimento pelo conhecimento (fatos, datas, nomes). 8. Reflete um conceito falso de civismo, característico do "ufanismo verde-amarelo". 9. Nem o conteúdo, nem os objetivos atendem às etapas de desenvolvimento da criança, a sua maturação. 10. Não há preocupação com a aquisição de conceitos, terminologia e símbolos específicos corretos. 11. Inflexibilidade: <ol style="list-style-type: none"> a) Apresenta orientação metodológica, sugestões de atividades. b) Não tem condições de ajustamento eficiente às mudanças sociais. 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Coerência entre os objetivos específicos e entre esses e os gerais da Escola Primária. 2. Entrosamento dos conhecimentos de várias ciências sociais em uma área. 3. Sistematização do ensino a partir do Nível II (3.ª série). 4. Sugere uma ordenação psicológica do conteúdo e na realização dos objetivos. 5. Objetivos precisos, definidos, viáveis em nossas condições e recursos disponíveis. Facilmente redutíveis a termos de comportamento. 6. Atende ao pressuposto básico das ciências sociais. 7. Ênfase à formação de atitudes e comportamentos adequados, habilidades, antes que à aquisição de conhecimentos em si. 8. Ênfase ao conhecimento de problemas e funções sociais, interdependência, responsabilidade, direitos e deveres. Conhecer para poder atuar, participar ativamente e optar corretamente. 9. Atende às etapas de desenvolvimento da criança, a sua maturação. 10. Preocupação com a aquisição correta, de conceitos, terminologia e símbolos específicos. 11. Flexível: <ol style="list-style-type: none"> a) Não apresenta orientação metodológica nem sugestões de atividades. b) Possibilidade de ajustamento às mudanças sociais.

PROGRAMA DE 1949	PROGRAMA ATUAL
<p>12. Dá ênfase à educação como tendo a função de conservação da cultura, estabilidade, mas não como tendo a função de instrumento de renovação e mudança.</p> <p>13. Salienta cooperação e solidariedade, mas não menciona a competição; não enfatiza os princípios democráticos.</p> <p>14. Não prevê ampla continuidade, na apresentação do conteúdo e realização de objetivos.</p>	<p>12. Sugere ambas as funções da educação: instrumento de conservação e renovação da cultura.</p> <p>13. Sugere cooperação, solidariedade e competição e dá ênfase aos princípios democráticos.</p> <p>14. Apresenta continuidade, seqüência da elaboração do conteúdo e realização dos objetivos.</p>

E.M.B.R.

N.A.

5

REFLEXÕES (Alfa)

SÔBRE O NÓVO PROGRAMA DA ESCOLA PRIMÁRIA

o Professor CANDIDO DE OLIVEIRA

I

1 A preocupação primeira da atual Administração do Ensino paulista — a par da ampliação da rede — é a da melhoria qualitativa. A expansão do atendimento e a melhoria qualitativa são “exigências que precisam ser enfrentadas conjuntamente e não de modo alternativo como, equivocadamente, tem sido feito até hoje nas tenta-

tivas de planificação do ensino primário. (...) Expansão da rede e melhoria do ensino não são e não podem ser objeto de uma opção que seria absurda, pois nem o reerguimento do ensino primário pode ser remetido para o tempo em que a última criança encontra vaga nas escolas, nem a ampliação do atendimento pode ser detida até que se complete uma renovação dos padrões do ensino. Ambos os problemas exigem uma abordagem conjunta

e integrada.” (JOSÉ-MÁRIO PIRES AZANHA, Diretor-Geral do Departamento de Educação — “Plano de Educação de São Paulo” (Documento Preliminar), 1967.)

2 A Secretaria da Educação atém-se a um “plano” geral de melhoria do Ensino, em profundidade; possui o Departamento de Educação um “programa”, que persegue objetivos determinados — cabendo à Chefia do Ensino Primário (elevado a órgão verdadeiramente técnico e presente na área das decisões superiores) a execução de dois “projetos” específicos:

- a) Reorganização do Currículo e dos Programas da Escola Primária;
- b) Reformulação e implantação sistemática da orientação pedagógica.

3 Qualquer planejamento em Educação há de prever etapas de realização, demarcando “ação” imediata, a médio e a longo prazo. O que se verifica, no Estado de São Paulo, hoje, é que a renovação para melhoria do Ensino se inicia pela escola primária — que é a base, a mais importante. Apoiada em seus fundamentos, a escola em geral poderá aspirar a melhorias decisivas.

4 Diz a Lei, e ela está apoiada na convicção dos técnicos, que a escolarização deve desenvolver-se obrigatoriamente dos 7 aos 14 anos. A escola mínima, a educação fundamental, compreende oito anos de estudo. Abrange, pois, o ensino primário (4 anos) e o ensino ginásial (4 anos). Mas o Ginásio sempre esteve divorciado do primário; instituiu-se em sistema totalmente autônomo; perdeu a característica de dever ser a continuidade do primário. Essa desvinculação não tem sido prejudicial somente ao Ginásio em si — que abandonou a “formação” e a “informação” do educando adolescente, e transformou-se em curso preparatório para o Colegial e o Normal, verdadeira posição inglória e inócua; a descontinuidade primário/ginásio esmoreceu e esvaziou a própria

escola primária. O exame de admissão tradicional, truçulento, ilógico e irreal, traía os ideais de uma educação democrática e realista, em um País que exige pessoal preparado em vários níveis; que tem necessidade de um povo com educação fundamental ampliada — do qual e para o qual providenciará diferenciações, formação e especialização.

5 O princípio de educação fundamental, base mínima como estrutura de formação e de conhecimentos, pode ter este esquema:

GRAU	PRIMÁRIO				GINÁSIO			
IDADE	7	8	9	10	11	12	13	14
SÉRIES	I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII
NÍVEIS	A		B		C		D	

6 Há uma diferença comprometedora, em nossos dias, entre cada um destes graus escolares: a Escola Primária “ensina”; o Ginásio, via de regra, somente “leciona” ... e isto é mau, enquanto ENSINAR signifique: sentir a criança, formá-la, acompanhá-la na aquisição de conhecimentos integradores; e LECIONAR queira dizer: deitar lições ...

II

7 Inicia-se, pois, neste ano de 1968, a renovação da Escola Primária do Estado de São Paulo. Os projetos básicos, Currículo/Programas e Orientação Pedagógica,

estão sendo implantados. Não constituem medidas isoladas. Maior atenção a um currículo autêntico e o programa — com as características de simplicidade, objetividade e realismo — deve ser instrumento de trabalho muito flexível e experimental. Mais importante, todavia, é a implantação de nova mentalidade no Magistério.

8 “Consideramos os programas do Curso Primário, implantados em 1949, e da responsabilidade de doutos educadores paulistas, uma das contribuições mais sérias e importantes à Educação.” (CÂNDIDO DE OLIVEIRA — Chefe do Ensino Primário, “Reorganização do Currículo e dos Programas do Curso Primário do Estado” (Documento Inicial), 1967.) E mais: “Em nenhum momento a Chefia do Ensino Primário — órgão coordenador do Grupo de Trabalho para reorganização do Currículo e dos Programas do Curso Primário do Estado — julga que tão-só semelhante reformulação dê os instrumentos necessários ao aperfeiçoamento e progresso do Curso Primário do Estado. Toda a rede escolar primária carece de providências, em profundidade, que constituem reformas totais, assim para atender ao aspecto quantitativo como qualitativo.” (Idem, Ibidem.)

9 O novo Programa é resultante de umas tantas evidências que convém ser assinaladas:

- I Distinção entre “escolaridade primária” e “ensino primário”.
- II Indecisão quanto aos objetivos da Escola Primária.
- III Tendência para a sobrecarga e até conteúdo especializado.
- IV Encaminhamento para a escola seletiva.
- V Preocupação com uniformidade didático-pedagógica.

10 “Escolaridade seria o mínimo, o básico, o fundamental — e comum a toda escola primária do País inteiro — em habilidades, técnicas e atitudes. O ensino diz o nível em profundidade e extensão, variável conforme circunstâncias pessoais e locais. A escolaridade é o que ‘deve’ ser ensinado. Ensino é o que ‘pode’ ser ministrado.” (Documento Inicial, ob. cit.)

Entre uma e outra escola, o “ensino” é correspondente à ‘prontidão’ do aluno (ambiente familiar, situação econômica, saúde, regime alimentar, etc.), preparo a atuação do professor, condições da escola e do material escolar, tempo de aula ...

11 A sociedade que aí está quer que a criança:

- a) saiba ler e escrever com desembaraço;
- b) raciocine com clareza;
- c) seja criadora;
- d) desenvolva “atitudes, interesses e ideais de ação”;
- e) tenha responsabilidade;
- f) adquira conhecimentos.

Um Programa, pois, “de atividades e não de matérias, iniciadora nas artes do trabalho e do pensamento reflexivo, ensinando o aluno a viver inteligentemente e a participar responsabilmente da sua sociedade.” (ANÍSIO TEIXEIRA, “Educação não é Privilégio”.)

No mais, o objetivo da Escola Primária é preparar o homem que vai viver no ano 2000. A criança que inicia o curso primário hoje será o cidadão de 39 anos de idade, já em outro século ...

12 Talvez o fundamental esteja sendo esquecido, na escola primária. Aos poucos, ampliou-se-lhe exagera-

damente o volume de matéria, em que forte porção tem sido decorada, por minoria diferenciada.

Interessa, antes, determinarmos a seqüência:

- o que DEVE a criança aprender
- o que PODE ser aprendido
- QUANDO
- e, principalmente, PARA QUÊ.

13 Atentos a êsses problemas, o nôvo Programa procura enfrentá-los, tomando um contôrno extremamente flexível, sugerindo ao Mestre infinitas possibilidades criadoras. Daí, até resultantes proibitivas, como:

I Em cada sala-de-aula se desenvolve um “ensino”, em busca de escolaridade ideal, em relação alunos/professor/recursos. NÃO HÁ POSSIBILIDADE DE TÔDA UMA REGIÃO (e, às vêzes, nem mesmo em uma única Escola) JÁ ESTAR EM TAL OU QUAL “ponto” DO PROGRAMA. Não há pontos, não há etapas certas para serem vencidas, não há caderno de registro de aulas copiado de professor para professor. O que existe é a realidade: a “minha” sala-de-aula, com os “meus” alunos e a média de suas virtudes e deficiências. O que existe, no Nível I, são dois anos letivos para dotar crianças de “educação” e de “instrução” — e, esta, prática, objetiva, real.

II Desaparecem a “sabatina”, a “prova mensal”, o “exame” uniformes, preparados para hora certa em tôda uma comunidade escolar.

III Planos de aula, roteiros, dosagens, receitas ... e o mais, desde que com o cunho de uniformidade

para aplicação total e cronometrada, nada disso corresponde ao espírito do Programa. De outro lado, valorizam-se os estudos, os compêndios, as sugestões e subsídios que possam aprimorar os conhecimentos do professor — um estudante e criador permanente.

14 Em síntese, caracteriza o nôvo Programa:

- “leva o educando a auto-atividade.
- educando e educador constituem ato educativo único.
- objetivos específicos de cada área de acôrdo com os objetivos gerais.
- conteúdo distribuído de forma psicológica e não lógica.
- conteúdo programático de forma a propiciar desenvolvimento harmonioso da personalidade através de experiências integradoras e criadoras.” (MARIA-ISABEL PITOMBO — “Programas 1949/1968”).

15 A Escola Primária tem finalidade soberana: ensinar a criança a pensar. “Pensar é criar.”

16 “O crescimento da rêde escolar fundamental, nestes últimos quinze anos, invalidou qualquer planejamento. A dedicação de todo o Magistério — autoridades do ensino e docentes — evitou tanto um colapso de conseqüências sociais irremediáveis como sustentou a necessidade básica do Estado: preparação de sua população infantil. E o Estado de São Paulo é o que é — mercê de sua Escola Primária (... de seus Professôres):” (Documento Inicial, ob. cit.)

REFORMULAÇÃO DO ENSINO PRIMÁRIO,
REFORMULAÇÃO DO LIVRO ESCOLAR

• Professor CANDIDO DE OLIVEIRA

I	A Escola Primária	3 O conflito dessa dicotomia — aprendizagem inicial lento e exigências sociais velozes — tem encontrado resposta harmonizadora nas “diferenciações pessoais” de alguns alunos. Essa minoria é que tem vencido a deficiência escolar e ela é que mantém o ritmo do progresso ascendente. A escola é seletiva, inconscientemente.	ESCOLA SELETIVA
1 A Escola Primária, em todo o mundo e em todo o Brasil, constitui preocupação permanente de pesquisas, estudos e reflexões. A tônica insistente, exigindo melhoria, prende-se a ATUALIZAÇÃO. Atualizar-se, todavia, é sentir o futuro, muito visível porque denunciado por extraordinário desenvolvimento da “técnica” e da “comunicação”.	MELHORIA DO ENSINO: ATUALIZAÇÃO.	4 Mais e mais a Escola Primária deve encaminhar-se para oferecer	OBJETIVO
2 Mas a Escola Primária tem missão de “transmitir” valores básicos, imponderáveis, os quais, por permanentes, atraem processos e técnicas conservadores, sempre aquém das solicitações da sociedade que se renova e impõe adiantamentos acelerados. O escolar é sempre “aprendiz” de técnicas e habilidades iniciais que não podem ser saltadas; de outro lado, não deve comparecer atônito ao meio em que vai agir, completando-se.	TENDÊNCIA CONSERVADORA	— condições — criatividade — libertações.	
		5 Em cada unidade escolar sempre existe o “ensino” — o que o professor pode ministrar — e o complexo clima de concentrações culturais e emulações que estão muito além da pessoa física do mestre e da sua competência profissional, ainda que, indiretamente, esses elementos possam atuar.	ENSINO/ CONDIÇÕES

6 Os instrumentos auxiliares de ensino, do professor, assumem, pois, importância decisiva — e o LIVRO é bem pessoal do aluno, cujo segredo de entendimento entre eles é reconhecido por todos, mas nunca poderá ser avaliado. Com o livro há contacto, impregnação, ressonância, permanência, acompanhamento; do professor temos vozes, às vezes totalmente fora de contexto.

7 O livro é o mestre maior, a partir do momento em que o professor preparou o aluno para saber usá-lo. Assume, a partir de então, uma liderança nunca mais arrebatada e é a força que distingue o estudante que progride, daquele que estaciona, por dominar somente rudimentos incorporados via-escola.

II

8 A Escola Primária ainda tem um cacete: “segue” programas. Ora, o de que todos os professores necessitam é dos objetivos que devem ser atingidos, assim sintetizados: para que ensinamos? O “o que” deve ser ensinado, e “como” e “quando” têm importância tão profunda e decisiva, que não podem ser previstos e sistematizados em roteiros programáticos. Mas ainda estamos, talvez, um tanto distanciados dessa compreensão, e os programas tradicionais continuam prendendo a escola.

O LIVRO

MESTRE MAIOR

O Livro

ENSINAR PARA QUÊ?

9 O livro didático, então, há de assumir a responsabilidade de socorrer, complementar, ir além de. Livro didático que desenvolva ponto-por-ponto, e tão-só, determinado programa, não tem valor. É eco da impotência da escola; do despreparo ou do conformismo do professor; da retroação que sempre retarda todos os impulsos.

10 O livro didático, é óbvio, deve ter destinação certa ao grau e à série (ou conjunto delas) de determinada disciplina. O importante, todavia, não são as “disciplinas”, mas o “currículo” — pois este é que mantém a Filosofia e a Política do trabalho educativo. Mas a economia do estudo pede distribuição por áreas: que o livro não acentue esse divórcio.

11 O livro didático deve ter

- a) este corpo:
 - núcleo da matéria que deve ser conhecida
 - ampliação gradativa para os mais capazes
 - contactos ilativos com a “cultura” plena, a propósito de
 - estímulos para pesquisas pessoais
- b) este espírito:
 - vinculação com o “currículo”
 - alongamento de um bem maior, que são os valores estruturais de Humanidade e Pátria
 - método/disciplina/ordenação

LIVRO/PROGRAMA

CURRÍCULO

LIVRO DIDÁTICO: IDEÁRIO

c) apresentação: os recursos gráficos que sejam estímulo permanente à iniciação artística.

12 Como corolário, esta sugestão para avaliação de livro didático:

I — FICHA COM DADOS SUBSTANTIVOS.

CONTEÚDO

- 1 Correção da doutrina
- 2 Clareza e adequação da linguagem
- 3 Arte e ciência no discorrer (método):
 - recursos técnicos
 - riqueza de exemplificação
 - oportunidade para conclusões, pesquisas e encaminhamento para a complementação
 - sínteses (resumos valorizados)
 - aplicação (exercícios)
 - harmonia entre exposição e atividades
 - sugestões para preparação de material didático

FORMA

- 4 O material. A apresentação.
- 5 Acolhimento das recomendações didático-pedagógicas.
- 6 Arte gráfica.
- 7 Livro bom de
 - aprender
 - ver
 - sentir
 - conservar

AVALIAÇÃO DO LIVRO DIDÁTICO

II — FICHA COM INTERPRETAÇÃO ADJETIVA DA FICHA I.

III

13 Neste ano de 1968, o Estado de São Paulo está promovendo a reorganização do Currículo e dos Programas da Escola Primária. Não, todavia, como medida isolada: maior atenção a um currículo autêntico e o programa, em si — com as características de simplicidade, objetividade e realismo —, como instrumento muito flexível e experimental.

14 Mais importante é a implantação de nova "mentalidade" no Magistério primário. A curto prazo, já foi oferecido:

- a) Programa atualizado e executável;
- b) orientação pedagógica permanente;
- c) aperfeiçoamento sistemático.

A médio prazo: instalação de um "centro" de estudos e aferições, alimentador de centros regionais das 55 Delegacias do Ensino. Cada unidade orientadora há de refletir as condições peculiares da sua rede: a do professorado e a da sua população escolar. As realizações passarão por análise e correção periódicas, de modo a assegurarem harmonia em alcançar objetivos e grande liberdade na experimentação e aplicação de "métodos".

Nôvo Ensino. Nôvo Livro

REORGANIZAÇÃO DA ESCOLA

PLANEJAMENTO

15 O atual Programa da Escola Primária de São Paulo põe evidência uma realidade:

- a) há uma "escolaridade" primária, que é o lastro básico, fundamental, do que a criança deve aprender (e válida para o Brasil todo);
- b) há contingências de "ensino", que constitui o que pode a criança aprender.

E como diretriz: para que deve a criança aprender. Daí uma das linhas mestras do currículo: ensino primário prático, objetivo, atual — sem prejuízo dos valores permanentes da Educação.

16 Em tal quadro, o LIVRO DIDÁTICO — e a política e filosofia do seu preparo e distribuição — o livro-texto ocupa papel superior.

Os atuais livros adotados na escola primária paulista estão, em sua quase totalidade, superados. A nova escola primária de São Paulo exige novos livros. É, pois, tarefa

- do Estado, que deve promover divulgação de seus objetivos
- das Editôras, que se deverão organizar mais "cientificamente"
- dos autores.

17 O esforço, pois, de renovação por que passa a escola primária, põe em evidência que são chegados os tempos de revisão total de

PROGRAMA
DE
SÃO PAULO

- objetivos
- conteúdos
- métodos
- livros-texto
- material didático

18 De outro lado, a par do livro destinado ao aluno, a melhoria do ensino há de partir da assistência ao professor. Temos necessidade de livros e publicações especializadas para os professores. Os livros-texto, com seus "manuais" já constituirão contribuição valiosa; serão, todavia, "manuais" para discutir um método, para orientar em um dos aspectos. O de que necessitamos, e urgente, é de farta literatura orientadora, renovadora — publicações que acompanhem e divulguem de imediato o que se realiza nos órgãos de estudo e de orientação; o que constitui valor consagrado; o que se cria, identificado com essas diretrizes.

ASSISTENCIA
AO
PROFESSOR

LIVRO
DIDÁTICO

REVISÃO

19 Cremos estar ainda distante o tempo que permita publicações de obras que envolvam: livro-texto/livro do mestre/livro de exercícios/livro de aplicação e sugestões/material didático — tudo formando um todo unitário que amplie o rendimento do trabalho do professor. Haverá — entre a cooperação das Editôras no presente e o livro ideal — um período em que a singeleza do livro didático atualmente publicado seja melhorada, desde que acolhidas e assimiladas as reflexões expostas neste Documento.

FINAL

RELATÓRIO DA CHEFIA DO ENSINO PRIMÁRIO — 1967

1967
RELATÓRIO
DA
CHEFIA
DO
ENSINO
PRIMÁRIO
DO
D.E.

I

1 A Chefia do Ensino Primário, do Departamento de Educação, passou a órgão verdadeiramente de assessoramento técnico — depois dos seus longos anos de existência — somente a partir da atual Administração do Ensino paulista. Desde maio de 1967 ela está presente na área das decisões superiores. Tem, pois, colaborado, nos trabalhos de planejamento — cuja preocupação de estudos e de ciência é o vinco do atual Departamento de Educação — e da execução.

A
CHEFIA
DO
ENSINO
PRIMÁRIO

Órgão
Técnico

II

2 Essa presença propiciou condições para uma série de realizações fundamentais que já são sentidas por todo o magistério primário: autoridades e docentes.

Ressaltem-se, pois, em 1967:

- 1 — A participação efetiva do Ensino Primário, nos negócios da Educação.
- 2 — A preocupação em reformular substancialmente, por etapas, em plano harmônico e consequente, todo o ensino, porém a partir dos fundamentos: da escola primária.
- 3 — A concentração de projetos e de recursos no grau primário, em esforço ordenado, para frutificação a curto, médio e longo prazo.

Presença
do
Ensino
Primário

REFORMA
DO
CURRÍCULO

3 Datam de 1949 os programas escolares de ensino primário, em vigor, a título “experimental”, há 18 anos. A empreitada primeira, da Chefia do Ensino Primário, foi a “Reorganização do Currículo e dos Programas do Curso Primário”. Caracterizam esse trabalho:

As
Características

- 1 — Alteração em toda a estrutura do ensino primário: conceito, objetivos; seriação; horário; férias.
- 2 — Reconsideração do conteúdo programático: realista, singelo, objetivo.
- 3 — Acolhimento do progresso da ciência da educação; dos estudos e experiências nacionais.
- 4 — Educação vinculada a conceito de escolaridade primária resultante de um ideal brasileiro — e atual.

4 Mais que uma revisão de programas, propõe-se implantação de nova mentalidade (no corpo técnico, no corpo docente, no corpo discente, na comunidade). Sua execução será cautelosa, assistida e aferida, em cada etapa.

III

5 Concomitantemente à implantação, 1968, do novo currículo e programas do curso primário do Estado, foi reestudado e reorganizado, em profundidade, o serviço de orientação pedagógica. Funcionando em condições precárias, assim em recursos materiais como em elementos técnicos, está, hoje, perfeitamente equipado.

6 O Serviço de Orientação Pedagógica atua junto à escola como elemento de atualização metodológica, em busca de melhoria do ensino. De sua

O
Espírito

REFORMA DA ORIENTAÇÃO PEDAGÓGICA

Novo
Currículo
Nova
Orientação

Melhoria
do
Ensino

natureza restrita e estática, está, agora, em condições de atuação irradiante e progressiva.

Trinta e duas regiões escolares do Estado estarão perfeitamente equipadas e atuantes. Cinco milhões de cruzeiros novos sustentam os trabalhos.

7 O novo programa e a nova concepção de orientação para ensino renovado se completarão. Resultam de plano mais alto e mais amplo do Departamento de Educação, envolvendo todo o sistema escolar paulista, nos graus primário e secundário.

Como programação para atuar em profundidade e extensão, caracteriza-se por:

- 1 — Exigir implantação metódica e graduada;
- 2 — Ser acompanhada em sua execução, para as correções e diversificações necessárias;
- 3 — Pedir aferições e reformulações.

IV

8 A oficialização do exame unificado de admissão ao Ginásio trouxe, para a área do ensino primário, a responsabilidade de indicar qual a escolaridade necessária para o prosseguimento dos estudos.

A Chefia do Ensino Primário comandou, em todas as fases, a realização do Exame ao Ginásio:

As
Características

EXAME
DE
ADMISSÃO

Posição
do
Ensino
Primário

- 1 — Redigiu o documento básico que firmou os critérios.
- 2 — Testou provas-modêlo, em tôdas as regiões do Estado, com a finalidade de orientar a feitura da prova de exame, em bases verídicas;
- 3 — Preparou e executou o esquema para realização do exame em todo o Estado.

- 9 a) Se a reorganização do currículo e dos programas imprimirão nôvo conceito de educação primária, indicando objetivos de um ensino renovado;
- b) Se a reorganização da orientação pedagógica amparará implantação de um espírito vivo e atuante, sistemática e assistemáticamente, em tôda a rêde escolar,

o exame unificado de admissão ao Ginásio — para a área do curso primário — foi a primeira medida concreta, fortalecendo:

- 1 — O esforço para que a escolaridade seja obrigatória dos 7 aos 14 anos de idade;
- 2 — A eliminação do impacto na passagem do primário para o secundário;
- 3 — O reconhecimento de que o Ginásio é simples continuação do primário;

- 4 — A necessidade de se reorganizar o curso ginásial, principalmente na primeira e segunda série — as quais, afinal, pertencem, por estrutura e por objetivo, ao curso primário.

V

OUTRAS ATIVIDADES

10 Citam-se providências de ordem técnica e administrativa, de importância ao aprimoramento do ensino em geral:

- 1 — Reformulação da escala de professôres substitutos, após estudos por Comissão especial.
- 2 — Nova interpretação e ampliação das áreas regionais para remoção de professôres.
- 3 — Instalação da Delegacia de Ensino Elementar de Tupã.
- 4 — Racionalização dos trabalhos de criação e supressão de classes (proposta geral, anual).
- 5 — Equipamento material da Chefia.
- 6 — Dinamização e orientação educativa aprimorada das campanhas junto às escolas.
- 7 — Reorganização da Comissão do Ensino Primário pelas Emprêsas.

RELATÓRIO DA CHEFIA DO ENSINO PRIMÁRIO — 1968

1968
RELATÓRIO
DA
CHEFIA DO ENSINO PRIMÁRIO
DO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

2 O plano de melhoria quantitativa e qualitativa da Escola Primária reconhece que nesta se encontra a base que sustentará reorganização, reformulação e renovação das escolas de todos os graus. Os projetos executados, ou em execução, e outros constituem planejamento amplo, assim sintetizados:

Melhoria do Ensino Primário

I MELHORIA QUANTITATIVA Quantidade

I

SÍNTESE

1 A Chefia do Ensino Primário, órgão de assessoramento eminentemente técnico, assegurou e consolidou essa situação, definitivamente, neste ano de trabalhos de 1968. Tomou nova fisionomia — assim material como tecnicamente —, atuando efetivamente em toda rede escolar, conseguindo sensibilizá-la e mobilizá-la para as tarefas de renovação. A reformulação substancial de todo o Ensino paulista, programa superior da Secretaria da Educação e comandada pelo Departamento de Educação, determinando etapas progressivamente perseguidas, teve, no Ensino Primário, seu ponto de referência — e a Chefia o vem realizando com pontualidade.

Órgão
Técnico

- 1 No ano letivo de 1968, todas as crianças foram matriculadas.
- 2 A generalização da escolaridade obrigatória dos 7 aos 14 anos (Primário / Ginásio) recebem impulso decisivo, inédito na história da educação paulista, participando, a Chefia do Ensino Primário (talvez com a responsabilidade maior), dos objetivos do exame unificado de admissão ao Ginásio.
- 3 Criação de 10 Delegacias do Ensino Elementar.
- 4 Criação de 60 inspetorias escolares.
- 5 Criação de 150 diretorias de Curso Primário anexo à Escola Normal.

- 6 Criação de 5.000 cargos de Professor Primário.
- 7 Criação de 42 Setores Regionais de Orientação Pedagógica.
- 8 Criação de 20 Centros Pilotos de Orientação Pedagógica.
- 9 Criação de 785 funções de orientador pedagógico.
- 10 Novas instalações para a Chefia do Ensino Primário.
- 11 Instalações condignas para o Setor de Orientação Pedagógica (SOP).
- 12 Equipamento e material de consumo ao SOP e a todos os SEROPs das 55 regiões escolares.

II MELHORIA QUALITATIVA Qualidade

- 1 Aprovação e adoção de novo Currículo e Programas da Escola Primária.
- 2 Implantação de Setores de Orientação Pedagógica nas 55 Delegacias do Ensino, com ampliação considerável de técnicos orientadores.
- 3 Cursos e publicações especializadas:
 - a) para orientadores;
 - b) para o magistério.
- 4 Criação de classes-de-recuperação (150 para estudo-piloto).

II

DELEGACIAS

3 As Delegacias do Ensino Elementar Ampliação

52 até 1966
62 em 1968

estão reassumindo aceleradamente

suas funções de predominância técnica, atuantes na obra de melhoria do ensino e de racionalização de seus encargos burocráticos. Foram criadas as Delegacias de Avaré — Fernandópolis — Osasco — Rancharia — São Bernardo do Campo — Tupá — 4 na Capital.

4 A criação de 2 Delegacias do Ensino Elementar para jurisdição sobre os estabelecimentos de ensino municipal e particulares facilitará: a) assistência pedagógica e acompanhamento de suas atividades, até hoje descuidada; b) reorganização, em profundidade, da Comissão do Ensino Primário pelas Empresas (CEPE), órgão importantíssimo na política do salário-educação. Salário Educação

5 Acrescente-se que para atendimento das novas Delegacias foram criados 60 cargos de Inspectores Escolares. Mais Inspeorias

6 Pronta, submetida a aprovação, está a nova distribuição regional das Delegacias do Ensino. Nela atendeu-se à divisão administrativa regional e sub- Novas Regiões Escolares

regional do Estado e, em especial, aos interesses da Educação.

III

7 Em 1967 anunciou-se a reorganização do Currículo e dos Programas do Ensino Primário. Em 1968 foi aprovado, para execução cautelosa, assistida e aferida; o Nível I, em março; o Nível II, em agosto.

8 O atual Programa da Escola Primária de São Paulo imprime novo conceito de Educação Primária, indicando objetivos de um ensino renovado. "Mais do que uma revisão de programas, implantação de nova mentalidade — no corpo técnico, no corpo docente, no corpo discente, na comunidade." Seus fundamentos são científicos, traz êle a preocupação de realismo e objetividade, preocupado com o mundo em mudança e as perspectivas futuras. Já identificado com o País de amanhã, a atual administração sabe das dificuldades para ser sentido de imediato — por isso, não o apresenta solto, antes comprometido com toda série de providências complementares, que darão frutos a seu tempo. Assistentem e assistem a sua implantação: a) 850 técnicos orientadores (SOP — SEROPs); b) cursos especializados para o Nível I e Nível II, destinados aos orientadores; c) cursos multiplicativos em cada SEROP (para professores, diretores de grupos escolares, inspetores

NÓVO PROGRAMA

Aprovação

Espírito

escolares): d) SOP — centro de estudo e análise permanentes.

IV

9 A exigência de se fixar novo espírito na Escola Primária, renovando-a, melhorando-a, já tem realizações — filosofia e política — irreversíveis. Essa tarefa pode estar centralizada, em dado momento, nos chamados "órgãos de cúpula" — que somam aspirações, planejam e dispõem de instrumentos executivos — mas devem ser conscientes de que o êxito se apóia:

- a) no Professor Primário: que capaz e dedicado; nem por outro motivo toda a política educacional primária atual dá ampla liberdade docente ao mestre e se estrutura para apoiá-lo e contribuir;
- b) no Diretor de Grupo Escolar, que deve ser elevado à categoria de "supervisor", com autoridade técnica e dispor de recursos de ordem material e administrativa;
- c) no Inspetor Escolar, que se viu entregue à própria sorte, desassistido, desatualizado, preso a tarefas predominantemente administrativas, de rotina e protocolares;
- d) no Delegado do Ensino, autoridade maior, de cuja superin-

PLANO DE TRABALHO

Os Executores

tendência efetiva, competência, discernimento, agressividade e ação emanarão as forças mantenedoras e revisoras de um ensino ativo.

10 Novo Programa é simples ponto de referência. A Chefia do Ensino Primário assim vê, panoramicamente, o trabalho de melhoria da escola primária:

- a) escolas e equipamentos com mínimos racionais;
- b) professores e autoridades em posição de dignidade;
- c) órgãos dirigentes superiores verdadeiramente atuantes e identificados;
- d) o professor, em sua sala-de-aula, livre e responsável;
- e) o diretor, técnico e orientador;
- f) o inspetor assumindo a responsabilidade do nível de educação de seu Distrito;
- g) SOP E SEROPs, centros de estudos, de pesquisa, de multiplicação de experiências.

11 Eis as etapas do planejamento da Chefia do Ensino Primário:

- 1967 — Preparação de uma infra-estrutura: revisão do Programa; assentamento de uma "filosofia"; reestruturada orientação pedagógica.
- 1968 — Novo Programa. Implantação de SEROP em tô-

das as Delegacias do Ensino. Centros Pilotos. Preparação de documentos básicos. Preparação inicial de orientadores pedagógicos. Sensibilização do professorado.

12 As vezes se esquece, mesmo nos nossos meios escolares, de que a Educação — vencido um estágio, integrada em um momento histórico decisivo, retardada (mesmo não existindo censuras localizadas) — a Educação exige tempo para reformular-se, etapas fatais que devem ser vencidas pacientemente, com persistência, segurança e até... coragem. A Chefia encontrou uma situação de fato: a "acomodação" (o que pode existir de mais anti-escola e anti-educação) já minava amplos setores de toda a estrutura e ideais da outrora imponente escola primária paulista. Teve de optar: ou convocava, para a renovação, os elementos dirigentes do alto (inspetores escolares e diretores de grupos escolares) ou prepararia a base: Programa/Orientação Pedagógica / Professores. Preferiu partir de baixo para cima.

13 Mil novecentos e sessenta e nove será o ano para os Inspectores escolares e Diretores de Grupos Escolares. Eles podiam esperar: pela formação que já possuem; experiência; liberdade de ação. Mesmo assim, a Chefia não os viu, neste intenso ano de estudos, análises, providências, reorganizações —

Para
A
Melhoria

As
Etapas

Exigências

Inspectores
E
Diretores

não os viu apáticos ou dificultadores. Pelo contrário, o que já se conseguiu traz a marca de suas presenças.

14 A reorganização das Inspetorias e Diretorias é mais complexa. São Paulo está muito atrasado em administração escolar. As Delegacias se insularam; as inspetorias lutam, ainda, até com problemas de diárias e condução — precisamente no Estado mais bem servido de rodovias, na Federação, e com a maior produção de veículos, na América do Sul; as Diretorias não se comunicam, nem na própria cidade, divorciadas da comunidade — sem secretaria organizada, sem ensino planejado, sem troca das ótimas experiências e realizações que muitas, herdicamente, produzem.

15 Se a orientação pedagógica deve existir, o Diretor de Grupo Escolar é o titular nato, em sua unidade escolar; o Inspetor é o titular, em um Distrito; o Delegado, em uma Região. Delegacias/Inspetorias/Diretorias mais técnicas.

16 O SOP — Setor de Orientação Pedagógica da Chefia do Ensino Primário, do Departamento de Educação se constituirá em centro de pesquisas, estudos, publicações, cursos — divulgação — para alimentarem os SEROPs — Setores Regionais de Orientação Pedagógica: órgão técnico instalado em cada Delegacia do Ensino, atuando como elemento multiplicador.

Administração
Escolar

Os
Titulares

SOP
SEROPs

ATÉ 1966			1967/68		
Número	Técnicos		Número	Técnicos	
SOP	1	32	1	30	
SEROP	13	65	55	850	

17 A implantação do ensino planejado; estudo da reorganização de Inspetorias e Diretorias; integração dessas autoridades no espírito da renovação e da melhoria da escola são tarefas do primeiro — dos quatro programados — curso a Inspetores e Diretores, em janeiro/fevereiro de 1969.

18 Somente após essa integração é que a Chefia vê possibilidade de sugerir:

- a) regulamento do Ensino Primário;
- b) fixação e legalização da orientação pedagógica;
- c) reorganização das Delegacias/Inspetorias/Diretorias.

V

19 Empreendimento significativo, em 1968 — por envolver execução objetiva de nova concepção de orientação pedagógica —, foi a promoção de cursos específicos destinados aos técnicos orientadores:

Ensino
Planejado

Próximas
Tarefas

FUNDAMEN-
TOS

Cursos

- a) I Curso aos Orientadores Pedagógicos. De 15 de janeiro a 2 de fevereiro. 426 participantes. Preparação de professores-orientadores para implantação do novo Currículo e Programas do Ensino Primário;
- b) II Curso aos Orientadores Pedagógicos. De 26 de agosto a 6 de setembro. 410 participantes.
- c) Curso a 61 Inspectores Escolares e 55 Coordenadores de SEROPs.
- d) Curso a 52 professores de classes-de-recuperação.

20 Esses cursos, os primeiros, substanciais, dizem da preocupação de estudo, revisão, troca de experiências,

Estudo

crítica, preparação, que constituem o fundamento orientador da Chefia do Ensino Primário.

VI

O
MAIS

21 No mais: a Chefia está instalada condignamente; dispõe de pessoal e equipamento suficientes; pôde atender razoavelmente os SEROPs de material de consumo, algum equipamento e material pedagógico.

Guarda uma esperança: racionalização dos trabalhos burocráticos — só possível, reestruturando-se toda a Secretaria da Educação.